

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA - CCSST
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO - PPGCOM

TÁTYNA VIANA BARBOSA

RECONFIGURAÇÕES DE PRÁTICAS NO TELEJORNALISMO DO MARANHÃO NA
PANDEMIA DA COVID-19

IMPERATRIZ
2022

TÁTYNA VIANA BARBOSA

RECONFIGURAÇÕES DE PRÁTICAS NO TELEJORNALISMO DO MARANHÃO NA
PANDEMIA DA COVID-19

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestra em Comunicação. Linha de Pesquisa 2: Rotinas, Práticas Profissionais e Processos Sociopolíticos

Orientador: Prof. Dr. Lucas Santiago Arraes Reino

IMPERATRIZ

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

BARBOSA, Tátyna Viana.
RECONFIGURAÇÕES DE PRÁTICAS NO TELEJORNALISMO DO
MARANHÃO NA PANDEMIA DA COVID-19 / Tátyna Viana BARBOSA. -
2022.

115 f.

Orientador(a): Lucas Santiago Arraes REINO.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Comunicação/ccim, Universidade Federal do Maranhão,
Imperatriz, 2022.

1. Mudanças. 2. Pandemia. 3. Práticas. 4. Rotinas
produtivas. 5. Telejornalismo regional. I. REINO, Lucas
Santiago Arraes. II. Título.

TÁTYNA VIANA BARBOSA

RECONFIGURAÇÕES DE PRÁTICAS NO TELEJORNALISMO DO MARANHÃO NA
PANDEMIA DA COVID-19

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCom, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Aprovação em ___/___/___

Orientador: Prof. Dr. Lucas Santiago Arraes Reino

Examinadora – Prof. Dr^a. Marcelli Alves

Examinador - Prof. Dr. Vitor Curvelo Fontes Belém

IMPERATRIZ
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que não me deixou desistir diante de tantos percalços. Mas antes de seguir abrindo meu coração grato, quero derramar o choro entalado nas madrugadas solitárias de estudos e produção. Escrever me liberta.

Apesar da felicidade em ser aprovada para um mestrado em uma universidade pública e em comunicação, temi que as dificuldades que foram surgindo ao longo desses últimos dois anos me deixassem no meio do caminho. Por muitas vezes me senti angustiada. Cheguei a verbalizar essa aflição em tom de arrependimento por não estar sendo a pesquisadora que eu imaginei que seria. Eu queria mais tempo dedicado aos estudos e nas horas que eu me propunha, era vencida pelo cansaço da rotina.

Eu sabia que os problemas da vida cotidiana iriam acontecer, mas eles vieram de forma avassaladora. Nesse período de pesquisa tendo a pandemia da Covid-19 como pano de fundo do meu objeto, das transformações do telejornalismo, como toda a população, convivi com o vírus de perto, com familiares e colegas de trabalho infectados, e acompanhei no hospital os últimos dias de um tio-primo que não teve o direito de ser vacinado e foi presa fácil do vírus algoz. O episódio mais dolorido de 2021.

Dividir o tempo com a pesquisa, a maternidade, os afazeres domésticos, o trabalho como jornalista, tomada pelo medo, vazio e revolta, foi a conta mais difícil de fazer sem que uma das partes, em algum momento, estivesse prejudicada. Logo no começo de 2022, na fase de análises da pesquisa, ganhei um hóspede que descobriu e lutou contra um câncer por oito meses dividindo a casa, dores e emoções. Incluí na rotina a missão de cuidadora do meu sogro e nos meus braços ele descansou. O episódio mais difícil de 2022.

As lágrimas que agora me lembram a impotência que me rondava quando eu não conseguia avançar na pesquisa, ao recordar essa trajetória, me mostram que, por um lado, estudar foi a parte mais leve nesse percurso de pandemia. Uma válvula de escape que me tirava por horas da dura realidade enfrentada, entre tantos problemas.

Com as dificuldades do ensino remoto, formamos um grupo virtual de apoio de colegas mestrandos que sempre me encorajava a seguir em frente. Agora sim, retomo os meus agradecimentos.

Ao “Nós que lute – Turma 2020”, o grupo de WhatsApp que garante até diploma de mestre, obrigada por não me remover.

À minha rede de apoio incondicional: mãe, marido, filhos, irmãos, família! Obrigada por todo o suporte. Vocês são a melhor rede, balança, mas não cai.

Aos amigos que nessa jornada me encontraram com palavras de incentivo, que me deram força sem saber, sou grata por tê-los comigo. Mas um, em especial, eu não posso deixar de mencionar. Meu para sempre “chefinho” Alan Milhomem, que foi ombro amigo com a experiência da vida acadêmica, me deu dicas, tirou dúvidas, encaminhou material e ouviu meus lamentos disposto a me ajudar. Espero abraça-lo em breve e dizer “muito obrigada”, pessoalmente.

Aos colegas de trabalho, que testemunharam as minhas aflições tentando conciliar diferentes jornadas, e aos entrevistados nesta pesquisa que forneceram informações importantes garantindo a materialidade deste trabalho.

Por último, e não menos importante, ao meu orientador Lucas Reino. Obrigada pelas correções, contribuições e direcionamento, mas, sobretudo, pela compreensão, pelos prazos e por respeitar o meu processo. Por me incentivar como pesquisadora.

Mesmo afetados direta e indiretamente pela pandemia, os jornalistas brasileiros continuaram o seu trabalho e cumpriram um relevante papel na divulgação de informações verdadeiras sobre a Covid-19, a assistência médica e hospitalar e a vacinação. Assim, contribuíram para que o país não fosse devastado pela pandemia e ajudaram a aliviar a dor vivida coletivamente (Maria José Braga

Presidenta da Federação Nacional dos
Jornalistas – FENAJ, 2021).

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de entender as mudanças no telejornalismo regional maranhense durante a pandemia da Covid-19, fenômeno ainda em curso. Nesse cenário de transformação nas rotinas de produção, a pergunta que norteia o estudo busca registrar se a produção noticiosa, no contexto de crise sanitária, está ressignificando métodos tradicionais de produção e de divulgação dos fatos. A pesquisa investiga o processo de produção de notícias no telejornal Bom Dia Mirante da TV Mirante, afiliada da Rede Globo no Maranhão. Para tanto, analisa-se o período de 02 de março de 2020 a 28 de fevereiro de 2022, para identificar novas práticas que surgiram na rotina produtiva resultantes do distanciamento social e das medidas de prevenção. Além disso, observar-se os usos e apropriações dos jornalistas em relação aos dispositivos digitais na produção de notícias; e ainda registra as percepções dos profissionais sobre a nova rotina neste período. À luz das teorias do *Newsmaking* (WOLF, 2001) e do *Gatekeeping* (SHOEMAKER, 2011), o estudo analisa como os acontecimentos se transformam em notícia e, amparados em Becker (2016), observa-se a reinvenção dos noticiários televisivos na atualidade. Esta é uma pesquisa qualitativa que também se aproveita da observação participante (PERUZZO, 2005) e da técnica de entrevista em profundidade (DUARTE, 2010) realizadas com profissionais da área que atuam na rotina produtiva do Bom Dia Mirante. Concluímos, então, que a pandemia mudou práticas tradicionais na rotina produtiva no referido telejornal, como uso exacerbado de materiais audiovisuais produzidos pelas fontes e telespectadores muito além do envio espontâneo. Houve ainda a adoção da entrevista on-line no programa, além do WhatsApp como principal ferramenta de comunicação interna, com as fontes e audiência, para o envio de material colaborativo. O estudo também identificou que o telejornalismo se adapta às mais adversas condições impostas para cumprir o seu papel social de informar, sinalizando novos formatos que devem permanecer após sete décadas de práticas cristalizadas no jornalismo brasileiro.

Palavras-chave: Telejornalismo regional. Rotinas produtivas. Mudanças. Práticas. Pandemia. Bom Dia Mirante.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Jornalista Roberto Fernandes e o repórter Erisvaldo Santos.....	54
Figura 2 – Jornalista Roberto Fernandes entrevistando Lula Filho.....	55
Figura 3 – Espelho do Bom Dia Mirante de 16 de março de 2022.....	56
Figura 4 – Soares Júnior entrevistando o médico via Skype.....	61
Figura 5 – Vídeo gravado com celular e enviado à TV Mirante.....	65
Figura 6 – Exemplo de reportagem com vídeo amador enviado à TV Mirante.....	67
Figura 7 – Repórter Márcio Novais em entrada ao vivo usando máscara.....	77
Figura 8 – Repórter Erisvaldo Santos se emociona ao retirar a máscara ao vivo.....	78
Figura 9 – Repórter Márcio Novais entrevistando o prefeito de Imperatriz.....	80
Figura 10 – Espelho com nota chamando os telespectadores para participação.....	81
Figura 11 – Material enviado pelo público apresentado no telão do BDM.....	82
Figura 12 – Elbio Carvalho apresentando o boletim da pandemia.....	84
Figura 13 – Douglas Pinto participando do Bom Dia Mirante direto de sua casa.....	85
Figura 14 – Entrada ao vivo do repórter Douglas Pinto sozinho da rua onde mora.....	86
Quadro 1 – Equipe do Bom Dia Mirante.....	52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A TV EM UM CENÁRIO DE CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA.....	15
2.1	O formato do telejornal.....	18
2.2	A TV convergente.....	22
2.3	O telejornalismo e a Covid-19.....	27
2.4	O telejornalismo regional.....	30
3	AS ROTINAS PRODUTIVAS NO TELEJORNALISMO.....	32
3.1	O Gatekeeping na rotina produtiva.....	35
3.2	WhatsApp e Skype na rotina de produção.....	39
3.2.1	<i>Skype: auxílio para chamadas de vídeo nas entrevistas.....</i>	<i>45</i>
4	CAMINHO METODOLÓGICO.....	47
4.1	O telejornal Bom Dia Mirante.....	51
5	PANDEMIA E AS RECONFIGURAÇÕES DAS PRÁTICAS TELEJORNALÍSTICAS NO BOM DIA MIRANTE.....	54
5.1	Mais tempo, mais conteúdo no telejornal.....	55
5.2	Novos protocolos na TV Mirante.....	58
5.3	A entrevista on-line no contexto da pandemia.....	60

5.4	Mais espaço para o vídeo amador no telejornal.....	64
5.5	A checagem como premissa básica – é fato ou fake?.....	69
5.6	O WhatsApp como facilitador.....	73
5.7	Uso da máscara no telejornal.....	76
5.8	O microfone e a quebra a hierarquia.....	79
5.9	Convite à participação – o telespectador na tela do Bom Dia Mirante.....	80
5.10	Quadro exclusivo – Boletim Pandemia de Coronavírus.....	83
5.11	O home office no telejornalismo.....	85
5.12	Afastamentos e perdas.....	87
5.13	Apontamentos da pesquisa.....	95
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
	REFERÊNCIAS.....	103
	APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	111
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	111

1 INTRODUÇÃO

Em 5 de março de 2020 o Maranhão notificava o primeiro caso suspeito do novo coronavírus, mas desde o dia 26 de fevereiro do mesmo ano o Brasil entrava definitivamente no alvo do vírus Sars-Cov-2 com a confirmação do primeiro caso no país, em São Paulo, pelo Ministério da Saúde. Quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia da Covid-19¹, em 11 de março de 2020, o telejornalismo foi surpreendido por expressivas transformações sem precedentes, que vêm reconfigurando o modo de fazer jornalismo.

Sempre conectado aos avanços da tecnologia e à chegada da internet, o jornalismo mais uma vez percebeu a força da televisão como um meio de consumo de informação no Brasil soberano na maioria dos lares. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2020), a TV ainda é o meio mais democrático e o eletrônico mais comum nas casas brasileiras, presente em 96,4% dos domicílios pesquisados em 2018. A Pesquisa Brasileira de Mídia - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira, feita pelo IBOPE para Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal e divulgada em janeiro de 2017, revela que 63% dos brasileiros têm a TV como principal veículo para se informar e 26,7% preferem a internet.

Uma pesquisa do Kantar Ibope Media² também aponta que o consumo individual de televisão no Brasil em 2020 foi o maior nos últimos cinco anos. Na grade de programação, o interesse do público por diferentes tipos de conteúdo mostra o jornalismo como o grande destaque, com aumento de 30% de consumo em abril de 2020, período de explosão dos casos da Covid-19. O que se justifica na permanência maior das pessoas nos lares com a adoção de medidas restritivas para conter o avanço da pandemia no país.

Os meios eletrônicos, a exemplo da televisão, aproximam o homem e a informação. E a TV tem sempre um lugar cativo entre autores que dedicaram a ela seus estudos, como Bourdieu (1997), Martin-Barbero (1997), Brandão (2010), Becker (2016), entre outros. Mesmo com a difusão da internet, a televisão continua impactando a vida das pessoas.

¹ Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2.

² A Kantar é a empresa líder mundial em dados, insights e consultoria. Disponível em: <https://www.exibidor.com.br/noticias/mercado/11737-consumo-individual-de-televisao-em-2020-foi-o-maior-dos-ultimos-cinco-anos>. Acesso em: 14 ago. 2021.

Acompanhando os avanços tecnológicos e as transformações sociais, a televisão segue se adaptando e reconfigurando suas práticas e formas de apresentação. Com as plataformas digitais e os dispositivos móveis, influenciada também pelas redes sociais, a experiência de consumo e de produção telejornalística está se modificando. É uma via de mão dupla que favorece essa transformação. Além de ser um meio democratizador de informação, a televisão está inserida no cotidiano das pessoas como formadora de opinião.

A televisão representa e define o mundo em que vivemos, sobretudo pelo modo como proporciona conhecimento através de novas formas de interação, relações sociais e produção de informação. Deste modo, o jornalismo televisivo, pelo seu poder de visibilidade e representatividade, deve ser considerado como um dos principais veículos de conhecimento e de promoção de produção de sentido sobre a realidade existente no nosso cotidiano, de modo a que se possa construir a realidade social enquanto realidade pública e coletivamente relevante (BRANDÃO, 2010, p. 64).

Sendo o jornalismo o responsável por levar a informação considerada de interesse público para a sociedade, em seus diversos suportes, essa importante atividade assumiu um papel central e ainda mais desafiador como forma de conhecimento (VIZEU; CORREIA, 2008), mas na pandemia da Covid-19 se viu limitada principalmente nas situações que impõem o distanciamento social, buscando na tecnologia uma forma de diminuir esses impactos.

Algumas mudanças ficaram facilmente perceptíveis ao telespectador. No telejornalismo brasileiro as equipes de reportagem ganharam um acessório a mais, que passou a ser de uso obrigatório nos espaços públicos: a máscara. Nas rotinas produtivas do jornalismo essas mudanças vão muito além da nova forma de apresentação dos repórteres, com o acessório incorporado às rotinas. As direções das emissoras de televisão não demoraram a perceber a urgência na adoção de medidas que garantissem, inicialmente, a saúde de seus profissionais e que evitassem a disseminação da contaminação nos ambientes de trabalho e fora deles.

O distanciamento social se fez necessário e obrigatório como uma das principais medidas de prevenção à Covid-19. Apesar do retorno gradual de algumas atividades, a exemplo das instituições de ensino particulares e públicas – redes estadual e municipal – que retomaram as aulas presenciais, no formato híbrido e em sistema de rodízio, na maioria das cidades maranhenses. Outras atividades

permaneceram realizadas por meio remoto, o que também refletiu na rotina de produção do telejornalismo, desde a marcação da pauta à presença das equipes de reportagem para a produção de conteúdo em determinados ambientes, que restringiram a circulação de pessoas para evitar o contágio pelo coronavírus.

Nesse período de quarentena experimentado no mundo inteiro, especialmente no primeiro ano da pandemia, com medidas mais severas e até o chamado *lockdown*³, registrado em 5 de maio de 2020 no Maranhão, o trabalho da imprensa mais uma vez foi considerado atividade essencial. O Maranhão foi primeiro estado a decretar o confinamento obrigatório na capital São Luís e mais três cidades da região metropolitana. O decreto estadual⁴ que definiu as restrições do *lockdown* incluiu o jornalismo nos serviços de telecomunicações e comunicação social que tiveram o funcionamento permitido, reforçando a importância da atividade na divulgação de informações durante a pandemia, mesmo com uma série de medidas restritivas que impactaram diretamente a vida dos profissionais no exercício da atividade jornalística e, também, em situações de cunho pessoal.

O jornalismo seguiu e segue exercendo um papel importante na sociedade como fonte de informação. Um estudo global divulgado pela agência global de comunicação Edelman⁵ mostra que 64% da população de dez países, entre eles o Brasil, vê o trabalho da imprensa como a fonte mais confiável no contexto de pandemia da Covid-19. Há um aumento na confiança e na busca por veículos tradicionais de comunicação, caso do telejornalismo. Outro levantamento divulgado pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT)⁶, feito pelo Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo, analisou 46 mercados e mais da metade da população mundial. Segundo a pesquisa, cresceu a confiança nas notícias, em especial de veículos de comunicação de reputação consolidada. O levantamento apontou que a média da confiança no jornalismo profissional cresceu

³ *Lockdown* é a versão mais rígida do distanciamento social. Imposição do Estado que significa bloqueio total. No cenário pandêmico, é uma medida para conter a propagação do vírus quando outras medidas de isolamento social e a quarentena não são suficientes.

⁴ Disponível em: <https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/wp-content/uploads/2020/05/DECRETO-35.784-DE-3-DE-MAIO-DE-2020.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.

⁵ A Edelman é uma agência global de comunicação, parceira de empresas e organizações para construir, promover e proteger suas marcas e reputações. Fundada em 1952 por Dan Edelman, é uma empresa familiar e independente. No Brasil tem operações em São Paulo e no Rio de Janeiro.

⁶ Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/notmenu/reuters-veiculos-profissionais-ganharam-mais-confianca-durante-pandemia.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

seis pontos, e alcançou o marco de 44% de entrevistados que afirmam confiar nas informações prestadas o tempo todo. No Brasil, 54% responderam o mesmo.

Com o objetivo de entender como a rotina produtiva do telejornalismo foi modificada, desde o processo de apuração da informação, produção e veiculação dos conteúdos, esta pesquisa faz uma análise da rotina produtiva na redação da TV Mirante, afiliada à Rede Globo no Maranhão, para visualizar na prática como essas mudanças interferem em um novo modo de fazer telejornalismo impulsionado pela pandemia da Covid-19. Para entender as mudanças de práticas, a pesquisa faz um recorte no período de quarentena, durante dois anos, de março de 2020 a fevereiro de 2022. A análise tem como foco a rotina do programa Bom Dia Mirante, o maior programa da grade jornalística da TV Mirante, veiculado em todo o estado das 6h às 8h30, diariamente, com participações em reportagens e entradas ao vivo de todas as praças⁷ do interior do estado, ancorado em São Luís.

Por estar inserida na rotina produtiva de um telejornal da referida emissora na cidade de Imperatriz⁸, a autora optou pela observação participante como metodologia, já que a pesquisadora acompanha e vive a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação e tem na origem de sua pesquisa o interesse do investigador de conhecer melhor os processos de comunicação (PERUZZO, 2005). Para auxiliar na coleta de dados foram realizadas entrevistas em profundidade (DUARTE, 2005) com os profissionais envolvidos na rotina do Bom Dia Mirante.

Nas teorias do jornalismo, uma abordagem que pode lançar caminhos para pensar o fazer jornalístico é o *Newsmaking*. Sob essa perspectiva teórica que analisa os fatores que interferem no conteúdo das mensagens, buscamos entender as novas dinâmicas das redações e suas reconfigurações na contemporaneidade.

Para compreender mudanças e permanências nas práticas profissionais, com a inserção de novos elementos ao campo jornalístico e de que forma eles interferem na rotina do profissional, este trabalho parte do seguinte questionamento: a produção noticiosa durante a pandemia da Covid-19 tem ressignificado métodos tradicionais de apuração e de divulgação dos fatos? Outra questão que a pesquisa também salienta, mesmo a pandemia sendo um fenômeno em curso, é se, na

⁷ Praça ou sucursal é a terminologia utilizada para caracterizar as retransmissoras de conteúdo produzido pelas emissoras afiliadas a veículos nacionais, podendo também ser produtora.

⁸ Imperatriz é uma cidade brasileira do estado do Maranhão, Região Nordeste do país. Localiza-se na Região Metropolitana do Sudoeste Maranhense e sua população em 2020 era de 359 456 habitantes, sendo o segundo município mais populoso do estado maranhense.

percepção dos jornalistas da TV Mirante, eles visualizam que essas mudanças devem perdurar. O estudo problematiza ainda nessa nova fase do telejornalismo, se os jornalistas trabalham sob pressão, diante das condições vivenciadas neste cenário de pandemia.

A escolha da TV Mirante como campo empírico da investigação se deu por ser uma emissora de destaque no Maranhão, integrante de um dos maiores grupos de mídia televisiva nacional, que alcança o maior número de cidades do estado com sinal retransmissor da TV Globo (ATLAS DE COBERTURA REDE GLOBO, 2020).

Nessa relação com o campo estudado, a pesquisadora considera um privilégio estar imersa nesse espaço e atenta às afirmações de Minayo (1994), entende que a postura do pesquisador em relação à pesquisa não deve ser a de confirmar aquilo que ele considera saber, mas compreender o campo como possibilidade de novas relações. O campo torna-se um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos.

No processo inventariante da pesquisa com base no catálogo de teses e dissertações da Capes e nas publicações selecionadas pelas palavras-chave “rotina produtiva”, “telejornalismo” e “mudança”, ao fazer o recorte por títulos que dialogavam com a temática escolhida nos últimos dez anos, percebeu-se que as pesquisas sobre rotinas produtivas do telejornalismo estão mais concentradas na Região Sudeste, seguida pela região Nordeste e Centro-Oeste, e por último a região Sul. O que também reforça a importância da pesquisa com foco no telejornalismo regional, pois o Nordeste ainda não tem tantas publicações que abordem as rotinas produtivas.

Com o intuito de relacionar as discussões teóricas com as rotinas produtivas na TV Mirante durante a pandemia, esta pesquisa está estruturada em quatro capítulos. Após a Introdução, no capítulo intitulado Televisão, iniciamos uma breve abordagem histórica da evolução da televisão e do telejornalismo, destacando as características do jornalismo no século XXI, associado ao uso da tecnologia móvel (CANAVILHAS; FIDALGO, 2016), com sua nova roupagem, transmissões ao vivo (SILVA, 2013) e o uso de aplicativos e redes sociais on-line (PORTO; FLORES, 2012).

No segundo capítulo, dedicado à Rotina Produtiva, para entender melhor a rotina dos profissionais é feita referência aos estudos do *Newsmaking* (WOLF,

2001), que identifica os acontecimentos considerados suficientemente relevantes para serem transformados em notícia, com a seleção do conteúdo utilizando a recente Teoria do *Gatewatching* (BRUNS, 2005), que são as práticas lideradas por usuários e com fontes múltiplas, como uma evolução da Teoria do *Gatekeeping* (SHOEMAKER, 2011). Também é apresentada a conceituação dos valores-notícia, embasada em autores como Wolf (2012) e sobretudo mostrando o que é a rotina produtiva (VIZEU, 2014), o uso e apropriações de ferramentas tecnológicas como WhatsApp e as redes sociais (CANAVILHAS, 2011) na construção da pauta, em um cenário de convergência (JENKINS, 2013).

Neste capítulo a pesquisa traz as considerações que debruçam o olhar para as novas práticas de quem está inserido na rotina produtiva de um telejornal vivenciando as mudanças durante a pandemia da Covid-19. Ao investigar e refletir sobre novas formas de produção nas redações, com o uso das tecnologias digitais no fazer jornalístico e na própria notícia, a relevância do trabalho se justifica pela capacidade da informação jornalística evidenciar características da sociedade atual, além de contribuir para o registro de novas práticas no telejornalismo durante esse período.

O terceiro capítulo trata dos procedimentos metodológicos e, por último, apresentamos a análise dos resultados obtidos por meio das entrevistas com os editores-chefes, apresentadores, produtores e repórteres do Bom Dia Mirante, associando com as impressões obtidas na observação participante e registradas em um diário de campo (MINAYO, 2016), além de análise dos espelhos do telejornal e de mensagens do grupo de WhatsApp específico da equipe do telejornal. Por fim, são tecidas as considerações finais que destacam o entrelaçamento das questões teóricas e pesquisa de campo, apontando para as alterações identificadas, as mudanças nas práticas telejornalísticas e indicações de possíveis desdobramentos em outros estudos.

2 A TV EM UM CENÁRIO DE CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA

A televisão ainda é a principal anfitriã na maioria dos lares quando pensamos em eletrônicos, com posição de destaque na sociedade. Ela permite que as pessoas vivenciem uma experiência ampla, através da imagem, por meio de sons, cores e texto, e torna familiar o que acontece ao seu redor e o modo como as pessoas veem o mundo. Marcondes Filho (1988) vai além e diz ainda que ela mostra à sociedade o “mundo da fantasia”, criando sensações por meio de seus produtos midiáticos fictícios ou reais, como as telenovelas e os telejornais. Becker (2016, p. 13) reafirma que ela:

[...] continua ligada durante muitas horas e se expande para outras telas pequenas ou gigantes com diferentes resoluções de imagem, direcionando conversações e debate relevantes para a sociedade no ambiente doméstico, profissional e nas ruas das cidades, os quais provocam indignação e comoção.

O fato é que, de acordo com o relatório TIC Domicílios 2018, divulgado em 2019, a televisão continua sendo o principal suporte utilizado pelos brasileiros, em 96% dos lares. Somente 25% desses têm TV por assinatura, logo, a maioria consome conteúdo audiovisual pela TV aberta. Presente no país há exatos 72 anos, desde a pioneira TV Tupi, inaugurada em 1950, em todas as fases que vivenciou a televisão continua sendo um grande instrumento econômico, político, social e cultural (MATTOS, 2010).

Apesar de não ter sido o primeiro meio de comunicação a mostrar o vídeo ao mundo, mérito do cinema, a popularização da tela nas moradias brasileiras acrescentou à TV novas técnicas e formas de interação com o público. Antes mesmo do cenário de pandemia vivenciado nos últimos dois anos, Becker (2016) já assegurava que a TV não deixou de exercer a centralidade na mídia contemporânea, principalmente pela possibilidade de acompanhar a cobertura dos grandes acontecimentos em transmissões ao vivo.

Não se pode analisar esse novo momento por qual passa o jornalismo e o telejornalismo, com mais de dois anos de pandemia da Covid-19, sendo um acontecimento ainda decorrente, sem considerar as sete décadas de história do telejornalismo brasileiro. Para retomar essa história é preciso refazer os caminhos de desenvolvimento da televisão.

O crescimento do telejornalismo no Brasil se deu paralelo à evolução da televisão, em um percurso atravessado pelos avanços que permitiram mais qualidade tecnológica ao aparelho de TV e das próprias tecnologias de comunicação, que asseguraram novos formatos de produção e dinamismo no telejornal, principalmente depois da internet.

As novas possibilidades alternativas de acesso a conteúdos audiovisuais por meio dos portais web aliados ao aparecimento de um telespectador cada vez mais exigente, reforçaram a necessidade de reconfiguração da TV, em seu sistema e suporte. No início dos anos 2000, a televisão passou por mudanças em seus equipamentos para adquirir mais qualidade de imagem e som, e chegou à era digital.

O modelo japonês de TV Digital foi inaugurado no Brasil em 2 de dezembro de 2007 com imagem bem definida, multiprogramação e interatividade. Siqueira (2008) destaca que esse tipo de TV ultrapassa a simples ideia de inovação no som e na imagem e à longo prazo marcará uma nova era na comunicação de massa. Esses avanços tecnológicos proporcionados pelo digital são o que diferencia as mídias. Enquanto as mais antigas têm base analógica, as novas dispõem de vários outros recursos, como mobilidade, portabilidade e interatividade, que são possíveis graças à associação das telecomunicações com informática.

No cenário midiático o qual está inserida, a televisão não é apenas um conjunto de programas distribuídos na grade da programação de uma emissora, mas funciona e se expande imersa em multiplataformas com protocolos próprios e pode ser acessada de diferentes maneiras por meio de interfaces e hiperlinks. Para Becker (2016), os aparelhos de TV ganharam ainda mais evidência quando deixaram de ocupar a cena doméstica e estão instalados em ambientes públicos e privados com conteúdos acessíveis através de diferentes dispositivos.

A televisão digital é uma complexa relação entre sites, telas, tecnologia, economias, estéticas, contextos nacionais e globais, espaços de assistência domésticos e públicos, funções de cidadania e consumo, comunidades e fragmentações, assim como de produções estáveis e de práticas de engajamento de audiências e anunciantes diferenciados (BECKER, 2016, p. 61).

Nas emissoras, o novo sistema exigiu mudanças estruturais, nos estúdios, nas câmeras, transmissores, videoteipes. E o telejornalismo acompanhou essas

mudanças além dos equipamentos porque a TV digital reformulou a produção de notícia. A nova tecnologia trouxe mais mobilidade com microfones sem fio, aparelhos portáteis, câmeras com o uso de cartões de memória, permitiu a realização de “links”⁹ em lugares antes inalcançados por demandas de satélite, encurtando os caminhos da notícia que chega ao telespectador, e aumentando as relações de proximidade. Nas redações de telejornais a produção e edição de reportagens foram otimizadas e o digital agora também faz uso de programas de computação gráfica, com técnicas e recursos que dispensam até a presença física do apresentador nos estúdios.

A tecnologia digital transformou a montagem [montagem e edição são sinônimos nesse texto] e, conceitualmente, sua estética, mas a velocidade da edição computadorizada permitiu que a decisão criativa chegasse mais rapidamente do que a antiga tecnologia da montagem. Usar tecnologia para construir imagens técnicas é uma prática tradicional na edição dos telejornais, o novo é que o processo tecnológico é digital, pois a imagem ao ser reduzida a uma combinação de algoritmos aumenta exponencialmente a capacidade de manipulação e põe fim às limitações de construção da realidade apresentadas pela tecnologia analógica. (CABRAL, 2009, p.181).

Se compararmos o jornal da década de 1950 com os telejornais atuais, quando foi ao ar o primeiro telejornal exibido no país com o apresentador sentado em uma bancada, muita coisa mudou. “O telejornalismo sofreu sensíveis mudanças, sempre na direção de um impacto maior, de efeitos visuais e sonoros mais claros e da combinação de uma série de signos, de tal maneira a causar uma grande fascinação diante do público” (MARCONDES FILHO 1994, p. 24).

Os telejornais, por exemplo, sofreram mudanças estruturais dentro das redações e dos estúdios de TV, como a retirada de bancadas; nos modos de produção, tendo as redes sociais como dinamizadoras; nos formatos de notícias, como maior inserção do ao vivo; e nas diversas maneiras que o conteúdo pode chegar até os telespectadores, por meio do aparelho televisivo, ou pelos *smartphones* e *tablets* (MUSSE; PERNISA, 2011; SILVA; BEZERRA, 2013; SIQUEIRA; VIZEU, 2014).

Os telejornais ainda são uma poderosa fonte de informação, mesmo sob os impactos da convergência e das redações integradas. Apesar do aumento do

⁹ Entrada ao vivo de um repórter direto do local da notícia.

acesso à internet e da possibilidade de interação com a *TV on demand*, com a escolha de diferentes tipos de programas de televisão que estejam disponíveis por assinatura, a experiência cotidiana de informação também tem sido baseada na televisão e nos telejornais.

2.1 O formato do telejornal

Ao aperfeiçoar suas qualidades técnicas e desenvolver uma linguagem própria, a televisão tornou-se um fenômeno nacional e começou a inovar em gêneros e formatos. As mídias em geral e a televisão, em particular, foram aos poucos entrando em cena e imputaram para si a tarefa de produção e mediação de narrativas, transformando em negócio a necessidade humana de produzir e partilhar relatos.

A receptividade da população ao meio televisivo alcançou também o telejornal, que passou a ser um dos produtos mais valorizados e exibidos pelos canais abertos em vários horários na grade das emissoras televisivas. Analisando a sua trajetória importada do jornalismo radiofônico, Duarte (2020) faz a seguinte observação sobre a identidade do telejornal, adquirida no decorrer do tempo, ganhando identidade, fidelizando os telespectadores:

Sedentos por notícias, em que pese a concorrência das novas tecnologias e o incomensurável trânsito de informações possibilitado pela internet, a verdade é que os telespectadores vêm permanecendo, ao longo dos anos, cativos dos telejornais: basta clicar, apertar alguns poucos botões e passam a dispor da incrível experiência de ter, de forma organizada, o planeta aos seus olhos. E a televisão, por mais que isso por vezes lhe custe, não se furta dessa tarefa: para dar conta da curiosidade dos telespectadores, não só os canais abertos apresentam diversos noticiários diários, como inúmeros canais fechados centram sua programação nos telejornais. (DUARTE, 2020, p. 6)

Sendo jornalísticos ou não, os produtos televisivos estão organizados na grade da programação divididos em blocos para favorecer a inserção de comerciais, que sustentam as organizações jornalísticas em pleno funcionamento. Da mesma forma é a estrutura do telejornal, organizado em blocos que são preenchidos com conteúdo noticioso e permitem uma movimentação interna do conteúdo planejado, com o deslocamento de informações nos blocos que sucedem ou em edições

posteriores, sem prejuízo ao produto final. Mas quando se fala em telejornal, além dos blocos, esse produto noticioso tem características específicas.

Os telejornais, independentemente de emissoras, canais abertos ou fechados, de modo geral, iniciam com uma vinheta¹⁰ que sinaliza o começo do programa. O tempo do programa é definido pela grade de programação. Ele está dividido em blocos nos quais o conteúdo noticioso é distribuído e hierarquizado. O primeiro bloco, normalmente, traz a escalada - conjunto de manchetes das principais notícias pautadas para a edição. Elas são anunciadas pelo apresentador, podendo ser produzidas com ou sem imagens, e em tempos contemporâneos, dependendo do telejornal, pode contar com entradas ao vivo dos repórteres.

Os blocos contêm as unidades de notícia que podem ser apresentadas em diversos formatos como: reportagem¹¹, nota¹², *standup*¹³ e entrevista¹⁴, separados por vinhetas¹⁵ de passagem e intervalos comerciais, os *breaks*¹⁶. O telejornal tem a função de fornecer informações para que população possa exercer sua cidadania e o conteúdo noticioso é definido a partir de critérios estabelecidos pela organização em sua linha editorial.

A notícia de televisão deve revelar como os fatos aconteceram, identificar personagens, localizar geograficamente a ocorrência, descrever circunstâncias e contextualizá-las para dar a dimensão da amplitude e dos significados que evocam (FERREIRA, 2018, p. 63).

Ao analisar a estrutura narrativa dos telejornais, Becker (2016) revela que os blocos já não têm duração fixa. A bancada do âncora é menor do que a tradicional e o estúdio é elaborado para facilitar a movimentação dos jornalistas, de maneira mais recorrente do que nos noticiários televisivos de rede do chamado horário nobre.

¹⁰ Vinheta é a chamada de curta duração utilizada em abertura, encerramento ou reinício de programa de rádio ou TV, com o objetivo de identificar o programa, a estação ou o patrocinador.

¹¹ Reportagem é um gênero textual jornalístico com características próprias e que tem por objetivo transmitir informações para os receptores.

¹² Nota é uma pequena notícia que se destina à informação rápida.

¹³ *Standup* é uma gravação em que apenas o repórter aparece dizendo as informações de forma resumida.

¹⁴ Entrevista é o diálogo entre entrevistador e entrevistado com o objetivo de extrair declarações e informações sobre determinado assunto.

¹⁵ Vinheta é um vídeo-arte acompanhado de trilha sonora que marca a abertura ou intervalo do telejornal.

¹⁶ *Break* é o intervalo comercial entre blocos de telejornal ou programa de TV

Tanto o apresentador como os comentaristas que participam dos noticiários deixam de aparecer sempre sentados e passam a apresentar as notícias e a emitir as suas opiniões em pé, retomando, de certa maneira, dinâmicas da fértil primeira fase do telejornalismo do Brasil no final da década de 1950 até o golpe militar, em 1964 (BECKER, 2016, p. 49).

Na televisão, as notícias se constituem de som e imagem em movimento, estruturados no processo de edição. Para a construção informativa, os jornalistas selecionam partes do material coletado durante o processo de investigação. Então, se as notícias são construídas com fragmentos de informação, e transmitidas em ritmo acelerado e constante, como é característico do meio, é válido pensar que, muitas vezes a mensagem pode não ser compreendida pelo telespectador.

Para atuar com qualidade e cumprir sua função social, o jornalista deve perceber que, no produto noticioso, o casamento entre o texto e a imagem assume papel fundamental na compreensão da mensagem por parte do telespectador. Barbeiro e Lima (2002) argumentam que o conflito entre imagem e texto deve ser evitado para não confundir ou distrair o telespectador.

Além da clareza na redação, Paternostro (2006) destaca que um texto de televisão tem que ser direto, informativo, simples e pausado, porque requer o entendimento de que se escreve para o ouvido. No telejornalismo, o texto é escrito para ser falado pelo repórter e ouvido pelo telespectador. O incremento do uso de computadores e da internet no Brasil e dos efeitos da convergência também incidem sobre a linguagem dos noticiários televisivos.

Nos telejornais de rede, os efeitos da convergência estão restritos à mudança de cenários ou à breve movimentação no estúdio, e a uma performance mais informal dos âncoras e repórteres, embora os noticiários do horário nobre também passem a incorporar conteúdo colaborativo e a destacar o testemunho, estratégia comumente utilizada pelos telejornais locais (BECKER, 2016, p. 48).

Embora sintamos a necessidade de destacar esses elementos estruturais na construção da realidade, é preciso retomar a questão temporal e sua importância no exercício do jornalismo, principalmente no telejornal, que está muito relacionada à rotina produtiva. O profissional de televisão trabalha dentro de um limitado espaço de tempo, confinado na duração do programa. Nesse contexto, para que o noticiário possa contemplar o maior número de notícias, as histórias são curtas e rápidas, com

informações fragmentadas, mas sem que prejudique a clareza do texto, que é fator primordial na eficácia da mensagem.

Barbeiro e Lima (2002, p. 69) advertem que “qualquer reportagem fracassa se o repórter não disser o que é compreensível para uma pessoa comum”. Por isso, os autores recomendam que ela deve ser contada em forma cronológica evitando duplos sentidos. Dessa forma, facilitam a compreensão da notícia. Assim, construir a notícia de forma sintética e objetiva é característica fundamental do telejornal. Mas não é só por uma questão de comunicação com o telespectador que a notícia é apresentada dessa forma.

Mais do que outros veículos de comunicação, as emissoras de televisão e os telejornais estão subordinados ao fator tempo. É ele que regula a produção da notícia: tempo para que seja apurada e formatada. É tempo de duração, tempo para que atenda o fechamento da edição, tempo de veiculação. Ou seja, todo o processo é constrangido pelo fator tempo que, no aspecto comercial, tem um significado relevante para os meios de comunicação, como atividade comercial. Para não correr o risco de perder lucratividade, nenhum segundo pode ser perdido. Portanto, nesse panorama industrial, essa característica de síntese e objetividade, também atende à lógica de mercado.

De acordo com Rezende (2000), o principal marco que difere a televisão dos demais meios é o ritmo frenético e contínuo de fragmentos de informação apresentados em sequência. No entanto, se a justificativa para o texto enxuto é decorrente do fator tempo, isso não isenta a televisão de ser criticada, por muitos teóricos, de ser superficial no tratamento da informação. O tempo pode comprometer o trabalho de apuração das informações, e a rapidez com que as notícias são veiculadas, muitas vezes, não permite que sejam contextualizadas à realidade em que estão inseridas, o que pode prejudicar a comunicação.

A produção noticiosa, ainda que afetada ou cada vez mais dependente das tecnologias, continua a manter rotinas de trabalho respeitadas por todos os agentes que atuam na imprensa e que fazem com que os produtos jornalísticos cheguem aos seus destinatários no tempo condizente com a natureza dos suportes, o que no telejornalismo se define como *deadline*¹⁷.

¹⁷ *Deadline* é o tempo de fechamento de uma matéria ou jornal. Vizeu (2014) também chama de “linha da morte”, é o prazo máximo para que uma matéria/reportagem esteja pronta.

É inegável que as novas tecnologias trouxeram mais agilidade ao telejornalismo e sua dinâmica de trabalho, mas o deadline de um telejornal interfere diretamente na rotina produtiva. Vizeu (2006) diz que essa é uma expressão decisiva em uma redação, que significa o prazo máximo para que uma telerreportagem seja concluída para ser exibida na edição do dia. O deadline é fator determinante também para que uma telerreportagem seja ou não exibida em um telejornal, uma vez que, mesmo que o material completo seja captado pela equipe, se ele não chegar a tempo de ser editado, não será exibido.

Quanto mais o horário do fechamento do telejornal se aproxima, mais os critérios de importância e interesse se deslocam do público para a própria edição do telejornal. As decisões passam a ser hierarquizadas, e o que pode definir, afinal, se uma reportagem vai ao ar ou se não será exibida, são as necessidades técnicas daquela edição. Uma reportagem apesar de importante para a sociedade, se ficou maior do que o espaço que se tem reservado a ela no espelho do telejornal e não há mais tempo de reeditá-la, esse material corre o risco de não ser exibido naquela edição do telejornal para o qual estava previsto.

Traquina (2004, p. 79) não nos deixa esquecer que a produção telejornalística precisa ter capacidade para controlar e “dominar o tempo em vez de ser vítima dele”, para não prejudicar a qualidade de seus conteúdos noticiosos. Durante a pandemia, os profissionais de televisão, principalmente repórteres, se viram pressionados além do deadline pelas situações em que precisavam manter o distanciamento social, o que também acarretou mudanças nas rotinas produtivas desde a marcação das pautas e organização do trabalho priorizando sempre o fator tempo para não comprometer o conteúdo.

Sousa (2004, p. 21) também destaca que “os prazos de entrega das matérias são normalmente curtos”. No intuito de superar as questões relativas aos prazos de produção, jornalistas e empresas “desenvolveram rotinas de trabalho para enfrentar o tempo, assegurando que no fim do prazo existe um produto jornalístico pronto para ser difundido”.

2.2 A TV convergente

O tempo do acontecimento, a atualização dos fatos e a tecnologia no fazer da notícia sempre causaram um frisson com sombra de desafio para os jornalistas. Luz,

câmera, som, qualidade técnica nos bastidores e programas na redação, tudo isso faz parte de um conjunto de aparato tecnológico para construir e transmitir a notícia na televisão.

Conforme McLuhan (2005), a partir da era da eletricidade, tudo ficou mais instantâneo alcançando inclusive, a comunicação. “Hoje, ação e reação ocorrem quase ao mesmo tempo” (MCLUHAN, 2005, p. 18). Sob a perspectiva do autor, os meios passam a ser tudo aquilo que proporciona experiência. Agora, estamos diante de uma fase de novas experiências, na qual a TV, por exemplo, traz para o telespectador, por meio de seus novos recursos e aparatos, um *upgrade* na imaginação, ampliando o seu campo de visão. O telespectador consegue acompanhar e interagir de maneira mais rápida, às vezes até instantânea, na produção das notícias, podendo inclusive fazer parte ao vivo da sua construção.

Nesse cenário digital, marcado pela conexão e propagabilidade de conteúdos e informações pelas redes digitais (JENKINS; GREEN; FORD, 2014), a audiência pode perceber que, desde o estúdio da TV até a narrativa dos âncoras, as novas ferramentas tecnológicas se fazem presentes. Nas mãos dos âncoras, nada de ficha em papel como material de apoio, os *smartphones* e *tablets* substituíram os papéis para a consulta, informação e leitura. Os dispositivos móveis conectados à internet permitem interagir, ao vivo, diretamente com os telespectadores. Uma evolução que contraria as previsões de que as novas mídias substituiriam as antigas com o fenômeno da convergência.

Os mercados midiáticos estão passando por mais uma mudança de paradigma. Acontece de tempos em tempos. Nos anos 1990, a retórica da revolução digital continha uma suposição implícita, e às vezes explícita, de que os novos meios de comunicação eliminariam os antigos, que a Internet substituiria a radiodifusão e que tudo isso permitiria aos consumidores acessar mais facilmente o conteúdo que mais lhe interessasse. [...] Se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas (JENKINS, 2013, p. 31-32).

Esse cenário configura o que Jenkins (2013) chama de convergência midiática, que se dá nos fluxos de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório

dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. É um processo cultural que altera as relações do espectador com a mídia, que também se caracteriza pela maneira individual na escolha de conteúdos e pelas interações sociais, formas de consumo e relação com a tecnologia.

Segundo esse raciocínio, a convergência é um conceito antigo assumindo novos significados que surgem dentro de um contexto de transformações na comunicação, e no telejornalismo destacamos os aspectos relacionados às fases que envolvem as rotinas produtivas, como recolha, seleção e apresentação. A convergência envolve uma transformação não apenas na forma de produzir, mas também no modo de consumir os meios de comunicação. Representa uma mudança de paradigma com o deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação e qualquer que seja a escolha da indústria midiática,

a convergência está mudando o modo como a mídia das pessoas pensam sobre sua relação com os meios de comunicação. Estamos num importante momento de transição, no qual as antigas regras estão abertas a mudanças e as empresas talvez sejam obrigadas a renegociar a sua relação com os consumidores (JENKINS, 2013, p. 326).

Além de uma mudança tecnológica, a convergência é uma mudança sociocultural. Conforme Jenkins (2013), trata-se de uma mudança nos protocolos através dos quais vem ocorrendo a produção e o consumo de mídia. As mudanças nas redações e reconfiguração das notícias também são resultantes do processo de convergência que emerge no cenário digital trazendo novas atribuições às práticas jornalísticas atuais. Uma das consequências é o entrecruzamento de diferentes dispositivos em um mesmo produto, de forma que a informação se desenrole através de múltiplos suportes midiáticos. Tanto o ato de fazer notícia, quanto o ato de consumir este conteúdo jornalístico sofreram modificações, inseridas no contexto da convergência. “Cada meio antigo foi forçado a conviver com os meios emergentes. É por isso que a convergência parece mais plausível como uma forma de entender os últimos dez anos de transformações dos meios de comunicação”, (JENKINS, 2013, p. 41).

Para Becker (2016), os cidadãos constroem com a televisão e os telejornais o registro da realidade social que constituem a memória coletiva. Na era digital, as emissoras de televisão buscam interagir com os espectadores produzindo conteúdos para a internet e aplicativos para computador, *tablet* e celular, e não definem mais sozinhas os conteúdos que passam a ser vistos e distribuídos e ela continua a ser o meio dominante de divulgação e de acesso às notícias em áudio e vídeo em diferentes partes do mundo reunindo investimentos publicitários e constituindo um grande negócio para empresários e anunciantes. Raymond Williams destaca ainda a experiência social proporcionada pela TV com as transmissões ao vivo para milhares de pessoas que reafirmam sua singularidade como forma cultural e tecnológica.

A partir da compreensão de uma Cultura da Convergência, Jenkins (2009) aponta para um cenário em que se constroem narrativas expandidas a partir de plataformas distintas. Essa nova forma narrativa, a transmídia, é considerada pelo autor como a principal expressão da Cultura da Convergência. A coexistência entre as plataformas tradicionais e digitais na criação desse universo narrativo é apontada por Jenkins (2009) como mais uma manifestação da convergência. Essas novas configurações de transmidialidade, por exemplo, trouxeram mudanças nos processos. De forma geral, a narrativa transmídia é a denominação utilizada para se referir às histórias contadas nos seus diferentes meios e modos, de forma complementar. Para Martins (2015), a convergência amplia o universo para fazer a notícia, como também aproxima os desafios para esta nova configuração.

Assim, ao ser incorporada na práxis jornalística, a cultura da convergência pode [...] ao mesmo tempo, descortinar novos desafios aos seus profissionais e possibilitar a construção de novas narrativas neste campo. Um desses desafios é a necessidade de desenvolver novas habilidades e ampliar o domínio técnico em vistas das produções multiplataforma, impondo-se ao jornalista como um dos desafios mais inquietantes nesses tempos de convergência. (MARTINS, 2015, p. 186).

Com essa migração multiplataforma, a televisão tem sido transmitida pela web com uma crescente qualidade de definição de som e imagem e uma das experiências mais interessantes para Becker (2016) são as transmissões em *streaming*. Estas ocorrem fora dos canais de televisões convencionais, uma forma de distribuição de informações audiovisuais por meio do uso das ferramentas digitais

em tempo real, cujos dados nem sempre podem ser arquivados. Isso impõem mudanças expressivas ao modelo tradicional do telejornalismo, porque o conteúdo audiovisual já não está mais condicionado à tela do aparelho de televisão e pode ser acessado por meio de várias plataformas dispositivos.

Esse contexto da televisão imersa nas diversas ferramentas tecnológicas caracteriza o que Silva (2018)¹⁸ chama de quinta fase do telejornalismo, denominado de *Telejornalismo Expandido*, no qual as mídias sociais passaram a ser utilizadas para ampliar a divulgação de conteúdo e promover aproximação com o público. Essas transformações no telejornalismo foram proporcionadas pela popularização da internet e pelo contexto de convergência e cultura digital. Deste modo, o conteúdo antes produzido apenas para a televisão se expande para mídias sociais, aplicativos e plataformas de *streaming*, que apresentam ferramentas de produção e postagens de vídeos. Assim, os telejornais criam conteúdos exclusivos ou não em múltiplas plataformas (SILVA, 2018; SILVA; ALVES, 2017).

Ainda nessa discussão sobre a televisão convergente, Santos (2018), ao estudar a reconfiguração da notícia, salienta que é preciso refletir sobre o cenário de convergência midiática. Nesse sentido ele evoca o pensamento de Jenkins (2009) e relata:

Não é simplesmente uma mudança tecnológica, porque provoca alteração na relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A mudança resulta na reconfiguração de processos pelos quais a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia. Assim sendo, deve ser compreendida como um processo e não como um ponto final (SANTOS, 2018, p. 40).

Dentre as mudanças proporcionadas, a convergência midiática trouxe contribuições para o jornalismo, uma vez que modifica as rotinas e os modos de produção nas redações. É nesse cenário que esta pesquisa se lança para identificar

¹⁸ Silva (2018), ao elaborar o perfil epistemológico do telejornalismo brasileiro, destaca que o telejornalismo é marcado por seis fases. A primeira remonta os primórdios da TV no Brasil e a autora chama de *Telejornalismo Falado* (1950-1960). O *Telejornalismo Reportado* é a segunda fase, marcada pelo início das reportagens externas a partir da chegada do videoteipe. O *Telejornalismo All-news* marca a terceira fase e tem como principal característica a inauguração de canais de TV por assinatura e programação especializada. A quarta fase é o *Convergente*, marcada pelo surgimento das tecnologias digitais, como a ilha não-linear. A quinta fase é chamada de *Telejornalismo Expandido*, pois as mídias sociais passaram a ser utilizadas para ampliar a divulgação de conteúdo e promover aproximação com o público. Por fim, tem-se o *Telejornalismo Imersivo*, que tem como marca a interação da notícia com o telespectador por meio de tecnologias de realidade virtual, realidade aumentada e vídeos em 360°.

o que tem mudado na rotina de um grupo de jornalistas que, agora, passa a incorporar novas práticas tecnológicas no exercício da atividade. Seja na TV, impresso ou no rádio, a movimentação do jornalista atual incorpora *softwares*, aplicativos e o uso de muitos recursos tecnológicos.

Nesse cenário de produção noticiosa em um contexto de convergência e os impactos, do ponto de vista profissional, Deuze (2004) reconhece que é preciso olhar para as condições de trabalho dos jornalistas e da apropriação das tecnologias no exercício da profissão. O autor defende que a convergência afeiçoa além das práticas jornalísticas atuais, a autoimagem dos jornalistas, que imersos nesse novo cenário precisam construir uma nova identidade profissional multimídia.

Deuze (2004) concluiu que o processo aumenta a demanda e as pressões sobre a rotina dos jornalistas, o profissional do século XXI precisa ter várias habilidades para produzir mais no mesmo espaço de tempo disponível anteriormente. Considerando a carga horária de trabalho e os novos *hardwares* e *softwares* lançados em versões cada vez mais atualizadas criam possibilidades de produção, sendo usados como ferramentas colaborativas nesse processo. Apesar da necessidade dos jornalistas se adequarem aos novos tempos, há o risco de se transformar a convergência em uma justificativa para cortes de gastos e redução de pessoal, que pode influenciar também na qualidade do produto final.

2.3 O telejornalismo e a Covid-19

As práticas jornalísticas não estão imunes aos dilemas enfrentados pelas sociedades urbanas na contemporaneidade. Segundo Barsotti (2012), a sociedade hoje é caracterizada pela aceleração do tempo e da velocidade e, ainda, pelo imediatismo da informação, fatores que não colaboram para a qualidade do jornalismo, que informa a maioria da população sobre os grandes acontecimentos da atualidade.

Informar é a principal função do trabalho jornalístico. Desde que a pandemia da Covid-19 surpreendeu o mundo, essa função social ganhou destaque diante da busca incessante por informações sobre o vírus, até então, desconhecido, tornou-se altamente contagioso e letal. Os telejornais permitem que a maioria da população tenha conhecimento dos principais fatos sociais do Brasil e do mundo (BECKER, 2005), com uma construção audiovisual da vida social de maneira singular em suas

mediações, traduzindo a experiência cotidiana por meio da seleção e da elaboração de notícias que constituem e são constituídas pela realidade.

Em um cenário de crise sanitária sem precedentes, as redações telejornalísticas passaram e ainda estão vivenciando mudanças para que a informação continuasse sendo prioridade, em detrimento da situação que impunha ações repentinas e necessárias. As rotinas produtivas precisaram ser ajustadas para que todos os protocolos sanitários de prevenção à Covid-19 fossem seguidos e, com isso, profissionais e entrevistados tivessem a saúde preservada (SIQUEIRA; MONTEIRO, 2020).

As mudanças permeiam uma cadeia produtiva que gira em torno da relação do jornalista com as fontes e público, no caso da TV o telespectador, consolidada em dois anos de pandemia. Não é de hoje que fontes (SCHMITZ, 2011) e o público em geral fazem registros audiovisuais que acabam sendo utilizados na televisão (ZANOTTI, 2010; VIZEU; SIQUEIRA, 2009). Mas é evidente que, no momento atual, há uma oferta maior desse tipo de material, provocada tanto pelas facilidades de captação, por meio de dispositivos móveis, como o celular, quanto pelas possibilidades rápidas de difusão, com as redes sociais e os aplicativos conectados à internet.

Essas mudanças se configuram uma tendência nas grandes empresas de comunicação. Com essa porta que se abre à participação, o público tem a oportunidade de produzir conteúdo dentro dos padrões do telejornal. De acordo com Siqueira (2013, p. 57), “se antes as pessoas chamavam os jornalistas para registrar determinadas situações e denúncias, agora, elas já oferecem a informação visual ou audiovisual. Querem a divulgação legitimada do que testemunharam”.

Na pandemia, a relação entre audiência e telejornal tornou-se essencial. Com o impedimento do deslocamento das equipes até os locais dos fatos, na maior parte dos casos, devido às restrições impostas pelas autoridades de saúde, culminou-se em um estreitamento ainda maior entre jornalistas e o público tornando-o uma audiência potente. Esta é definida por Mesquita (2014) como um agente que se envolve ou é envolvido nos processos, nas práticas e nas rotinas jornalísticas possuindo, pelo menos, quatro características: capacidade de transformação; força de propagação da informação; capacidade de ação; e capacidade de amplificação.

O público começou a participar de forma mais efetiva dos telejornais enviando, por vezes, reportagens praticamente completas feitas com *smartphones*, necessitando apenas de uma revisão jornalística para que o conteúdo ficasse apto a ser exibido nos telejornais. A tecnologia é um artifício que se mostra cada vez mais indissociável nesse processo. Para Silva (2018, p. 19) “o jornalismo televisivo tem sido desafiado a rever suas rotinas produtivas e adaptar seus conteúdos a múltiplas telas e múltiplos públicos. Televisão e tecnologia caminham juntas quando se trata de formato e conteúdo”. Nesse contexto, os papéis tanto dos jornalistas quanto da audiência ativa e das fontes ganham novas roupagens.

Contudo, o telejornalismo também enfrenta fortemente um problema já existente, potencializado durante a pandemia da Covid-19, com a busca desenfreada por informações sobre um assunto que se mostrava novo, com muito ainda a ser descoberto pela ciência. Mas uma onda de desinformação foi de encontro à onda de informação, prestando um desserviço à sociedade. Enquanto isso, o jornalismo reafirmava o seu compromisso com a veracidade dos fatos, o que já vinha sendo percebido por estudiosos antes mesmo que alguém presumisse uma pandemia, diante da crescente busca por informações em outros meios.

A TV aberta e os telejornais enfrentam outros dois desafios para além de uma tendência de redução das audiências que agora acessam, simultaneamente, outros meios: o resgate da credibilidade em uma sociedade democrática que passa a se articular pelas redes em movimentos sociais em direções distintas das leituras da realidade dos meios tradicionais, o que leva as emissoras a ouvirem mais as audiências (BECKER, 2016, p. 48)

As chamadas *fake news* ou notícias falsas são mensagens produzidas para chamar a atenção do público com o intuito de desinformá-lo de forma velada, com uma credibilidade superficial com tom de verdade para quem as recebe. As fake News podem ser propagadas em formatos de vídeos, áudios ou textos, na internet ou em aplicativos, com o principal objetivo de criar polêmicas e provocar dúvidas acerca de um assunto ou situação, em busca de acessos e visualizações em sites e vídeos na internet, tirando o crédito de informações confiáveis.

Sodré (2019, p. 99) considera as *fake news* como parte de um quadro problemático de desinformação e “são da natureza do boato, a ser recebido menos por seu conteúdo factual e mais por sua fabulação narrativa, ao modo que um fait-

divers perverso deliberado”. Filho (2019) também destaca que as notícias falsas vão além da criação e circulação de mentiras, existe o agravante do uso de computadores, os chamados “robôs” que replicam de forma massiva e viral a mesma notícia falsa incontáveis vezes em milhares de postagens buscando massacrar as opiniões divergentes.

Nesse contexto, ressalta-se que durante a pandemia, em 2020, o Datafolha¹⁹ realizou uma pesquisa que mostrou as TV's e os jornais impressos como os meios mais confiáveis pelos brasileiros para divulgar informações sobre o novo coronavírus, causador da Covid-19. Os programas jornalísticos de TV foram vistos como confiáveis por 61% dos entrevistados. Destaca-se, nesse contexto, que várias emissoras passaram a dedicar parte de suas programações para informar a população sobre a situação do país e do mundo diante da pandemia. A exemplo destaca-se a Rede Globo, que passou a dedicar 11h da sua grade de horário para o telejornalismo com foco em noticiários sobre a Covid-19 e seus impactos. Isso levou a emissora a bater recordes de audiência.

Ao analisar os dados da pesquisa, a professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e referência nos estudos de telejornalismo, Iluska Coutinho²⁰, ressaltou que a pandemia mostrou o jornalismo como lugar de referência, ao trazer a informação de forma mais precisa e correta, além de mais acessível para muitas pessoas. O que também reforça a importância do jornalismo e do jornalista como *gatekeeper*, isto é, de decidir o que é ou não notícia, o que pode ou não ser publicado e como ser divulgado ao público. Isso perpassa também pela organização do trabalho dos jornalistas e pelas rotinas de produção e organização do material noticioso, como detalhado no próximo capítulo.

2.4 O Telejornalismo regional

O regionalismo midiático presente no jornalismo possibilita que assuntos, de maneira geral, sejam retratados em suas especificidades, unindo as pessoas e diminuindo as distâncias territoriais, aproximando culturas e estilos de vidas similares. O telejornalismo regional contribui para a construção de uma identidade local, tendo em vista que os telespectadores se identificam com os assuntos

¹⁹ Pesquisa disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/04/1988655-78-se-consideram-bem-informados-sobre-coronavirus.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2021.

²⁰ Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/03/24/professores-analisam-pesquisa-datafolha-sobre-confianca-na-imprensa-convencional/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

tratados e se veem incluídos no contexto da sociedade construída na narrativa apresentada. O regionalismo ganhou destaque na década de 90 com a chegada da televisão paga no Brasil, que acabou reduzindo a audiência das tradicionais emissoras de programação aberta do país, mas a mídia regional e local já existia entre os meios de comunicação, já que os jornais impressos, rádio e televisão atingiam somente uma parte geográfica do país (Peruzzo, 2005).

Uma característica forte que se atribui à função da mídia regional é a aproximação do público para atender os anseios comunitários. Com a produção de pautas regionais os jornalistas conseguem um engajamento mais efetivo e uma credibilidade por parte do público (Bazi, 2001), já que, em tese, os jornais regionais oferecem grande espaço para representação e participação das pessoas que ali vivem. É pela mídia regional e também pela TV regional que a sociedade que vive em um local específico consegue exercer com mais frequência o seu papel de cidadão, se inteirando da produção de conteúdo noticioso, por meio de envio de pautas, por exemplo, e aproximando-se mais de uma representação e identificação do público com os jornais regionais.

Guzzoni (2001) argumenta que hoje a comunidade possui uma facilidade maior para levar aos jornais seus anseios, problemas dos locais de onde vivem e suas reivindicações, vendo os jornais regionais como um espaço de suas manifestações. A autora ainda complementa que “[...] a televisão, que também antes não tinha o hábito de olhar com atenção na direção dessas comunidades, agora encontrou uma fonte de produção jornalística, de debate e de crítica” (Guzzoni, 2001, p. 4).

Nessa linha de pensamento, Maffesoli (2003) percebe que o leitor ou telespectador no fundo se interessa pelo que diz respeito ao seu cotidiano e as empresas de comunicação perceberam isso, passando a ver a regionalização da mídia como um fator econômico de grande potência, principalmente quando a TV paga e a internet chegaram ao país provocando uma queda de audiência nas principais emissoras de TV aberta (Simões, 2011; Mattos, 2012).

Com a expansão do sinal de cobertura das emissoras do país por todo o território brasileiro, a Rede Globo saiu na frente nesse modelo de comunicação, introduzindo o sistema de redes afiliadas, servindo como exemplo para outras emissoras que realizaram esse processo posteriormente. Ao todo, o grupo possui 120 emissoras próprias e afiliadas no Brasil. Bonner (2009) afirma que os telejornais

que fazem parte do grupo da Rede Globo não só estão presentes em diversas localidades do Brasil como possuem espaço para produção de conteúdo local e regional de acordo com a região em que se inserem.

A regionalização midiática para Aguiar (2016) vai além das barreiras geográficas e não significa apenas dividir espaços físicos, mas tem o intuito de diferenciar-se dos modelos desenvolvidos em eixos nacionais, oferecendo maior espaço para identidades. O jornalismo regional é um dos responsáveis por fazer essa conexão com as características, grupos, ideologias e espaços globais com os locais. Sabe-se que a mídia regional e local possui um papel fundamental para a formação e identificação social de seu público junto ao âmbito social. Em sua grande maioria, os jornais de níveis nacionais ao representar determinada região caracterizam-na de modo homogêneo, generalizador e com resquícios de estereótipos demarcados socialmente (Dantas, 2018).

Os jornais de níveis locais e regionais, por sua vez, detêm a função de oferecer para seu público maior espaço de uma comunicação bilateral por estar próximo a questões que rodeiam aquela determinada região em que se insere. Porém, é um tanto quanto problemática essa lógica, já que, na maioria dos casos, os jornais locais e regionais se apropriam e se adaptam ao que a rede nacional propõe. Kurth (2006) explica que nem sempre os interesses locais e nacionais são os mesmos, mas, na mídia, o nacional se sobrepõe ao regional.

De todo modo, Peruzzo (2005) alerta que não pode se esquecer que cada local do país possui suas especificidades. Toda região possui economia, cultura, estilo de vida, entre outros aspectos distintos e que interferem diretamente na produção e circulação da notícia. Ao observar as atribuições que a mídia regional possui, em específico, os jornais regionais/locais, tendo em vista pluralidade e realidade existente em cada território que interferem diretamente na produção de material, é necessário entender como se dão os processos na rotina produtiva do telejornalismo, que independentemente da regionalização, têm características basilares, de modo geral.

3 AS ROTINAS PRODUTIVAS NO TELEJORNALISMO

A atividade jornalística vai muito além de uma simples coleta e reprodução dos fenômenos para se tornarem notícias. De acordo com Alsina (2009), a produção

da notícia é um complexo que se inicia com a “leitura” de um acontecimento, que ocorre na contextualização de um fato e que existe um sujeito observador que confere o sentido desse acontecimento.

Partindo desse pressuposto, mas considerando as inovações tecnológicas que auxiliam no processo de produção, é possível destacar a importância de registrar e relatar as rotinas produtivas dos jornalistas e profissionais de comunicação e as mudanças na construção das notícias. Isso principalmente diante de um fenômeno que já ficou marcado na história da humanidade, com o distanciamento físico imposto pela pandemia da Covid-19. Isso pode sinalizar um caminho a ser percorrido com mais constância nos próximos anos no telejornalismo e definir novos formatos de produção de conteúdo.

O debate sobre o que é notícia passa por uma série de características que se encaixam nas teorias do *Gatekeeper* e *Newsmaking* e sua identificação da notícia como um traço da cultura profissional. A noticiabilidade, ou seja, a possibilidade de um fato virar notícia, pode ser definida como o conjunto de elementos através dos quais as empresas de comunicação exercem controle sobre a quantidade e o tipo de fatos, que serão selecionados para se tornarem efetivamente notícias.

Segundo Wolf (2008, p. 196) é o “conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias”. Os valores-notícia são um componente da noticiabilidade. A combinação destes dois conceitos auxiliará os jornalistas na percepção dos fatos, enquanto suficientemente interessantes e/ou importantes para a sua transformação em notícia.

Os valores-notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção, isto é, não estão presentes só na seleção de notícias, mas participam de todas as operações anteriores e posteriores à escolha, embora com um relevo diferente em cada situação (VIZEU, 2007, p. 225).

Compreender esses critérios de noticiabilidade e os valores-notícia é algo fundamental no estudo das rotinas de produção no telejornalismo, pois eles determinam o que se torna notícia nos telejornais. Entender por que as notícias são como são se faz necessário porque os critérios de noticiabilidade influenciam diretamente na produção de telejornal.

Os telejornais têm um espaço significativo na vida das pessoas. Os noticiários televisivos ocupam um papel relevante na imagem que elas constroem da realidade. Acreditamos que buscar entender como eles são construídos contribui para o aperfeiçoamento democrático da sociedade (VIZEU, 2005, p. 12).

Além de definir o que é notícia, Wolf (2001) destaca que o objetivo do *Newsmaking* é rotinizar o processo produtivo e torná-lo possível de ser executado. “A seleção das notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente. Os critérios devem ser fácil e rapidamente aplicáveis para que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão” (GANS, 1979, p. 82 *apud* WOLF, 1999, p. 197).

Conforme Wolf (2001), no processo de produção do material noticioso são três fases encontradas em todos os meios de comunicação: a recolha dos materiais informativos, a seleção das notícias e a edição ou apresentação das notícias. Na primeira etapa, o jornalista se vale das fontes e das agências de notícia para dar forma ao noticiário. Wolf (2001) destaca que essa recolha é factível e proporcional aos recursos das redações. Cada uma possui canais estruturados que facilitam a extração das notícias e na enorme maioria dos casos, trata-se de material produzido em outro local, que a redação se limita a receber e a reestruturar, em conformidade com os valores/notícia relativos ao produto.

O autor ainda desta a necessidade de se possuir notícias atuais e importantes. Esse fluxo deve ser constante e seguro possibilitando que o profissional consiga produzir o conteúdo exigido. A seleção das notícias, segundo Wolf (2001), corresponde à triagem e a organização dos materiais que chegam à redação. Esse conteúdo é reduzido a um número específico de notícias que acabam sendo difundidos ao público. O autor usa o exemplo de um funil, onde são colocados inúmeros dados e apenas uma parte consegue ser filtrada.

A última etapa do processo é o da edição ou apresentação dos acontecimentos. Conforme Wolf (2001), esse processo não pode ser exibido, senão o público saberia que as organizações criam as notícias ao invés de apenas relatá-las. Essa constatação se baseia no fato dos repórteres retirarem um pequeno acontecimento de seu contexto e reinserirem ele dentro de um formato informativo.

Se todas as fases anteriores funcionam no sentido de descontextualizar os factos do quadro social, histórico, econômico, político e cultural em que acontecem e em que são interpretáveis, [...] nesta última fase produtiva, executa-se uma operação inversa: recontextualizam-se esses acontecimentos, mas num quadro diferente, dentro do formato do noticiário (WOLF, 2001, p. 244).

Ainda segundo Wolf (2001), o objetivo da edição é fornecer uma apresentação sintética, breve e coerente do fato. Dessa forma, nessa etapa, o jornalista foca certos aspectos do acontecimento, elimina outros e produz a notícia que chegará, posteriormente, aos consumidores da informação. Para realizar esse trabalho, o jornalista se baseia no que o público quer ver ou, ao menos, no que ele acredita que o público quer ver.

Vizeu (2014) elenca uma quarta etapa nesse processo que é a de recepção, ou seja, o momento em que o produto informativo chega ao público. Para Vizeu (2014), a análise da recepção é o ponto de partida para averiguar como os discursos dos meios de comunicação se associam aos discursos e práticas culturais da audiência. Trata-se de um aspecto importante, uma vez que as organizações jornalísticas precisam se habituar a uma variedade de interesses e necessidades para conseguir se legitimar com o público consumidor da informação.

Traquina (2005) lança os caminhos a serem percorridos na construção da notícia, com o pontapé na pauta, que indica o tema, aponta sugestões, abordagens, prazos de produção, fontes a serem entrevistadas, com horários previstos e outros elementos importantes para a elaboração da reportagem. Um passo importante que marca a rotina produtiva no telejornalismo e o início da parte prática de se fazer um telejornal.

A intervenção editorial que busca direcionar as audiências potenciais de notícias para as matérias que se considerarem mais importantes ainda existe e se aplica através da teoria do *Gatekeeping* que acompanha o telejornalismo desde meados dos anos 50, como marco inicial dos estudos sobre o jornalismo nos Estados Unidos e na Inglaterra.

3.1 O *Gatekeeping* na rotina produtiva

Nascida nos Estados Unidos, a Teoria do *Gatekeeping* ainda é bastante aplicada nos fenômenos contemporâneos. Elaborada por Kurt Lewis, em 1947, essa

teoria entende que os jornalistas têm a função de cuidar de uma espécie de *gate* (portão), e decidir o que deve ser noticiado. Portanto há interferência do profissional no processo de criação.

[...] A entrada nos canais de notícias é controlada pelos *gatekeepers*, que determinam quais eventos têm acesso e passam por muitos *gates* pelo caminho. As forças na frente e por trás dos *gates* constroem ou facilitam o movimento das informações sobre um evento por diversas seções nos canais. Há muitas forças que influenciam nas notícias, como foi mostrado no modelo hierárquico desenvolvido por Shoemaker e Reese (1996) (SHOEMAKER *et al.*, 2010, p. 60)

Gieber (1956) também dedicou seus estudos a identificar como era feita a seleção de notícias de agências por editores de jornais impressos. Entre as características das escolhas mencionadas, a mais citada foi a proximidade com a comunidade. Ele afirma que o processo de seleção é mecânico e que os editores são passivos. Ele conclui que a organização e suas rotinas são mais importantes que as características individuais do selecionador. Diferentemente do primeiro estudo de White (1950), em que as notícias são o que são porque os jornalistas assim as determinam, direcionando a decisões de uma pessoa e suas escolhas pessoais, para Gieber (1956) as organizações e suas regras possuem um peso grande na seleção dos trabalhadores midiáticos.

Outra análise, de McNelly (1959), apresenta a complexidade e o caráter circular na produção noticiosa, detalhando com mais clareza o percurso que uma informação percorre para que seja publicada no jornal, passando da fonte de notícias até chegar à audiência, mostrando os múltiplos portões que a informação cruza não focando apenas no editor, como Gieber (1956) fez. Apesar do peso do editor no processo de seleção, outros profissionais também são responsáveis pelo procedimento de triagem e pelo formato em que os conteúdos chegarão ao consumidor final.

Bass (1969) aplica o olhar de McNelly (1959) no seu estudo, ampliando a noção de White (1950), ou seja, buscou compreender o papel dos selecionadores individuais, chegando até a ideia dos múltiplos selecionadores. O trabalho ampliado por Shoemaker (1991) propõe uma visão abrangente do *gatekeeping*, mostrando que, por trás do processo, existe também um sistema social, um controle ideológico e cultural. Para a autora, o *gatekeeping* envolve mais de uma organização

comunicacional e múltiplos atos de *gatekeeping* que acontecem em uma organização de mídia.

O fenômeno de seleção das informações pode ser verificado em outros níveis que vão além do individual, como nas rotinas organizacionais. Vos (2011) propõe cinco níveis para o estudo do *gatekeeping* em contextos contemporâneos, a saber: 1) o dos profissionais da comunicação individuais (suas atitudes políticas, por exemplo); 2) o das rotinas ou práticas do trabalho em comunicação (a pirâmide invertida, por exemplo); 3) o nível organizacional (a análise de variáveis como parâmetros de participação de propriedade na mídia, por exemplo); 4) o nível de análise socioinstitucional, incluindo as influências do governo e grupos de interesse; e, 5) o nível do sistema social, com a análise de variáveis (ideologia e cultura, por exemplo) (SHOEMAKER; REESE, 1996).

Na análise das rotinas, o nível das práticas padronizadas e das rotinas de produção está acima do nível pessoal do jornalista. Neste sentido, Shoemaker e Vos (2011) observam que a informação que passa pelo *gatekeeper* é transformada em diferentes pontos no processo de produção. Os autores, dentro da construção analítica dos modelos de rotina, consideram, primeiramente, o campo da audiência e sua influência, pois, embora se tenha apenas uma ideia abstrata da mídia sobre o que o público aprecia ou despreza, os receptores possuem seu papel no processo de seleção de notícias. O uso das fontes jornalísticas também constitui grande parte do conteúdo que passa pelos portões – o que serviu para a descoberta da intensidade de aparições de fontes oficiais, moldando os pensamentos de modo contundente.

A dependência rotineira de fontes oficiais por parte da mídia pode modelar o noticiário de diversas formas – ela privilegia aqueles que estão no poder (Bennett, 1996), reduz a diversidade de pontos de vista (Hallin, 1989; Liebler, 1993; Schiffer, 2006) e reforça estereótipos de gênero (Armstrong e Nelson, 2005). Por exemplo, Zoch e Turk (1998) mostraram que as fontes de notícias ainda são predominantemente masculinas, construindo, assim, um mundo no qual os homens têm mais autoridade do que as mulheres. Dito de um modo simples, o conteúdo é desenvolvido de maneira previsível porque os *gatekeepers* compartilham rotinas de coleta e processamento de informações. (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 82).

Para identificar as influências que *gatekeepers* recebem não basta uma completa análise dos indivíduos e de suas organizações. Assim, é preciso observar

a questão de modo institucional, que é orientada pelo mercado, governo, audiência e outros aspectos. Os efeitos gerados pelos anunciantes também são citados por Shoemaker e Vos (2011) como determinantes no ritmo que a imprensa estabelece no processo de publicação de conteúdo. É comum assessores de comunicação, políticos e pessoas que ocupam espaços de poder, manterem relações com jornalistas e acabam por abastecê-los de dados de bastidor. O jornalista necessita se portar criticamente perante a sua fonte, a fim de alcançar a informação, extraíndo-a a partir do diálogo estabelecido.

No nível de análise do sistema social é difícil compreender a publicação de conteúdos da mídia, sem antes compreender diversos elementos da estrutura social que ela está inserida. O *gatekeeper* age, segundo este ponto, de acordo com os seus ambientes culturais, ofertando uma ampla perspectiva dentro de tal abordagem, mas restringindo o conhecimento de fora dos ambientes parecidos. Assim, são perceptíveis as alterações contextuais na passagem pelo portão, como preconizam Shoemaker e Vos (2011), quando colocam que as mudanças podem alterar variados setores produtivos das organizações.

Diante de muitos acontecimentos, só viram notícias aquelas informações que passaram pela porta, que o jornalista considera importante para a audiência. Mas há atualmente a necessidade de se ir além, como Bardoel e Deuze (2011, p. 94) propunham que:

com o aumento explosivo das informações em uma escala mundial, a necessidade de oferecer informações sobre informações se tornou uma adição crucial às habilidades e tarefas do jornalismo [...]. Isto redefine o papel do jornalista como um papel de anotador ou de orientador, uma mudança do cão de guarda para o “cão guia”.

Os esforços coletivos podem resultar em formas de cobertura noticiosa tão abrangentes como as realizadas pela indústria jornalística. São mudanças que definindo uma prática descrita ultimamente como *Gatewatching*, que analisa os eventos e a forma como o público investe no tema analisado e proposto, como um guia para a informação correta. Com essa a mudança do *Gatekeeping* para o *Gatewatcher*, cão de guarda, para cão guia, o jornalismo modificou sua atuação.

Bruns (2011) observa que no *Gatewatching* os usuários envolvidos acompanham as informações, os comunicados para imprensa que são feitos pelos atores públicos, quais são os relatórios que são publicados pelos pesquisadores

acadêmicos ou pelas organizações da indústria, e as intervenções que são feitas pelos políticos.

As teorias que abrigam o papel do jornalista dentro de um processo de produção da notícia emergiram na década de 1970, construindo um paradigma diferenciado para a investigação acadêmica sobre o jornalismo. A partir de então, o jornalista passou a ser considerado um profissional construtor da realidade com a institucionalização da sua própria função e de determinados mecanismos de produção (ALSINA, 2009; TRAQUINA, 2008).

Já existe uma consciência mais ampla de que a notícia não apenas representa ou transmite aspectos da realidade, mas também é capaz de constituir uma realidade específica e de produzir efeitos de real segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, tais como a apuração, as entrevistas, a redação e a edição (SODRÉ, 2009). Em consenso com Alsina (2009), também existe atualmente uma compreensão de que, como todo discurso social, o discurso jornalístico está inserido em um sistema produtivo, dotado de características próprias, as quais devem ser consideradas.

Portanto, são dos processos produtivos, paralelamente à cultura profissional dos jornalistas e à organização do trabalho, que emergem os conteúdos jornalísticos. Esse arcabouço faz com que o jornalista seja parcialmente autônomo, na medida em que tem a obrigação de seguir um padrão de produção e uma concepção coletiva de que assuntos merecem ser noticiados.

O jornalismo audiovisual é uma reconstrução da realidade a partir das perspectivas de diferentes profissionais: do repórter, do cinegrafista, do editor, entre outros, cujas ações se consolidam em um processo de edição (TEMER, 2010). Em outras palavras: as interferências diversas na atividade de construção coletiva do jornalismo audiovisual, ainda que variem em função de diferentes graus de competência profissional, níveis de poder e possibilidades de utilização do tempo, evidenciam que o jornalismo é, de fato, um complexo processo de produção.

Existe, portanto, um conjunto de procedimentos de organização e coordenação de tarefas para cada jornalista e para toda a equipe com o objetivo de produzir conteúdo jornalístico diante da imprevisibilidade, da tensão e do pouco tempo para tomada de decisões intrínsecos à elaboração informativa. Isso significa que a produção jornalística engloba não somente aspectos quantitativos, técnicos, repetitivos e padronizados, mas também requer a inserção de elementos

qualitativos, intuitivos e criativos. Este são cada vez mais valorizados por grande parte das organizações, em função das exigências das próprias audiências, a partir de características do contexto digital como a interatividade (HERREROS, 2003).

3.2 WhatsApp e Skype na rotina de produção

Os meios de comunicação sempre sofreram contínuas transformações, mas o uso das tecnologias digitais intervém nas relações da sociedade contemporânea globalizada provocando reconfigurações do modelo tradicional de produção, circulação e consumo de informação, inclusive na televisão.

A presença da internet no ambiente da redação tornou-se indissociável das atividades nas diferentes funções jornalísticas. As redes sociais, sites institucionais ou portais de notícia são hoje o pontapé para a listagem das pautas. Mais do que uma forma de entretenimento, a integração com as redes sociais aponta caminhos para mudança na construção da informação. O fenômeno da busca por nova conexão com a audiência televisiva, a partir do fazer jornalístico, também coloca as redes sociais no faro dos telejornalistas.

As rondas que antes eram feitas por telefone ganharam imensurável economia de tempo com as rondas virtuais e a janela das redes sociais, o que reflete em mais tempo de pré-produção para seleção de pautas na internet e especialmente nas redes sociais, pois muitas empresas, personalidades, órgãos, veículos e fontes oficiais também se valem das redes sociais para suas publicações, na divulgação de informações. As sugestões antes chegavam às redações exclusivamente por meio de assessorias de imprensa, com os releases, pelo público que utilizava com muito mais frequência as ligações via telefone, e até mesmo por cartas, direcionadas a programas específicos, televisivos, foram alteradas pelo uso da internet e reconfiguradas com a disseminação das redes sociais.

A presença dos telefones inteligentes com acesso à internet, os *smartphones*, e o uso das redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, em especial o WhatsApp, se impõem como marcas de transformação das redações. O *smartphone* é usado para apuração, para gravação de vídeos, para comunicação com a chefia e com fontes por meio de e-mail e WhatsApp, e para envio de reportagens e notas para edição. Já os computadores, que nos tempos relatados por Newton Carlos (TRAVANCAS, 1992) eram usados ainda como máquinas para agilizar a digitação e

envio dos textos para composição, tornaram-se terminais com acesso à internet e à intranet, permitindo que os repórteres passem muito mais tempo de suas jornadas sentados (NEVEU, 2004).

A rotina do jornalista em campo também se articulava entre uma ligação e outra da produção para atualizar o fato ou mudar a rota da pauta foi fortemente alterada com o WhatsApp, que reúne as funções de um telefone. Durante a pandemia do coronavírus, boa parte dos profissionais viu-se obrigada em vários momentos a abdicar da missão de representar o telespectador nos espaços públicos e institucionais e passaram a trabalhar ainda mais tempo sentados, nas redações, usando as ferramentas tecnológicas na apuração de notícias, mesmo as não relacionadas ao tema Covid-19.

Esta nova posição, uma das características do jornalismo no século XXI, contribuiu para uma modificação da relação do repórter com o público, visto que a mitologia jornalística delegava aos integrantes desta comunidade profissional a posição de protetores dos cidadãos, de “cães de guarda”, de detetives e de testemunhas oculares (TRAQUINA, 2008). O repórter precisava estar presente onde a notícia estava acontecendo, seguindo as regras tradicionais de produção das telerreportagens.

Jornalistas utilizam diariamente nas redações procedimentos de trabalho que visam otimizar o tempo e garantir eficiência no processo. As redações, de um modo geral, possuem uma rotina semelhante no tocante à produção. Conforme comentado no capítulo anterior, são três importantes fases dentro da rotina produtiva: a recolha, a seleção e a apresentação.

O uso do WhatsApp trouxe significativas mudanças na forma de atuar de todos os profissionais envolvidos com o trabalho diário na redação. Além das ligações telefônicas e do contato pessoal, na maioria das vezes é por meio do aplicativo que as interações entre os jornalistas e as fontes são feitas e as informações compartilhadas, iniciando o primeiro contato para a recolha do material que compõe a notícia. A ferramenta reúne as funções do telefone e agrega novos serviços com o envio de arquivos e ainda possibilita a interação com várias pessoas com as informações compartilhadas em grupos.

No que tange às funcionalidades, ele possibilita transferir documentos, imagens, vídeos e áudios. Esse quesito é um facilitador para o jornalismo, tendo em vista que através dele é possível enviar pautas para os jornalistas sem ter que

esperar que haja o encontro presencial com eles. Isso diminui custos operacionais e, por conseguinte, financeiros. A equipe de produção pode passar contatos das fontes aos jornalistas através do aplicativo. É possível também transmitir a localização que o jornalista deve seguir para apurar as informações, sendo uma forma de possibilitar por meio do GPS o acesso mais rápido aos locais de apuração das matérias.

Importante destacar que o WhatsApp não foi criado como uma ferramenta do jornalismo, mas sim utilizado por este ao perceber os benefícios do aplicativo à prática profissional da comunicação. Sua aplicabilidade na construção de notícias decorre, por exemplo, da facilidade de transmitir informações, encurtando distância geográfica e gastos com deslocamento de repórteres (SOARES; ONOFRE, 2016, p. 69).

Cada vez mais nos telejornais, internautas e telespectadores são convidados com os pedidos feitos para o envio de informações, fotos e vídeos para as redações por meio do aplicativo WhatsApp. São estratégias que interferem na produção de notícias nas redações dos principais jornais do país desde 2013, com uma forte tendência de crescimento, quando o pioneirismo do uso das novas tecnologias no processo de produção de notícia foi visto pelo jornal Extra.

Dentro da realidade jornalística, o app possui grande aplicabilidade no campo do jornalismo colaborativo. O primeiro a fazer uso dessa nova ferramenta foi o Extra, do Rio de Janeiro. Em junho de 2013, o jornal inovou ao disponibilizar um número de WhatsApp para que leitores enviassem sugestões de pauta e informações que pudessem virar conteúdo informativo no veículo. De acordo com o portal Meio e Mensagem, [...] em cerca de seis meses, o jornal já havia recebido mais de 10 mil fotos e 100 mil mensagens. (FERREIRA, 2014, p. 52)

O WhatsApp foi criado em março de 2009, no Vale do Silício – Estados Unidos, por Jan Koum e Brian Acton, ex-funcionários da Yahoo. Em fevereiro de 2014, Mark Zuckerberg, presidente-executivo e cofundador do Facebook, comprou o aplicativo por conta do sucesso e do seu alcance e mobilização mundial. O processo de comunicação ficou mais dinâmico com a ferramenta, provocando, com isso, mudanças de comportamento no processo de relação social. A descrição disponível no site oficial, o define como:

[...] um aplicativo gratuito para a troca de mensagens disponível para Android e outras plataformas. O WhatsApp utiliza a sua conexão com

a Internet [...] para enviar mensagens e fazer chamadas para seus amigos e familiares. Mude do SMS para o WhatsApp para enviar e receber mensagens, chamadas, fotos, vídeos, documentos e Mensagens de Voz. (WHATSAPP, 2017, on-line).

Atentos às transformações ocorridas na comunicação a partir da convergência midiática, jornalistas se veem obrigados a adquirir habilidades digitais necessárias ao mercado de trabalho. O WhatsApp como ferramenta de jornalismo tem se destacado por paulatinamente flexibilizar o trabalho da produção de notícias, assim “poupando esforços” (SHOEMAKER, 2011).

O aplicativo foi uma das inovações da tecnologia da comunicação que mais teve impacto e aderência nas rotinas produtivas de veículos de mídia do Brasil. Bueno e Reino (2017) realizaram mapeamento descritivo dos tipos de aplicativo e seus usos nos principais jornais das 27 capitais brasileiras e nos três maiores jornais de circulação nacional, e concluíram que o WhatsApp, entre os tradicionais, é o mais usado.

No que tange ao uso de aplicativos tradicionais, o WhatsApp é o mais comum, embora nenhum dos veículos que o utilizam especifique o horário de funcionamento ou disponibilize conteúdo específico. De forma pragmática, o aplicativo só é frequentemente usado como ferramenta para envio de sugestões de pauta. Na verdade, o emprego tradicional do dispositivo não chegaria a ser um problema não fosse o tempo de resposta, lento demais, particularmente pelo formato do recurso e até em relação aos modelos mais vetustos de interação com o público. Em média a resposta de interação demora pelo menos 24 horas, mas boa parte dos veículos analisados sequer respondeu ao contato depois de dois meses. Quanto à orientação de uso, os que responderam foram unânimes em dizer que ele serve “para envio de fotografias, vídeos e texto (BUENO; REINO, 2017, p.129).

Em pesquisa recente, Lima (2022) também fez uma análise das práticas do uso do WhatsApp e seus impactos no modo de trabalhar em redações do Rio de Janeiro, com uma reflexão sobre este novo ambiente em que o jornalista está inserido. A autora demonstra que a utilização do WhatsApp nas rotinas de produção jornalística foi sendo normalizada aos poucos, à medida que as pessoas, incluindo o próprio jornalista, foram sendo compatibilizadas com um estilo de vida em que quase tudo é feito na internet e via aplicativos, inicialmente por meio de computadores e depois, por meio de *smartphones*. De compras a compartilhamentos de vídeos e

fotos, o WhatsApp é utilizado de modos variados e integra as práticas cotidianas a maioria dos homens e mulheres que vivem em grandes cidades.

No jornalismo, a busca por encontrar métodos criativos de se aproveitar de todas as potencialidades desta ferramenta foi um movimento iniciado por profissionais que também estavam envolvidos e afetados pela dinâmica da vida em rede, já que contatar alguém pelo WhatsApp era mais fácil, já que estão todos lá, este foi um caminho natural a ser seguido. Refletir sobre o que isso acarreta para a profissão ou para a comunicação com o público é um investimento de pesquisa que pode ter várias camadas e desdobramentos (LIMA, 2022, p. 56).

A produção da notícia se dá com um esforço colaborativo em que apesar de todas as transformações que vem ocorrendo, ainda segue uma rotina (SHOEMAKER, 2011). Isso torna o processo mais eficaz à medida que simplifica critérios principalmente de apuração das informações, recebimento de material para a produção de conteúdo, que resultam em um trabalho mais rápido e de baixo custo financeiro, com a adoção de ferramentas tecnológicas como o WhatsApp.

O aplicativo é um dos mais utilizados no país e também se caracteriza como uma ferramenta colaborativa na construção das notícias do telejornalismo, por meio do qual os cidadãos têm a possibilidade de sugerir pautas, realizar denúncias e enviar mensagens, áudios, vídeos e fotos, além de promover uma relação interativa entre o veículo, jornalista e a fonte ou público.

Sobre as novas possibilidades que são oferecidas ao meio jornalístico, Meireles e Coêlho (2014) abordam que o WhatsApp tem se sobressaído nos processos produtivos em redações jornalísticas sobretudo no que diz respeito à aproximação entre leitor/internauta e jornalista, seja no envio de sugestões de pautas ou de denúncias para a redação, seja para consulta de dados pelos profissionais de comunicação às suas fontes.

Uma pesquisa recente da Panorama Mobile Time/Opinion Box²¹, de fevereiro de 2021, sobre a utilização do WhatsApp no Brasil, “Mensageria no Brasil”, entrevistou 2.026 pessoas que possuem um *smartphone*, e indicou que o WhatsApp é a rede social de maior uso dentre as redes sociais, com 98% dos respondentes afirmando ter o aplicativo instalado em seu telefone, enquanto 81%

²¹ Opinion Box é uma empresa de pesquisas on-line e Mobile Time é responsável pela elaboração dos questionários e Opinion Box e aplicação através de uma plataforma on-line. Disponível em: <https://www.mobilettime.com.br/pesquisas/>

tem o Instagram, 74% o Facebook (Messenger) e 45% o Telegram, sendo que 86% dos entrevistados utilizam o WhatsApp todos os dias. Em relação aos grupos que participam no WhatsApp, 74% responderam que participa de grupos de família, 57% trabalho, 14% política e 4% grupos pagos.

Outra pesquisa realizada pelo Datafolha em março de 2020, início da pandemia da Covid-19, quando os 1.558 entrevistados foram perguntados sobre a confiança na informação que vinha de diferentes fontes de informação, 61% responderam que confiam em programas jornalísticos da TV, 56% em jornais impressos, 50% programas jornalísticos de rádio, 38% em sites de notícias, 12% no WhatsApp e 12% no Facebook.

Diferentemente de redes sociais digitais como Instagram, Facebook e Twitter, que são baseadas em algoritmos de interação e engajamento, no WhatsApp ocorre uma personalização, de modo que os conteúdos que são recebidos pelos usuários sejam, em geral, de pessoas próximas ou conhecidas, o que pode gerar uma maior confiabilidade e credibilidade quanto à veracidade destas informações.

Um diferencial do WhatsApp com relação ao conteúdo que circula na rede é a privacidade, garantida com a criptografia²² ponta a ponta, que foi implementada no fim de 2014 após uma série de ataques da justiça brasileira ao aplicativo, incluindo o pedido de prisão do vice-presidente do Facebook à época. Sobre o serviço de criptografia ponta a ponta, o WhatsApp o define como uma ferramenta a mais para dar segurança aos usuários. Com a proteção dos conteúdos garantida por essa ferramenta, o WhatsApp se tornou um espaço ainda maior de circulação de informações, verdadeiras ou falsas, principalmente pela potencialidade de serem transmitidas tanto em conversas individuais como em listas de transmissão – para vários usuários ao mesmo tempo e de forma individualizada – ou em grupos.

Mas a ferramenta também apresenta aspectos negativos com sua inserção nas rotinas de trabalho. Bueno *et al.* (2018) constatou que o WhatsApp vem sendo usado sem planejamento, inclusive por grandes grupos de mídia brasileiros, e em muitos casos a ferramenta vai sendo incorporada ao dia a dia para solucionar lacunas, como a da falta de pessoal para apuração. A apuração pelo WhatsApp e outras ferramentas foram incorporadas às rotinas profissionais. O trabalho remoto

²² A criptografia de ponta a ponta garante que somente você e a pessoa com quem você está se comunicando podem ler ou ouvir as mensagens trocadas. Esse processo acontece automaticamente, sem a necessidade de ativar configurações ou estabelecer conversas secretas especiais para garantir a segurança de suas mensagens (WHATSAPP, 2020).

(FÍGARO, 2020) na pandemia se solidificou em praticamente todas as áreas, incluindo o jornalismo.

3.2.1 Skype: auxílio para chamadas de vídeo nas entrevistas

A pandemia da Covid-19 e a necessidade de isolamento provocaram uma mudança de comportamento nas pessoas e, para manter as relações sociais, uma necessidade humana, o mundo virtual conseguiu ampliar seus horizontes. Na educação, o ensino remoto que já era uma realidade, ganhou adeptos em escalas mundiais nas mais diversas instituições, exceto aquelas que tiveram que suspender as aulas pela dificuldade de acesso dos estudantes às tecnologias como computador e internet. Na saúde houve o fortalecimento da tele consulta e as reuniões on-line, principalmente no meio empresarial, ficaram mais frequentes. As empresas passaram a adotar as entrevistas por meio de vídeo. No telejornalismo não foi diferente.

A pandemia intensificou o uso das tecnologias digitais no Brasil. Dados da pesquisa sobre uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros (TIC Domicílios) 2020²³, divulgados pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br), órgão do Comitê Gestos da Internet no Brasil (CGI.br), mostram que o país tinha 71% dos domicílios com acesso à internet em 2019 e passou para 83% em 2020, somando 61,8 milhões de domicílios com algum tipo de conexão à rede, no primeiro ano da pandemia.

Os dispositivos móveis passaram a desempenhar um papel central e uma tradicional ferramenta de comunicação on-line, famosa pela praticidade nas ligações e conferências em vídeo, também se popularizou no telejornalismo. Entre dezenas de aplicativos e *softwares* com funcionalidades parecidas, o Skype é um *software* que permite conversas de voz e vídeo, enviar mensagens instantâneas e compartilhar arquivos com outras pessoas. Pode ser utilizado no seu celular, computador ou *tablet*, é gratuito para download (SKYPE, 2020). No telejornalismo tem sido um recurso para gravação de entrevistas ou transmissão on-line das entrevistas que dispensam o estúdio, com participações em tempo real, mesmo o entrevistado estando distante de um repórter ou apresentador.

²³ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/estudo-mostra-que-pandemia-intensificou-uso-das-tecnologias-digitais>. Acesso em: 20 jan. 2022.

4 CAMINHO METODOLÓGICO

Esta pesquisa tem como método uma abordagem qualitativa, a qual permite compreender as características dos dados. Minayo (2003) destaca que pesquisas qualitativas estão preocupadas com os significados presentes nas ações humanas, o que reflete no desenvolvimento deste trabalho, que procura compreender como as práticas, ou seja, as ações nas rotinas de produção da notícia telejornalística regional são entendidas pelos jornalistas. Como objeto empírico, analisamos a rotina produtiva do Bom Dia Mirante, telejornal que tem 2h30 de duração, sendo produzido e apresentado pela TV Mirante São Luís, mas com participação ao vivo das principais cidades do interior do estado.

Para chegar a essas reflexões nos apoiamos na observação participante como metodologia de pesquisa, que causou impacto nos estudos de Comunicação Social nos anos de 1980 e início da década de 1990, mas em seguida passou a ser menos prestigiada no universo da pesquisa acadêmica na área da Comunicação no Brasil. Segundo Triviños (1990), esse tipo de pesquisa tem sua origem nos estudos sobre comunidades desenvolvidos por antropólogos que se tornaram conhecidos como investigação etnográfica.

Os pesquisadores perceberam rapidamente que muitas informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo. Isto não significou, de começo, o abandono de posicionamento teóricos funcionalistas e positivistas (TRIVIÑOS, 1990, p. 120).

Sobre a observação participante, também conhecida como pesquisa-ação, Thiollent (1986) ressalta que a participação do pesquisador, neste caso, ocorre de diferentes maneiras, promovendo maior ou menor engajamento com o grupo pesquisado. Esta influência pode ser intencional ou não. Uma característica importante de qualquer pesquisa participante, porém, é que ela se enquadra no conceito de pesquisa empírica e, assim, é construída na relação do pesquisador com os observados, de forma que a visão particular do pesquisador contribui para a constituição do resultado, assim como o comportamento das pessoas analisadas.

A observação participante garante habilidade para entender o campo estudado e também decorre do envolvimento e identificação do pesquisador com o

que está sendo estudado. “A alegação que normalmente é feita é que a observação permite ao pesquisador descobrir como algo efetivamente funciona ou ocorre” (FLICK, 2009, p. 201). Neste sentido, Peruzzo (2003) tomou a liberdade de juntar as principais definições clássicas formuladas por pesquisadores como forma de propiciar uma caracterização introdutória das estratégias de inserção do pesquisador no ambiente estudado, e resumiu sua participação em:

a) Presença constante do observador no ambiente investigado para que ele possa “ver as coisas de dentro”.

b) O investigador compartilha de modo consistente e sistematizado das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado. Ou seja, ele se envolve nas atividades, além de compartilhar “interesses e fatos”.

c) Necessidade do pesquisador “assumir o papel do outro” para poder atingir “o sentido de suas ações”.

Vale destacar que esta pesquisadora está imersa no ambiente da TV Mirante. Há 12 anos atua como jornalista nesse mundo televisivo, em diferentes etapas do processo jornalístico e de construção da notícia, exerceu a função de repórter por 10 anos e atualmente desempenha a função de editora e apresentadora do JMTV 2ª Edição, telejornal da TV Mirante ancorado em Imperatriz e com cobertura em 50 municípios. Acredita-se que essa vivência pode servir para um olhar mais criterioso e para a observação com maior riqueza de detalhes nas rotinas que perpassam o trabalho.

Por trabalhar na referida emissora, porém na sucursal de Imperatriz, a pesquisadora tem acesso ao espelho do telejornal, que facilita a visualização de informações que podem corroborar com as informações fornecidas pelos entrevistados. E este é um dos destaques deste trabalho, uma visão de dentro da empresa e com vivência própria, o que dificilmente um pesquisador de fora conseguiria fazer por questões de acesso e políticas da empresa.

Por outro lado, também reconhecemos as limitações em imprimir um olhar distanciado e o exercício necessário de estranhar o familiar nesses casos em que há uma vivência direta, pessoal e profissional do pesquisador no próprio campo em que pesquisa. Mas foi seguindo o rigor científico e os passos da metodologia empregada que garantimos a cientificidade do trabalho aqui apresentado.

A escolha pela temática estudada parte de uma inquietação particular da pesquisadora por exercer atividade jornalística em um telejornal local. Também por ter percebido desde o início da pandemia da Covid-19, ainda que na rotina da TV Mirante Imperatriz, o uso exacerbado de ferramentas tecnológicas como recursos indispensáveis na produção noticiosa diária.

Esse acesso e pertencimento à realidade similar podem representar vantagens que certamente vão auxiliar e permitir um olhar privilegiado e particularizado nas mais diversas situações, no decorrer da pesquisa, mas o pesquisador “deve observar e saber que também está sendo observado e que o simples fato de estar presente pode alterar a rotina do grupo ou o desenrolar de um ritual” (TRAVANCAS, 2005, p. 103). Vale ainda ressaltar que os membros do grupo de WhatsApp foram informados que a pesquisadora estava desenvolvendo a presente pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado. Além de ser informados, eles concordaram em participar pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice B).

Thiollent (1986) também define a pesquisa participante em fases, cuja ordem pode ser diversa. Estas fases são: a etapa exploratória, a constituição do tema da pesquisa, a colocação dos problemas, a abordagem teórica, a elaboração de hipóteses e o seminário, que consiste na realização de discussão acerca do conteúdo. Na fase exploratória foram realizados os primeiros contatos com o objeto de pesquisa ainda em 2020 com a elaboração de artigos para disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (PPGCom).

Durante os dias 15 e 16 do mês de dezembro de 2021 a pesquisadora fez o registro com observação participante e imersão na redação da TV Mirante em São Luís, observando de perto a rotina produtiva e participando das reuniões de pauta com a equipe do Bom Dia Mirante. Os registros foram sendo feitos em um diário de campo pela pesquisadora, que se mostra como uma vantagem decorrente deste método.

O principal instrumento de trabalho de observação é o chamado diário de campo, que nada mais é que um caderninho, uma caneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades. Respondendo a uma pergunta frequente, as informações escritas no diário de campo devem ser utilizadas pelo

pesquisador quando vai fazer análise qualitativa (MINAYO, 2016, p. 65).

Duarte (2010) pondera que a seleção de entrevistados nos estudos qualitativos não é probabilística, como ocorre nas abordagens quantitativas. A definição de quem será ouvido depende do julgamento do pesquisador que faz suas escolhas a partir de critérios subjetivos que se relacionam ao objetivo da pesquisa. Com o intuito de se obter um padrão a partir de diferentes fontes, a pesquisadora utilizou também a entrevista como técnica de coleta de dados com 10 profissionais que fazem parte da rotina produtiva, incluindo apresentadores, editores-chefes, repórteres e outros.

Após ter sido estabelecido o objeto de estudo, definiu-se o recorte temporal da pesquisa, a data inicial de 2 março de 2020 considerando o primeiro dia em que a temática passou a ser apresentada no Bom Dia Mirante, até o dia 28 de fevereiro de 2022, compreendendo um período de dois anos. Além da observação participante, a obtenção de dados para esta pesquisa se respalda no uso de entrevistas, uma das técnicas mais utilizadas no âmbito das pesquisas na área da Comunicação, como também nas Ciências Sociais de modo geral (MARCONI; LAKATOS, 2002; MARTINO, 2018). Muitas vezes é considerada como “simples” quando na verdade possui complexidades que precisam ser consideradas antes de executá-la.

As entrevistas podem ser classificadas tanto como qualitativas quanto quantitativas (DUARTE, 2005). Nesta pesquisa utilizamos as entrevistas com abordagem qualitativa. Existem três tipos de entrevistas: abertas, semiabertas e fechadas. Utilizamos as semiabertas, que têm como finalidade explorar informações de modo mais detalhado e minucioso oferecendo uma certa liberdade ao entrevistado, mas sem perder o foco da investigação (MARTINO, 2018).

Conforme Duarte (2005, p. 62), a entrevista “é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. Pereira e Neves (2013) oferecem uma espécie de guia com dicas para evitar determinadas situações que possam vir a comprometer a análise e coleta de dados, tais como: procurar, na medida do possível, estender ao máximo o tempo de entrevista a fim de captar um considerável

nível de informações, assim como estabelecer uma relação de confiança com os entrevistados.

Além disso, os autores alertam que o lugar e as condições nas quais serão feitas as entrevistas devem ser levadas em considerações. Com as flexibilizações durante a pandemia da Covid-19, algumas entrevistas foram realizadas de forma presencial, nos dias 15 e 16 de dezembro, e outras através da plataforma do Google Meet²⁴ e pelo aplicativo Whatsapp. Ao todo, 22 profissionais estão diretamente ligados ao Bom Dia Mirante, mas destes, apenas 10 foram entrevistados, escolhidos por critério de maior relação com a rotina produtiva do telejornal analisado.

4.1 O telejornal Bom Dia Mirante

De acordo com o Atlas de Cobertura Rede Globo (2019), a TV Mirante, afiliada Globo no Maranhão, alcança com seu sinal retransmissor os 217 municípios do estado. A emissora possui quatro praças: TV Mirante de São Luís – sendo a cabeça de rede; TV Mirante de Imperatriz; TV Mirante Cocais - sediada na cidade de Caxias – e TV Mirante de Balsas. Embora somente a TV Mirante de São Luís e Imperatriz possuam redação jornalística, com jornais veiculados e ancorados a partir das duas cidades, as outras praças contam com repórteres que auxiliam no processo de cobertura de notícias sobre as cidades que são responsáveis. A participação das emissoras dentro dos telejornais de São Luís e Imperatriz acontece por meio de uma rede em comum na qual cada veículo possui um IP e compartilha seu material produzido.

O primeiro telejornal do dia exibido na TV Mirante é o Bom dia Mirante, veiculado de segunda a sexta-feira, das 6h às 8h30. O telejornal é produzido e ancorado em São Luís e transmitido ao vivo para todo o estado, com a participação de repórteres da capital, Imperatriz, Caxias, Santa Inês e Balsas, sendo o objeto desta pesquisa.

O Bom Dia Mirante estreou na grade jornalística da TV Mirante no dia 14 de novembro de 2001, após uma reformulação nos telejornais da emissora, antes o programa era chamado Jornal da Manhã, veiculado por uma década, desde 1991, com apenas 25 minutos de duração. O atual apresentador do Bom Dia, Soares

²⁴ Google Meet é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google.

Júnior, na época veio da TV Difusora (afiliada do SBT) para ser o âncora do telejornal, ao lado da apresentadora Carla Georgina. Como o tempo de exibição era relativamente curto, se comparado às 2 horas e 30 minutos de produção atuais, o trabalho de edição na rotina produtiva do telejornal se concentrava pela manhã, minutos antes de entrar no ar.

O Jornal da Manhã era feito assim: você marcava as entrevistas e o restante era feito no dia seguinte porque dava tempo, a equipe chegava 6h da manhã para apresentar 6h45 com os entrevistados marcados e os VTs, às vezes não eram revisados do 2ª edição, do dia anterior, aí entrava muito VT datado. Então não adianta eu chegar aqui agora, 9h da manhã, para fazer a reunião, definir um número de assuntos. O Bom Dia Mirante é um programa diferente de todos da TV Mirante porque ele faz o dia seguinte (SOARES JÚNIOR, 2021, informação verbal²⁵)

Atualmente, o Bom Dia é o único telejornal da TV Mirante que reúne a participação de todas as praças, ao vivo, todos dias, com exceção dos imprevistos por problemas de saúde dos repórteres e equipe de externa ou por problemas técnicos que impeçam a participação dos correspondentes das praças.

É o jornal mais integrado que nós temos. A gente consegue ter todas as praças que compõem a TV Mirante entrando ao vivo, São Luís, Imperatriz, Caxias, Santa Inês, Balsas, agora mais recente Codó passou também a entrar e a tecnologia foi fundamental para isso. A gente dispõe de um equipamento chamado mochilink²⁶, a transmissão é feita via internet, e isso dá pra gente uma mobilidade enorme porque a gente pode fazer entradas ao vivo de qualquer ponto da cidade com uma internet boa ou sinal de wifi, a gente pode mostrar cidades diferentes, então é um telejornal muito dinâmico (SANTOS, 2022, informação verbal²⁷).

O telejornal conta com uma equipe que envolve produtores, repórteres, editores, cinegrafistas, engenharia, entre outros profissionais. A equipe do Bom Dia Mirante em 2021, quando foi realizada a pesquisa de campo, está disposta no quadro 1, que apresenta os nomes dos profissionais e suas respectivas funções dentro do telejornal.

²⁵ Entrevista concedida por Soares Júnior. Entrevista I. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

²⁶ Mochilink é um equipamento utilizado para transmissão de conteúdo ao vivo, portátil, acoplado em uma mochila.

²⁷ Entrevista concedida por Gil Santos. Entrevista V. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

Quadro 1 – Equipe do Bom Dia Mirante

Célia Fontenele - apresentadora/editora-chefe	Eveline Cunha – chefe de redação
Soares Júnior - apresentador/editor-chefe	Douglas Pinto - repórter TV Mirante São Luís
Vilma Santos - produtora / operação BD	Camila Marques - repórter TV Mirante São Luís
Rafaela Sousa - produtora/ coordenadora de Link	Olavo Sampaio – repórter TV Mirante São Luís
Pablo André - editor de imagem	Gil Santos – repórter TV Mirante Balsas
André Soares - editor de imagem	Erisvaldo Santos - repórter TV Mirante Santa Inês
Gabriel Soares - editor de imagem	Nicce Ribeiro - repórter TV Mirante Caxias
Hugo Sousa - engenharia	André Sousa - repórter TV Mirante Imperatriz
Vilma Santos – produtora	Afonso Diniz - apresentador / esporte
Clovis Cabalau - apresentador /política	Liliane Cutrim – apresentadora G1
Berg Sousa – diretor / operação	Thárcilla Castro – coordenadora de Link
Nário Júnior – engenharia	

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Os dez jornalistas entrevistados na amostragem desta pesquisa foram: Soares Júnior, Célia Fontenele, Vilma Santos, Thárcilla Castro, Douglas Pinto, Erisvaldo Santos, Gil Santos, Nicce Ribeiro, André Sousa e Eveline Cunha. São produtores, apresentadores, editores e repórteres, estes últimos muitas vezes acumulam a função de produtor e editor, principalmente quando estão situados em outras praças, que não seja a de São Luís, que sedia o programa Bom Dia Mirante. Eles foram escolhidos, como já citado anteriormente, por estarem mais ligados à rotina do telejornal diariamente.

5 PANDEMIA E AS RECONFIGURAÇÕES DAS PRÁTICAS TELEJORNALÍSTICAS NO BOM DIA MIRANTE

No dia 26 de fevereiro de 2020, uma quarta-feira, o Ministério da Saúde confirmou em São Paulo o primeiro caso do vírus Sars-Cov-2 no Brasil. Após as edições de quinta-feira e sexta-feira, quando ainda não se falava em casos suspeitos do novo vírus no Maranhão, e sem exibição do programa Bom Dia Mirante aos sábados e domingos, o assunto só entrou em pauta no referido telejornal na edição de segunda-feira, dia 2 de março de 2020. O jornalista e comentarista Roberto Fernandes, *in memoriam*, mas que à época tinha um quadro de política no programa, fez sua participação ao vivo chamando o repórter Erisvaldo Santos, diretamente da cidade de Santa Inês, para falar sobre uma *fakenews* que se espalhava na cidade.

Por dois minutos o repórter explicou que se tratava do caso de uma mulher que deu entrada no hospital com sintomas semelhantes aos da Covid-19, após uma estada na Europa, mas o Hospital Macrorregional de Santa Inês divulgou uma nota negando que a paciente estivesse com o coronavírus, com a confirmação por exames, afirmando que a informação do suposto caso no estado não passava de uma notícia falsa. O repórter destacou que se tratava de um boato e reforçou a importância de as informações serem checadas antes de serem compartilhadas, principalmente em grupos de WhatsApp e pelas redes sociais.

Figura 1 – Jornalista Roberto Fernandes e o repórter Erisvaldo Santos



Fonte: Captura de tela, 2020.

Na sequência, em uma entrevista de estúdio concedida ao mesmo apresentador, o jornalista Roberto Fernandes, com duração de 10 minutos, o secretário municipal de Saúde, Lula Filho, esclareceu sobre a suspeita do novo coronavírus na capital São Luís. Este sim, tratava-se de um caso, de fato, suspeito, investigado e contabilizado como o primeiro suspeito pelas autoridades de saúde do estado.

Figura 2 – Jornalista Roberto Fernandes entrevistando Lula Filho



Fonte: Captura de tela, 2020.

Foi o pontapé para que nos dias consecutivos o assunto fosse cada vez mais abordado no telejornal, nos mais diversos gêneros jornalísticos. Em participações ao vivo, feitas via *link*, pelos repórteres de São Luís e das praças, em reportagens exibidas no telejornal e, principalmente, com mais tempo de conteúdo dedicado às entrevistas de estúdio que tratavam do assunto, com duração média de 10 minutos.

5.1 Mais tempo, mais conteúdo no telejornal

Quando pouco se sabia ainda sobre o vírus Sars-Cov-2, que se alastrava causando sofrimento e mortes provocados pela doença desenvolvida por alguns dos contaminados, denominada Covid-19, a grande mudança que logo causou forte impacto na rotina produtiva do Bom Dia Mirante e exigiu estratégias dos jornalistas que fazem o programa foi o aumento no tempo da programação.

O telejornalismo regional já vinha passando por mudanças no contexto da midiaticização e teve que se adaptar aos limites impostos pela pandemia, reinventando os modos de produção e expandiu o seu papel hegemônico como veículo informativo quando a programação televisiva suspendeu transmissões esportivas e passou a veicular reprises de telenovelas.

O tempo do telejornalismo aumentou na grade de programação e ganhou mais destaque, reafirmando sua centralidade durante a quarentena do Covid-19 como a janela para as notícias do tempo presente. A ampliação de tempo de veiculação do Bom Dia Mirante aconteceu exatamente no dia 16 de março, duas semanas após a temática da Covid-19 ganhar destaque pela primeira vez no telejornal. Antes o programa era veiculado de 6h às 8h da manhã.

Com o distanciamento social necessário e medidas de prevenção adotadas, os programas Encontro com Fátima Bernardes e Se Joga, da Rede Globo, que contavam com a participação de plateia nos estúdios de gravação, foram tirados do ar para priorizar a cobertura da pandemia do novo coronavírus no Brasil. Às 10 horas estreou um novo programa no lugar do Encontro com Fátima, o Combate ao Coronavírus passou a ser apresentado pelo jornalista Márcio Gomes, com o conteúdo focado na doença e sempre com a participação de especialistas. O tempo de sobra com a retirada de programas fixos foi redistribuído na programação jornalística e o 1º programa matinal das afiliadas Globo, no caso da TV Mirante, o Bom Dia Mirante, ganhou mais 30 minutos de produção na grade da programação.

Figura 3 – Espelho do Bom Dia Mirante de 16 de março de 2022

16/03/2020				BOM DIA MIRANTE		Carregar	
	Início	Término	Duração				
	06:00:00	08:30:00	02:30:00				
Bloco 1 (00:27:04)							
Pág.	Tipo	Referencia					
01	ESCA	ESCALADA					
02	VIVO	ESCALADA/DOUGLAS					
03	VIVO	ESCALADA/CAMILA					
04	VIVO	ESCALADA/ERIVALDO					
05	VINH	VINHETA/ESCALADA					
06	VIVO	VIVO/CAMILA/ATUALIZA COVID-19					
07	VIVO	VIVO DOUGLAS UFMA CORONAVIRUS					
08	VT	SONORA SECRETÁRIO DE SAÚDE					
09	NR	NOTA PÉ SECRETÁRIO					
10	ESTU	MAPA TEMPO/ TED					
11	VT	BLS/PRODUÇÃO MILHO					
12	VIVO	VIVO/ BALSAS/ VOLTA CHUVA					
13	VIVO	VIVO ITZ CONSEQUENCIAS CHUVAS 1MOS					
14	VIVO	VIVO/SANTA INÊS/ACIDENTE MÉDICO 1MAGENS					

[CABEÇA]	01:07
[Soares Junior]	00:06
OLÁ, BOM DIA!//	
SEGUNDA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO.//	
HOJE O BOM DIA MIRANTE VAI ATÉ AS DITO E MEIA DA MANHÃ.//	
GC 100 ESCALADA: COLHEITAS NO SUL DO MARANHÃO	
GC 101 ESCALADA: PROBLEMAS EM ESCOLA	
GC 102 ESCALADA: DOAÇÃO DE SANGUE	
GC 103 ESCALADA: TRÂNSITO	
GC 104 ESCALADA: ESPORTE	
[Célia Fontinele]	00:52
TUDO PRA VOCÊ FICAR AINDA MAIS INFORMADO DAS NOTÍCIAS DO DIA.//	
E UMA COBERTURA ESPECIAL SOBRE O NOVO CORONAVÍRUS E TAMBÉM SOBRE OUTRAS DOENÇAS COMO O SARAMPO E O H1N1.//	
VAMOS VER ALGUNS DOS DESTAQUES DE HOJE.//	

Fonte: I V Mirante, ZUZU

Além do tempo maior disponibilizado às afiliadas Globo, havia uma orientação para a participação em outros programas da Rede, caso houvesse alguma peculiaridade na cidade, região ou estado, relacionada à pandemia.

O tempo do jornal ficou bem maior, a rede Globo nos deu mais tempo e se a gente ainda precisasse de tempo, você poderia entrar com flash²⁸. O Bom dia aumentou o tempo, todos os jornais aumentaram, justamente para a gente fazer essa prestação de serviço e a gente fazia mostrando o que é a pandemia, essa tragédia, o cuidado, mas também mostrando coisas boas, teve gente que conseguiu vencer as barreiras, a avó que passou a usar a internet para ver o netinho, teve gente que começou a ganhar dinheiro fazendo a comida caseira para entregar (CUNHA, 2021, informação verbal²⁹).

A notícia foi recebida com surpresa pela equipe de redação do Bom Dia Mirante, diante de outras dificuldades em produzir conteúdo que já se mostravam como barreiras a serem superadas na rotina produtiva, com a necessidade do distanciamento social que acabava de provocar significativas mudanças.

Foi uma segunda-feira. Quando eu cheguei no domingo, o Prado, diretor de jornalismo, me mandou uma mensagem dizendo que o Bodão, o chefe das afiliadas, tinha dito que em função da pandemia era para aumentar o jornal, na segunda quinzena de março. Antigamente eram só 24 minutos, passou para 45, depois para 1 hora e 30, depois aumentou para 2 horas de produção e com a pandemia da Covid-19 aumentou para 2 horas e 30 minutos. Foi dado esse tempo para as afiliadas e não pegaram de volta, mas não aceitaram por causa dos resultados. E o que tem acontecido? A gente acaba tendo que reprisar VTs, a gente acaba tendo que aumentar o tempo de entrevistas, a gente acaba tendo que pedir para os repórteres entrarem mais vezes, mesmo sem o conteúdo interessante para cobrir esse *fade*³⁰. Eu acredito que não só a TV Mirante, mas outras afiliadas também não colocaram equipes a mais (SOARES JUNIOR, 2021, informação verbal³¹).

Os impactos na rotina produtiva do telejornalismo foram mais sentidos na fase inicial da pandemia, com a necessidade de adaptação à nova realidade e mais tempo de informação em um contexto carregado de limitações, principalmente das

²⁸ Breve informação gravada ou ao vivo transmitida pelo repórter.

²⁹ Entrevista concedida por Eveline Cunha. Entrevista II. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

³⁰ Fade é espaço deixado para que um conteúdo seja transmitido.

³¹ Entrevista concedida por Soares Júnior. Entrevista I. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

equipes de externa que ficaram impossibilitadas de estarem nos locais para capturarem imagens e realizar entrevistas. Foi quando os produtores do Bom Dia Mirante se viram desafiados e recorreram de forma irrefutável à tecnologia para suprir essa nova demanda de produção de conteúdo.

Eu acho que a maior mudança foi de conteúdo, era tudo muito novo e a gente tinha muita coisa para falar, então acho que os formatos novos ou diferentes que a gente passou a fazer eram muito mais ditados pelo conteúdo que a gente tinha que dar, coisa que a gente sempre fez com vários temas mas que virou um tema universal. A principal mudança foi essa, de conteúdo, a gente começou a usar mais tecnologia, óbvio que possibilitava a gente fazer coisas que não davam para fazer, chegar aos lugares que não dava para a gente ir, ter no conteúdo os entrevistados que não dava para a gente receber, aí a entrevista por skype foi uma coisa que a gente passou a fazer muito, porque os protocolos ficaram diferentes (SANTOS, 2021, informação verbal³²).

A partir deste contexto de mudanças provocadas pela situação de pandemia vivenciada no mundo, o Bom Dia Mirante passou a reconfigurar e reestrutura suas rotinas e produções para preencher o novo tempo do jornal e ao mesmo tempo lidar com as restrições sociais impostas pela pandemia.

5.2 Novos protocolos na TV Mirante

Na observação participante, constatamos que a rotina produtiva da equipe do Bom Dia Mirante sofreu vários impactos e isso se refletiu no trabalho de todos os profissionais. A empresa disponibilizou álcool em gel na redação, espalhou desinfetante de superfícies em aerossol para higienização de microfones, computadores e outros equipamentos utilizados no trabalho, distribuiu máscaras de tecido para os profissionais, tentando minimizar os riscos de contágio dentro do ambiente de trabalho.

As mudanças se estenderam da capital São Luís às praças, no interior do estado. “O uso da máscara, sempre estar higienizando os equipamentos e até andar com vidros do carro abertos”, passou a ser o novo ritual das equipes de externa,

³² Entrevista concedida por Vilma Santos. Entrevista III. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

como citou o repórter André Sousa (2022³³), de Imperatriz. Os protocolos também foram confirmados pelo repórter de Balsas:

No ambiente de redação o álcool em gel passou a ser um acessório, fazia parte do kit de cobertura durante a Covid-19, além de outras rotinas nossas que foram fortemente afetadas, por exemplo o fato da gente ter que manter distância das pessoas, o profissional de jornalismo tem muito isso de se aproximar, ter um contato mais próximo, e no geral a nossa rotina foi muito afetada em todos os aspectos (SANTOS, 2022, informação verbal³⁴).

O distanciamento recomendado à toda a população não excluiu os telejornalistas de praticarem essa importante medida de prevenção nas transmissões ao vivo, mas foi um protocolo impactante no telejornal local para os jornalistas que já estavam habituados a fazer muitas entrevistas ao vivo, em lugares públicos e com aglomerações, sempre próximos das pessoas para mostrar os problemas da comunidade.

O Bom Dia Mirante é um programa muito grande, muito dinâmico e a gente tem que ir pra rua, ficar perto das pessoas. O primeiro 'baque' foi se distanciar das pessoas para passar as notícias. Mesmo de máscara a gente utilizava aquela distância de um metro e meio, dois metros, e a gente passou dois anos sem entrar em um transporte público, que era um problema que a gente mostrava muito. Tudo que a gente conseguia mostrar dos coletivos eram as imagens enviadas pelos telespectadores de dentro, se a gente tivesse que fazer imagens, a gente fazia de fora, então tudo foi mudando e a gente reaprendendo a fazer diferente da rotina (PINTO, 2022, informação verbal³⁵).

Em todos os departamentos da TV Mirante, incluindo a redação do Bom Dia Mirante, as novas de práticas de higiene foram facilmente cumpridas. Uma das produtoras foi contratada durante o período de pandemia, e, portanto, mesmo sem a experiência da rotina antes da pandemia, Castro (2022, informação verbal³⁶) destacou outra medida simples que também refletiu na consciência ambiental, foram além do "uso de máscara, higienização da mesa, computador e mouse, com a

³³ Entrevista concedida por André Sousa. Entrevista VI. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

³⁴ Entrevista concedida por Gil Santos. Entrevista V. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

³⁵ Entrevista concedida por Douglas Pinto. Entrevista VII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

³⁶ Entrevista concedida por Tharcilla Castro. Entrevista VIII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

utilização do próprio copo, já que os copos descartáveis próximos aos bebedouros não eram mais ofertados no ambiente, dentro da empresa”.

5.3 A entrevista on-line no contexto da pandemia

O telejornalismo foi se adaptando aos avanços dos protocolos de saúde voltados à contenção do contágio da Covid-19 em todo o mundo, concretizando muitas alterações na sua gramática de produção. Com as orientações das autoridades sanitárias e a necessidade de distanciamento social, as entrevistas passaram a ser realizadas de forma on-line, para isso bastava se ter em mãos o auxílio de um celular ou computador. Essa prática das entrevistas on-line, embora não seja uma tecnologia nova, é considerada pelos entrevistados nesta pesquisa a mais inovadora na rotina de produção do Bom Dia Mirante porque o programa não se valia desse recurso antes.

Eu não me lembro da gente ter usado Skype antes da pandemia, a gente usou a partir da pandemia e foi mesmo assim, a gente tava na reunião de pauta, o JM1 tinha feito e a gente passou a fazer com uma frequência bem forte. Era muito desafio na época e até hoje a gente tem que orientar os entrevistados, desde a marcação da entrevista, porque você precisa pegar as informações, explicar pra eles da plataforma e como proceder na hora também da entrevista. A maioria não utilizava, algumas pessoas já tinham uma conta de Skype mas não usavam com frequência (SANTOS, 2021, informação verbal³⁷).

Com maior tempo de duração no ar, a entrevista realizada no estúdio do Bom Dia Mirante garantia aos produtores, editores e apresentadores a segurança em cobrir o tempo dispensado pela Rede Globo às afiliadas, para cada jornal, na grade da programação, o chamado fade. Mas a TV Mirante passou a adotar protocolos internos, exclusivos do Grupo Mirante, com restrição no atendimento externo e circulação interna de pessoas, além de funcionários, para evitar aglomeração.

A medida afetou e restringiu também a presença de entrevistados dentro da emissora, no estúdio do Bom Dia Mirante. As entrevistas longas, principalmente nos quadros “Chame o Psique” e “Direitos do consumidor”, sempre foram carro-chefe no programa, e os especialistas costumavam ir até o estúdio conceder as entrevistas

³⁷ Entrevista concedida por Vilma Santos. Entrevista III. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

sobre os temas abordados. A saída encontrada de imediato, pois não era possível renunciar às entrevistas no telejornal que necessitava de fontes especialistas sobre o assunto mais comentado no momento, a pandemia da Covid-19, foi a realização de entrevistas por meio de videochamada, utilizando o Skype.

No dia 25 de março de 2020, o apresentador Soares Júnior chamava o médico pneumologista Pedro Springe, que apareceu no telão, com a chamada de vídeo transmitida pela televisão para todo o Maranhão e a seguinte cabeça³⁸: “Exames de imagem mostraram que o coronavírus pode deixar sequelas no pulmão. Sobre isso nós vamos conversar com o médico pneumologista Pedro Springe. Nossa conexão com ele é pela internet”. A entrevista foi realizada via Skype, que passou a ser uma ferramenta utilizada diariamente no telejornal.

Figura 4 – Soares Júnior entrevistando o médico via Skype



Fonte: Captura de tela, 2020.

Na TV Mirante, por quase todo o período de análise desta pesquisa, do início da pandemia a dezembro de 2021, as entrevistas com a presença do entrevistado no estúdio ficaram suspensas, sendo o Skype o principal recurso utilizado para fazê-las. Para o apresentador Soares Júnior, que soma três décadas de experiência na apresentação de telejornais, a nova forma de conduzir e entrevistas pessoas tornou-se algo positivo, do ponto de vista pessoal, e mais ainda pela informação que pode ser repassada de qualquer lugar em que haja os recursos tecnológicos necessários, como computador e internet.

No início eu não gostava de entrevistar por Skype, porque eu já vinha há 30 anos olhando no olho no olho da pessoa, mas hoje eu digo que

³⁸ Cabeça é o texto lido pelo apresentador para “chamar” uma reportagem, VT ou entrevista.

eu tenho até mais segurança pra entrevistar pelo Skype porque eu sinto um distanciamento de poder olhar no olho daquela pessoa e vê se ela tá falando a verdade ou não, eu fico mais seguro. A gente está voltando a fazer entrevista no estúdio e eu estou me readaptando. É algo que vai ficar porque aproximou. A gente já fez entrevista com a pessoa lá em Brasília, no Rio de Janeiro, São Paulo. Essa adaptação tem partido de cada um, por conta própria, sem treinamento e isso tem feito com que cada um se reinvente nesse período (SOARES JÚNIOR, 2021, informação verbal³⁹).

Toda tecnologia exige conhecimento, habilidade e por vezes capacitação para seu uso, no telejornalismo não é diferente. Partiu dos profissionais, sem tempo hábil de conhecer o *software* para ter o domínio de utilizá-lo, o interesse em se familiarizar com a tecnologia usada para a chamada de vídeo, o Skype, e outras menos utilizadas. A produtora Vilma Santos, muitas vezes responsável pela marcação e orientação aos entrevistados, destaca que o aprendizado e manuseio da ferramenta aconteceu na prática.

Eu cheguei e tinha Skype marcado, mas nunca tinha feito um skype, todo mundo aprendeu na prática e estamos aprendendo ainda. O primeiro uso a gente já faz, mas dá pra melhorar sempre. Todo mundo se dedicou em algum momento pra aprender pelo menos como se usa o Skype porque a gente tinha que dizer pros entrevistados como usava e a gente passou a entender melhor porque a gente precisava muito, o tempo aumentou, a preocupação aumentava, e a gente tinha que entender como aquela roda tecnológica girava (SANTOS, 2022, informação verbal⁴⁰).

Os entrevistados foram unânimes em dizer que não houve uma apresentação mais detalhada, capacitação ou treinamento para o uso de tecnologias inseridas e tidas como novas na rotina produtiva do Bom Dia Mirante, a exemplo do Skype e o Telegram⁴¹, eventualmente usado. Mas os jornalistas defendem que há uma curiosidade e interesse peculiares a cada um, conforme a sua função e atuação no Bom Dia Mirante, que os fazem buscar entender como essas tecnologias funcionam.

³⁹ Entrevista concedida por Soares Júnior. Entrevista I. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

⁴⁰ Entrevista concedida por Vilma Santos. Entrevista III. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

⁴¹ Telegram é um serviço de mensagens instantâneas disponível para *smartphones*, tablets e computadores. Os usuários podem fazer chamadas com vídeo, enviar mensagens e trocar fotos, vídeos, e arquivos de qualquer tipo.

Quanto à atualização tecnológica não existe uma orientação formal, mas é muito natural da gente querer se atualizar o tempo inteiro, porque a pandemia forçou muito a utilização das tecnologias para que a gente tivesse acesso às informações, acesso aos nossos especialistas, aos nossos entrevistados, mas no dia a dia cada profissional se permite ter acesso e utilizar essas tecnologias para o melhor funcionamento da produção jornalística. Eu penso que o repórter, o produtor, cada jornalista individualmente tem essa necessidade de se atualizar até pelo mercado, a própria TV evolui de forma natural, só funciona se a gente acompanhar esse processo (RIBEIRO, 2021, informação verbal⁴²).

Uns tiveram mais facilidade nesse processo em que houve uma celeridade na adoção de aplicativos e *softwares*, outros com mais dificuldade, caso do repórter de Balsas, Gil Santos (2022), que tem quase três décadas exercendo a profissão e viveu fases diferentes no telejornalismo da TV Mirante, acompanhando mudanças significativas nesse processo. Passou da escrita à mão, na máquina de datilografar, para os computadores e, por último, nos *smartphones* que em suas versões atualizadas trazem sempre novos elementos que podem ser utilizados na rotina produtiva do telejornalismo.

Eu sou de uma geração mais antiga de repórteres e tive que me reinventar para aprender a lidar com essas novas tecnologias, saber utilizar essas ferramentas novas, os aplicativos de conversa, a gente tem hoje o telefone celular na mão como um complemento daquilo que a gente já fazia e outras novas tecnologias estão sempre surgindo (SANTOS, 2022, informação verbal⁴³).

Para a produtora e coordenadora de link, contratada no período da pandemia, essa busca pela atualização profissional e familiarização às novas tecnologias, fez com que ela conquistasse e permanecesse na função exercida:

Sim, pois o avanço tecnológico requer que os profissionais estejam preparados para qualquer mudança que venha a ocorrer por conta desse avanço. Se você não acompanha o ritmo dessas mudanças, você fica para trás. E, cada vez mais, o mercado de trabalho, independentemente da área, busca pessoas capacitadas, que estejam acompanhando esses avanços tecnológicos. Um exemplo da importância em aderir esse avanço é que temos repórteres que já chegaram a fazer matérias pelo próprio celular. Outras vezes já

⁴² Entrevista concedida por Nicce Ribeiro. Entrevista IX. [Jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

⁴³ Entrevista concedida por Gil Santos. Entrevista V. [Jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

chegamos a receber *standups* que foram gravados pelo celular, por conta de algum problema na internet do *mochilink* (CASTRO, 2022, informação verbal⁴⁴).

A familiaridade ou não com as tecnologias teve que ser superada, pois as entrevistas on-line passaram a fazer parte da rotina do Bom Dia Mirante durante a pandemia. É um recurso que também tende a ser mantido por conta do baixo custo e da possibilidade de entrevistar pessoas de várias partes do estado e fora dele.

5.4 Mais espaço para o vídeo amador no telejornal

A partir das entrevistas que passaram a ser realizadas de forma on-line, a discussão sobre a resistência em massificar o vídeo amador nos telejornais, considerando que o Padrão Globo de Qualidade sempre priorizou a qualidade técnica dos seus produtos, foi perdendo força, uma vez que a crise sanitária forçava os jornalistas de TV a buscarem alternativas na produção de conteúdo, que oferecessem menos risco à saúde com a exposição das equipes. Foi o que aconteceu na rotina produtiva do Bom Dia Mirante.

Com a necessidade de ter imagens para o noticiário, o material que chega principalmente por meio de aplicativos de mensagens é avaliado pelos produtores e editores e passou a ser muito mais utilizado.

Não tem mais um padrão. O que manda é a importância da notícia, o fato. Se a imagem é relevante ela é colocada no ar. Nos manuais antigos da Globo dizia que quando a imagem não era boa, não se colocava no ar, mas hoje se coloca no ar pede desculpa ao telespectador, imagem foi feita pelo celular, é imagem de internet. Da pandemia para cá, qualquer imagem que traz alguma coisa relevante é usada. Continua o sangue não aparecendo, mas outras imagens colocamos sim (SOARES JÚNIOR, 2021, informação verbal⁴⁵).

Ao mesmo tempo que as entrevistas realizadas por meio de *softwares* e aplicativos que permitiam as videoschamadas supriam a necessidade momentânea, perdeu-se o controle da qualidade técnica antes atribuído ao cinegrafista. Do outro

⁴⁴ Entrevista concedida por Tharcilla Castro. Entrevista VIII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

⁴⁵ Entrevista concedida por Soares Júnior. Entrevista I. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

lado da tela, as condições de iluminação, enquadramento e até mesmo os ruídos passaram a ser observadas e orientadas pelos jornalistas.

Figura 5 – Vídeo gravado com celular e enviado à TV Mirante



Fonte: Captura de tela, 2020.

Além disso, a qualidade técnica que era preconizada, dependia não somente dos equipamentos disponíveis, como também da rede de internet, além da habilidade do entrevistado que se dispunha a compartilhar informação de algum lugar distante.

A nossa rotina de trabalho foi muito afetada por conta da pandemia, não só a produção do Bom Dia Mirante, mas todo o telejornalismo da TV Mirante. Passamos a nos cercar de cuidados, até porque as pautas passaram a ser voltadas única e exclusivamente para esse assunto, e nossa função é alertar as pessoas, conscientizar também sobre o momento em que nós estávamos vivendo, mais crítico, só que do outro lado a gente também precisava se proteger. Então houve uma mudança muito brusca na forma de fazer porque a gente não tinha mais acesso aos lugares, às pessoas, e a gente passou a se virar de outro modo, usar de artifícios, tecnologias, para ter acesso às informações. A comunicação acompanha o avanço da tecnologia e as equipes, a própria TV, também se atualizam com relação aos aparatos tecnológicos, mas nunca a gente dependeu tanto da tecnologia no nosso trabalho como durante a pandemia. Então foi nesse momento em que os celulares para gravação de vídeo se tornaram mais essenciais (RIBEIRO, 2022, informação verbal⁴⁶).

⁴⁶ Entrevista concedida por Nicce Ribeiro. Entrevista IX. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

Para Becker (1982), o equipamento utilizado na produção de imagem de um telejornal engendra esse tipo de saber universal, mas quando ele incorpora as convenções, qualquer pessoa capaz de manipular os aparelhos sabe fazer o que é solicitado para que a ação seja efetivada, desde que a atividade seja coordenada. Essa imagem que não é feita pelo cinegrafista da emissora ganha o crédito ou status de amador, algo que também foi se perdendo com a dependência e intensificação do uso dessas imagens na produção de conteúdo durante a pandemia da Covid-19.

O recurso tecnológico que a gente já tinha e já sabia usar, a gente tinha que passar pra nossa fonte que muitas vezes não sabia. A gente recebia um vídeo na vertical, a gente tinha que dizer, olha, o formato da televisão é na horizontal, você pode gravar de novo, bota o celular deitado, manda uma imagem de apoio e as pessoas não sabiam nem o que era imagem de apoio. A gente dizia, tem um texto que a gente vai falar então você faz uma imagem, fica na frente do computador, pede para alguém fazer, e teve gente que nessa época comprou tripé, aquela luz pra fazer esse material pra gente (CUNHA, 2021, informação verbal⁴⁷).

Profissionais da área destacam que essa é também uma contribuição do jornalismo nesse período de crise sanitária. A chefe de redação da TV Mirante, Eveline Cunha, acredita que a pandemia permitiu e incentivou a socialização de um saber que estava atrelado à categoria, especialmente aos profissionais de televisão:

A gente dividiu um pouco esse nosso saber com as pessoas que ajudam a gente a fazer a notícia, e isso vai ficar. Já não tanto como no período mais crítico da pandemia porque o presencial ajuda muito, você sabe que olho a olho você capta melhor, mas a gente conseguiu vencer uma barreira pra mostrar que quando se quer tudo tem jeito de falar e isso é uma coisa que sempre aconteceu, mas agora se expandiu (CUNHA, 2021, informação verbal⁴⁸).

Este estudo não faz uma análise de conteúdo, mas com a confirmação dos entrevistados e observando algumas edições do telejornal Bom Dia Mirante é possível afirmar que o vídeo amador esteve presente na maioria das reportagens desse período. Durante os dois anos de pandemia da Covid-19, no qual a pesquisa faz o recorte, houve reportagens feitas exclusivamente com esse recurso.

⁴⁷ Entrevista concedida por Eveline Cunha. Entrevista II. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

⁴⁸ Ibid.

A gente já fez uma receita inteira da pessoa na casa dela dizendo pra deixar o celular fixo. A gente fez isso porque a gente conseguiu colocar na cabeça das pessoas, eu me lembro que no começo a gente não queria receber o vídeo pela internet, a gente pedia pra mandar pelo we-transfer, botar na nuvem pra gente receber com qualidade, ensinar que fazer jornalismo não é só você ligar uma câmera e filmar, você se comunica de várias formas, com o jeito da voz, a expressão (CUNHA, 2021, informação verbal⁴⁹).

Apesar de toda a orientação para as imagens feitas pelo próprio telespectador, mesmo quando estas não têm a qualidade esperada, pela importância da notícia e a relevância do assunto pautado, elas são utilizadas e com essa frequência cada vez maior, na pandemia, também foram perdendo o crédito de amador. O que Alves (2017) considera uma mudança de uma base convencional até então institucionalizada.

A convenção sobre a imagem passou a sofrer transformações a partir do momento em que a emissora utilizou os vídeos amadores nos seus telejornais e, atualmente, além de massificar esse uso, incentiva o telespectador a enviar esse tipo de material, inclusive, dando dicas de como deve ser feita a gravação, se a intenção é enviar para a emissora (ALVES, 2017, p. 260).

Portanto, aumentou-se a quantidade de reportagens que passaram a ser construídas completamente na redação, sem que as equipes saíssem da emissora para gravar com alguém.

Figura 6 – Exemplo de reportagem com vídeo amador enviado à TV Mirante

⁴⁹ Entrevista concedida por Eveline Cunha. Entrevista II. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.



Fonte: Captura de tela, 2020.

Os vídeos produzidos pelos entrevistados eram enviados pelo celular, o que sempre acarreta perda de qualidade com a redução na resolução da imagem, além da própria qualidade do equipamento e técnicas utilizadas na captura das imagens. Mas esses detalhes, conforme avaliação do apresentador do programa, ficaram em segundo plano.

Não tem padrão. O que manda é a importância da notícia, o fato. Se é relevante ele é colocado no ar. Nos manuais antigos da Globo dizia que quando a imagem não era boa, não se colocava no ar, mas hoje se coloca no ar pede desculpa ao telespectador, imagem foi feita pelo celular, é imagem de internet. Da pandemia para cá, qualquer imagem que traz alguma coisa relevante é usada. Continua o sangue não aparecendo, mas outras imagens colocamos sim (SOARES JÚNIOR, 2021, informação verbal⁵⁰).

Contudo, o que foi percebido pelos entrevistados nesse período, confirmado durante a observação participante nesta pesquisa, é que o trabalho colaborativo do telespectador cresceu na pandemia.

Informação, todo mundo tem algum tipo, mas a notícia as pessoas sabem onde elas vão buscar, porque essa é a nossa responsabilidade, o nosso ofício, de checar, saber pra que serve, mesmo com toda a tecnologia as pessoas vão buscar no jornalismo, aí você ver que nada abalou a audiência, fez foi aumentar. As pessoas sabem que podem participar mais ainda, se você olhar no

⁵⁰ Entrevista concedida por Soares Júnior. Entrevista I. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

Bom Dia Mirante, acontecem as coisas e as pessoas puxam logo o celular, fazem imagem, mandam pra gente, elas já têm a compreensão de passar as informações e a pandemia abriu muitos parceiros pra gente (CUNHA, 2021, informação verbal⁵¹).

A repórter Nicce Ribeiro relatou que fazia as entradas no Bom Dia Mirante no período de análise diretamente da cidade de Caxias (em maio de 2022 ela foi transferida para a capital São Luís), muitas vezes pautada pela própria comunidade. Essa aproximação entre o telejornalista e o telespectador estreitada pelo vídeo amador sinaliza uma prática que já existia, mas que deve perdurar por muito mais tempo pela troca experimentada de forma mais intensa e eficaz na pandemia.

A pandemia nos forçou a fazer diferente em muitos aspectos, principalmente na forma de entrevistar. O nosso telespectador virou nossos olhos na comunidade e isso deve permanecer, com certeza, com esse novo formato a gente consegue abranger uma área de cobertura maior, isso é muito bom, a gente está voltando a ter acesso aos profissionais novamente, aos hospitais, isso é temporário, mas eu creio que o que fica é essa nossa aproximação com a comunidade, ficou muito mais fácil de fazer TV nesse sentido, por conta do auxílio das pessoas (RIBEIRO, 2021, informação verbal⁵²).

Desta forma, verificamos que a participação do público, que já ocorria antes, foi acelerada pela pandemia e ganhou novos contornos corroborando com estudos anteriores a esse período a exemplo de Mesquita (2014) e Alves (2017). A relação de participação do telespectador pelo vídeo amador passou a ser construída não apenas como uma simples colaboração, mas como uma participação ativa, envolvente e que ajuda a construir a telerreportagem,

5.5 A checagem como premissa básica – é fato ou *fake*?

Com uma população mundial preocupada e ansiosa por informações sobre o vírus e seus efeitos desconhecidos, a Covid-19 tornou-se a pauta principal nas mídias tradicionais e digitais em todo o mundo a partir de março de 2020. Mas as informações sobre a evolução do vírus, repassadas pelas instituições que

⁵¹ Entrevista concedida por Eveline Cunha. Entrevista II. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

⁵² Entrevista concedida por Nicce Ribeiro. Entrevista IX. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

pesquisam sobre a doença, aliadas às notícias falsas produzidas intencionalmente para enganar e confundir a população, causaram medo e dúvidas na população. No Brasil, o Ministério da Saúde chegou a disponibilizar um número que passou a ser atendido pelo aplicativo de mensagens Whatsapp, como espaço exclusivo e gratuito, para que as pessoas pudessem confirmar a veracidade nas notícias que recebiam sobre a pandemia do coronavírus.

Atualizando o pensamento de Filgueiras (2018), o público passou a tomar consciência dos fatos e o divulgá-los antes mesmo dos jornalistas, resultando em informações repassadas sem a devida apuração ou mesmo fora de contexto. Os profissionais da comunicação, que já tinham esse compromisso, passaram a ter como premissa básica a responsabilidade pela notícia e principalmente com a veracidade dos fatos.

Na rotina produtiva do Bom Dia Mirante, todos os entrevistados nesta pesquisa citaram as *fake news* como uma grande barreira a ser ultrapassada para que o trabalho de informar alcançasse o público com a devida credibilidade. O que foi corroborado com a primeira abordagem do assunto no telejornal Bom Dia Mirante, diante de uma *fake news* surgida na cidade de Santa Inês, que precisava ser combatida. Nicce Ribeiro (2022), como jornalista, nunca se sentiu tão pressionada a checar e reafirmar como verdade a notícia que transmitia ao telespectador:

O mais complicado, sem dúvida, foi lidar com tantas *fake news*, com tantas informações desencontradas. Hoje com o celular a pessoa tem acesso à informação em tempo real e divulga essa informação também, e a televisão ela tem um delay⁵³, tem um tempo mais demorado de entrega desse material, então a gente precisava se cercar de muitos cuidados para checar a informação que viralizava como informação falsa. Foi um momento de mais responsabilidade ainda porque a gente estava tratando diretamente de vidas, então qualquer coisa que se falasse na televisão poderia soar de uma forma diferente e estimular as pessoas de uma forma contrária. Tivemos não só o cuidado de levar informação com qualidade, mas com muita certeza, já que nesse momento era tudo muito incerto pelos próprios pesquisadores, pelos próprios especialistas. A gente, conseqüentemente, tinha que saber o que colocar no ar, naquele momento, e como desmitificar todas as crenças das pessoas em um momento tão desesperador, eu acredito que foi o mais complicado

⁵³ Atraso ou falta de sincronia na chegada do sinal de áudio e/ou vídeo em transmissões via satélite. É causado pela demora no processamento digital do sinal ou pela distância entre os pontos de origem e de recepção.

pra todo mundo, você levar um conteúdo que deixasse as pessoas mais tranquilas (RIBEIRO, 2022, informação verbal⁵⁴).

O repórter Gil Santos, de Balsas, destacou o receio de propagar uma *fake news* em um programa de grande audiência como o Bom Dia Mirante:

Ao mesmo tempo a gente já tinha que apurar as notícias corretamente, a gente tinha uma legião de pessoas interessadas em divulgar *fake news*. Para a gente não correr o risco de soltar uma *fake news* em um veículo de comunicação e em um programa tão importante como o Bom Dia Mirante, a gente tinha que ter um critério muito rigoroso, nós das praças temos o cuidado de não utilizar o que circulou em grupos sem antes checar com as fontes, se é real, se é vídeo antigo, e também ter o cuidado de ter sempre um contraponto, indo à rua, buscando uma segunda opinião, ouvindo a outra parte por conta exatamente da onda de *fake news* (SANTOS, 2022, informação verbal⁵⁵).

A pandemia só reforçou que o serviço de checagem de notícias é inerente ao fazer jornalístico, tendo na essência do jornalismo a apuração (PRADO; MORAIS, 2018). E a checagem virou palavra de ordem na rotina produtiva do Bom Dia Mirante nesse período, como critério primordial:

O critério é o mesmo que a gente utiliza pra toda informação que chega nas nossas mãos: checagem. A gente precisa checar a veracidade dos fatos. Porque a gente recebe a informação em tempo real e a gente consegue compartilhar elas também em um tempo muito breve, saber o quanto aquilo é verdadeiro é uma premissa pra todo jornalista, em eras tecnológicas muito avançadas a gente tem que ter esse cuidado maior ainda porque você precisa levar a informação verdadeira, é o nosso papel, facilitou, mas de outro modo aumentou também o nosso trabalho, o nosso critério quanto à apuração jornalística (RIBEIRO, 2022, informação verbal⁵⁶).

Os jornalistas relataram ainda que o trabalho de apuração nesse período recorreu com mais frequência às fontes especialistas para não restar dúvidas na veiculação das notícias, como expôs o repórter e produtor de Santa Inês:

⁵⁴ Entrevista concedida por Nicce Ribeiro. Entrevista IX. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

⁵⁵ Entrevista concedida por Gil Santos. Entrevista V. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

⁵⁶ Entrevista concedida por Nicce Ribeiro. Entrevista IX. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

É preciso ter muito cuidado para que uma fake news não vá ao ar, até agora a gente conseguiu fazer essa barreira, porque a gente filtra ligando para autoridades, quando não tem jeito a gente tem que ir até lá, a gente tem esse critério muito grande de checar para evitar que a gente seja usado para propagar uma fake News (SANTOS, 2022, informação verbal⁵⁷).

Para os entrevistados nesta pesquisa, apesar da instantaneidade com que as notícias se espalham e circulam na internet e principalmente nas redes sociais, atingindo um público imensurável, os noticiários televisivos também são lugares de segurança, referência, confiabilidade e familiaridade. Realidade comprovada na pesquisa do Datafolha citada no início desta pesquisa.

Esses fatores também corroboram a visão de Vizeu e Correia (2008), Silverstone (2005) e Gómez (2014), que retratam o telejornalismo como um espaço íntimo e de referência para se informar e entreter o espectador. O repórter Douglas Pinto (2022) contou que sente essa familiaridade no exercício do telejornalismo:

A gente faz televisão, atinge um público de massa, e muitas vezes a gente atinge um público que já estava contaminado pelas redes sociais, mas quando eles conseguem ver na televisão, a gente consegue desmentir aquilo que foi visto na rede social e aquela pessoa se torna mais consciente, a gente tem um papel fundamental nesse sentido, a gente tem a credibilidade da sociedade, quando elas veem na televisão que a gente tá falando de um fato, eles acreditam (PINTO, 2022, informação verbal⁵⁸).

Em Imperatriz, o repórter André Sousa também compartilha de pensamento semelhante:

Para nós que trabalhamos como televisão temos a última palavra. Muita gente vê na internet uma informação e vai até o telejornal para assistir a reportagem e confirmar aquela informação, mas espera algo novo, alguma informação complementar, nós temos credibilidade e isso é atrativo para o público, nós somos a principal ferramenta de combate à *fake news*, nosso trabalho é de apuração, de sintetizar essas informações para o público (SOUSA, 2022, informação verbal⁵⁹).

⁵⁷ Entrevista concedida por Erisvaldo Santos. Entrevista X. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

⁵⁸ Entrevista concedida por Douglas Pinto. Entrevista VII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

⁵⁹ Entrevista concedida por André Sousa. Entrevista VI. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

Enquanto a pandemia tem dado mais credibilidade ao jornalismo brasileiro, que, em geral, passou a ser mais bem avaliado pela sociedade, a crise sanitária também trouxe um caminho muito difícil de percorrer: o bombardeamento das *fake news*. Nesse cenário em que a desinformação também ganha destaque, já que uma notícia falsa amplamente divulgada pode gerar impactos diretos na saúde das pessoas e até mortes, Tharcilla Castro, produtora do Bom Dia Mirante, associa os impactos das *fake news* na rotina profissional configurando um cenário de infodemia.

Conforme Garcia e Duarte (2020), infodemia é caracterizada como um grande número de informações sobre determinado assunto que se difundem de forma desenfreada, surgindo rumores e desinformação, além da manipulação de informações com o intuito de gerar conteúdos falsos.

A infodemia gerou grande impacto no fazer jornalístico durante a pandemia e vai continuar gerando. Então, mais do que nunca, o nosso diferencial está na credibilidade que o jornalismo passa. Por isso é importante a checagem dos fatos e a busca pela fala de um especialista sobre os assuntos que circulam da mídia (CASTRO, 2022, informação verbal⁶⁰).

5.6 O Whatsapp como facilitador

O aplicativo de mensagens WhatsApp foi um grande facilitador para os jornalistas nesse período de mudanças na produção de conteúdo do telejornalismo. Já popularizado e bastante utilizado na rotina produtiva do Bom Dia Mirante, a instantaneidade garantiu a participação do telespectador quase que em tempo real na programação do telejornal, com o envio de fotos, vídeos e mensagens de texto.

Hoje todo mundo tem Whatsapp, que é uma ferramenta mais popular, acessível para as pessoas e, conseqüentemente, ele acaba aproximando as pessoas, o telespectador do nosso telejornalismo. Uma pessoa que está numa comunidade muito distante consegue gravar o seu problema, em um formato que já é orientado pela própria produção da TV, então ela consegue mandar o conteúdo e a gente exhibe isso. O Whatsapp trouxe uma amplitude para a nossa área de cobertura e uma aproximação com o telespectador, que

⁶⁰ Entrevista concedida por Tharcilla Castro. Entrevista VIII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

participa quase que em tempo real do nosso programa e ele se sente mais próximo (RIBEIRO, 2022, informação verbal⁶¹).

Mas além de já ser utilizado na rotina como a principal ferramenta de contato entre os produtores, editores e apresentadores do programa, da equipe técnica utilizar a ferramenta para os comunicados e ajustes necessários durante as entrevistas ao vivo, via *mochilink*, com os repórteres, a ampliação do horário de exibição do programa Bom Dia Mirante exigiu mais disponibilidade das equipes de externa e flexibilização do editor-chefe e apresentador Soares Júnior. O trabalho de edição do telejornal passou a ser feito com mais horas dedicadas durante o período da noite, quando o editor-chefe adianta as demandas para a exibição do programa no dia seguinte. Grande parte do material gravado, das praças e da produção em São Luís, é enviado pelo WhatsApp.

Minha rotina mudou. Já não fico aqui até meio dia como antes, após o jornal. Como as pessoas passaram a aceitar o vídeo no telejornalismo com mais ênfase, muitas coisas que poderíamos marcar uma entrevista agora a pessoa manda um vídeo de um minuto, isso foi incentivado pela empresa por questões sanitárias. Então eu saio daqui às 9h30, fico de 5h30 às 9h30, que somam 4 horas de trabalho, e mais 3 horas à noite, eu fico de 20h às 23h para ver o que vai ter no jornal do dia seguinte. A minha rotina aumentou porque eu tenho que assistir mais vídeos, atualizar as informações e o programa aumentou. O Whatsapp acabou fazendo com que todo mundo seja uma repórter ou cinegrafista, ele chega a ser responsável por até 40% de produção de um telejornal. Hoje, nas reportagens que são exibidas, você tem um vídeo do Whatsapp. (SOARES JÚNIOR, 2021, informação verbal⁶²).

O Bom Dia Mirante é o único programa da TV mirante que dispõe de um número específico de contato com o telespectador, exclusivo para sugestões e compartilhamento de arquivos.

Com o Whatsapp, no Bom Dia, a gente tem essa interatividade com o telespectador, muitas das pautas eles mandam, a gente vai e apura, e através do Whatsapp eles querem saber sobre determinado assunto. A gente anuncia, por exemplo, que amanhã vai falar sobre violência contra a mulher, pede que tirem dúvidas, e é impressionante a participação, como as pessoas enviam perguntas.

⁶¹ Entrevista concedida por Nicce Ribeiro. Entrevista IX. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

⁶² Entrevista concedida por Soares Júnior. Entrevista I. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

O whatsapp facilitou muito a nossa vida no ar mesmo, chegam perguntas antes e durante a entrevista. (FONTENELE, 2022, entrevista à autora)

O repórter Erisvaldo Santos, que faz as entradas ao vivo no Bom Dia Mirante da cidade de Santa Inês, usa o aplicativo para fazer as rondas nas primeiras horas da manhã e receber o conteúdo das fontes oficiais numa conversa previamente acordada, com um número específico de contato profissional para atender essas demandas que surgem a qualquer hora.

A maioria das informações chega via Whatsapp, a gente tem contato de polícia, bombeiro e às vezes até na madrugada eles estão orientados a nos passarem essas informações porque bem cedo a gente faz uma triagem para ver o que rende notícia, o que não rende, o que pode ser dado só ao meio dia ou o que tem que ser dado na hora do Bom Dia. O que a gente tem imagem ou não tem. O Whatsapp contribui muito porque ele dá mais agilidade, mas a gente recebe um volume muito grande de notícias e tudo é checado com muito cuidado. (SANTOS, 2022, entrevista à autora)

O aplicativo é utilizado diariamente na comunicação interna, como um espelho compartilhado, para informar os assuntos que serão abordados nos links do dia seguinte. As informações são compartilhadas no grupo da redação denominado Bom Dia Mirante, com as sugestões de retrancas⁶³ e cabeças para o editor do telejornal, nomes dos entrevistados, além de fotos e vídeos que serão utilizados nas entradas ao vivo. No grupo específico da redação também são postadas as informações sobre a operação técnica dos links e das entrevistas via Skype.

Se não pode fazer gravado, grava com o celular e manda pelo Whatsapp. A gente passou a monitorar muito tudo que acontecia pelo whatsapp nos grupos que a gente participa, imagens que vão passando de grupo para grupo, por exemplo, o grupo da polícia, grupos de outras instituições e de outras pessoas que têm grupos em comum onde chega uma imagem, um flagrante de determinado assunto, alguma coisa relacionada à pandemia como uma ambulância levando um paciente, a gente acaba usando muito tudo que o Whatsapp disponibiliza pra gente (CUNHA, 2022, informação verbal⁶⁴).

⁶³ A retranca é uma ou mais palavras usadas para definir o assunto da matéria, no espelho do telejornal são as palavras que definem os conteúdos.

⁶⁴ Entrevista concedida por Eveline Cunha. Entrevista II. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

Durante a observação participante, analisando as conversas no grupo de WhatsApp Bom Dia Mirante, percebeu-se a troca de mensagens durante todo dia, mas se concentrando no fim de tarde, por volta de 17 horas, quando começa o repasse de demandas que estarão inclusas no telejornal do dia seguinte e principalmente à noite o editor Soares Júnior cobra os assuntos que serão abordados pelos repórteres das praças, com as respectivas cabeças e envio de imagens. Essa troca de mensagens com interação maior entre editor, produtores e repórteres segue até perto de meia noite, quando então o grupo silencia por algumas horas. A partir das 5 horas da manhã recomeçam as conversas novamente com informações novas e preparação dos repórteres para as entradas ao vivo e ajustes técnicos da operação dos links e chamadas de vídeo.

Na pandemia, os repórteres relataram que aumentou o uso e passaram a sentir uma certa dependência da ferramenta. “A nossa comunicação com o pessoal de São Luís é 100% pelo Whatsapp, então eu coloco essa ferramenta como a principal que nós temos hoje, porque é onde inicia o nosso trabalho produtivo” (SOUSA, 2022, informação verbal⁶⁵).

5.7 Uso da máscara no telejornal

Na pandemia da Covid-19, a obrigatoriedade do uso de máscara para a permanência e circulação em espaços públicos e privados foi sancionada pelo Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, no dia 02 de julho de 2020, mas a Rede Globo adotou o acessório como medida de prevenção recomendando o uso aos repórteres inclusive durante a gravação das passagens ainda no começo do mês de abril, após ser declarada oficialmente a pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no mês de março.

À medida que os casos foram aumentando e os decretos municipal e estadual definiam as ações a serem tomadas nos municípios maranhenses, o telejornalismo da TV Mirante também se adaptada. No Bom Dia Mirante, que tem grande parte do tempo de programação dedicada aos links, os repórteres faziam as entradas ao vivo sempre usando o acessório. A cor também foi padronizada, com o uso da máscara branca. A emissora distribuiu para todos os funcionários o acessório com a

⁶⁵ Entrevista concedida por André Sousa. Entrevista VI. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

logomarca do Grupo Mirante, que deveria ser utilizado pelos jornalistas durante as aparições na televisão.

Inicialmente a máscara deveria ser usada quando os repórteres estivessem muito próximos de outras pessoas, durante as entrevistas e, posteriormente, a partir de 24 de abril de 2020, em qualquer gravação para o programa, fosse durante a produção de reportagens, ainda que nos bastidores e também dentro do ambiente da redação. O objetivo foi sempre de garantir a segurança e preservar a saúde dos colaboradores. Essa medida torna legítimo o que diz Alsina (1996, p.18) a respeito do papel do jornalismo: “papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade que são publicamente relevantes”.

Figura 7 – Repórter Márcio Novais em entrada ao vivo usando máscara



(Globoplay, 2020)

A máscara foi amplamente adotada por toda a população, mas para os telejornalistas, no exercício da profissão, havia o receio do acessório causar ruídos na comunicação, o que acabou sendo deixado de lado como medida de precaução e

porque os microfones conseguem captar o áudio com qualidade. Não houve resistência por parte dos jornalistas da TV Mirante, mas exigiu adaptação na hora de falar, respirar, pronunciar as palavras usando a máscara, para que a informação não fosse prejudicada.

A gente precisou aparecer no vídeo de máscara e inicialmente foi um grande choque porque a gente sabe que a nossa expressão facial, o movimento dos lábios, o sorriso ficou encoberto por causa do uso da máscara, a nossa rotina a gente teve que se acostumar com esse novo jeito de falar, muitas vezes a máscara acaba prejudicando a nossa dicção e até a compreensão por parte do telespectador do que a gente estava dizendo (SANTOS, 2022, informação verbal⁶⁶).

O uso do acessório pelos jornalistas da TV Mirante e pela equipe do Bom Dia Mirante durou mais de um ano e meio, como uma exigência da emissora acompanhando também os decretos estaduais editados pelo governador do Maranhão, Flávio Dino. Com o avanço da vacinação e a redução no número de casos, algumas medidas foram sendo flexibilizadas. Durante uma de suas participações no Bom Dia Mirante do dia 12 de novembro de 2021, o repórter Erisvaldo Santos se emocionou ao tirar o item de proteção do rosto.

Figura 8 – Repórter Erisvaldo Santos se emociona ao retirar a máscara ao vivo



Estou até emocionado, porque é um momento que a gente esperou muito. Perdemos amigos e colegas de trabalho porque não quiseram usar itens de proteção como esse, acabaram se contaminando com a

⁶⁶ Entrevista concedida por Gil Santos. Entrevista V. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

Covid-19 e não resistiram. Graças a Deus chegou esse momento (SANTOS, 2022, informação verbal⁶⁷).

No dia anterior, o governador do Maranhão havia anunciado o uso opcional da máscara em ambientes fechados em cidades com 70% da população vacinada com duas doses ou dose única contra a Covid-19, permitindo que o acessório fosse dispensado na capital São Luís e liberado também em ambientes abertos. Na mesma data, o Maranhão registrava 362.407 casos e 10.252 mortes por Covid-19, segundo o G1, com base nos dados divulgados pela Secretaria de Estado da Saúde (SES).

A pandemia afetou meu trabalho no Bom Dia Mirante tanto no pessoal quanto no profissional porque eu perdi parentes, quase perdi a minha irmã mais velha para a doença e nós da emissora fomos muito afetados porque perdemos colegas de trabalho, quase perdemos a nossa chefe de redação e até hoje eu tenho dificuldade para falar disso, inclusive houve dois episódios que eu me emocionei muito no ar. Foi quando nosso repórter Douglas Pinto voltou e se recuperou da Covid, no dia que o pai da nossa colega Célia Fontenele morreu também foi muito difícil falar do assunto, no dia de tirar a máscara foi um dia de muita emoção porque tudo isso voltou na memória e aí eu não contive, chega aquele momento que não dá pra você segurar a emoção (SANTOS, 2022, informação verbal⁶⁸).

No início da pandemia da Covid-19, a emissora distribuiu kits de proteção e higienização para os jornalistas. Durante vários meses, os repórteres passaram a limpar seus microfones com álcool e já haviam incorporado à rotina um segundo microfone para o entrevistado.

5.8 O microfone e a quebra a hierarquia

Desde que se começou a fazer telejornalismo a posse do microfone sempre foi algo intrínseco do repórter, garantindo a este profissional, segundo Rosário (2004), credibilidade e refletindo também na segurança e identificação da emissora

⁶⁷ Entrevista concedida por Erisvaldo Santos. Entrevista X. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

⁶⁸ Entrevista concedida por Erisvaldo Santos. Entrevista X. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

do telejornal. A canopla⁶⁹, que acompanha o microfone, também faz parte das regras de padronização no telejornalismo.

Nos protocolos sanitários adotados nas mais diversas emissoras do país, para diminuir os riscos de contágio pelo novo coronavírus, transmitido por gotículas de ar, além da recomendação do distanciamento entre os repórteres e entrevistados, incorporou-se à rotina das equipes de externa mais um microfone e por vezes um pedestal, para que o entrevistado tivesse a posse do equipamento, porém com um detalhe: sem a canopla com a identificação da emissora. A ausência da canopla é para justificar que não se tratava do jornalista que exercia a função de entrevistador, portanto do entrevistado.

Figura 9 – Repórter Márcio Novais entrevistando o prefeito de Imperatriz



Fonte: Captura de tela, 2020

⁶⁹ Canopla é a peça que contém o logotipo de uma emissora e que envolve o microfone.

O uso da máscara e a posse do microfone estão entre as mais emblemáticas mudanças na rotina produtiva do telejornalismo, visíveis e perceptíveis ao telespectador. O segundo microfone nas mãos do entrevistado também representa uma quebra de hierarquia nivelando as posições ainda que o repórter conduza as entrevistas, com a liberdade e autonomia do entrevistado diante do equipamento que, comumente, é manuseado apenas pelo repórter, em outras situações fora desse contexto de crise sanitária.

Com o entrevistado segurando o microfone, o repórter não tem mais o poder de cortar a fala com o movimento de mão. Atitude que antes da pandemia se configurava como um erro deixar o entrevistado segurar o microfone do repórter e ainda com um certo distanciamento que dificultasse o enquadramento na tela. Essas mudanças necessárias creditam novas competências no fazer jornalístico nesse período.

5.9 Convite à participação – o telespectador na tela do Bom Dia Mirante

Além de protagonizar as reportagens, como personagens das histórias, a pandemia da Covid-19 reforçou o papel colaborativo da audiência e ao perceber que havia um espaço maior nos veículos de comunicação, o público também passou a fazer em maior quantidade, registros simples do cotidiano no período mais crítico da pandemia quando o slogan “fique em casa” se popularizou, após os especialistas em saúde e órgãos sanitários recomendarem o isolamento social.

Uma prática que se tornou comum durante as passagens de bloco no programa Bom Dia Mirante, que contém cinco blocos e faz quatro passagens com os intervalos comerciais. Os *breaks* foi o convite à participação para que o telespectador mandasse vídeo ou foto, além de relatos sobre o passatempo na pandemia. Carvalho e Lage (2012, p. 253) destacam:

Como parte de uma estratégia de aproximação, leitores, ouvintes e espectadores são cada vez mais chamados a colaborar, a participar do processo de produção das notícias. Assim, são postos na condição de coprodutores. Investidos no papel do “eu repórter”, esses agentes não apenas denunciam, como também produzem e reproduzem o próprio material jornalístico (fotos, vídeos, notícias...), direta ou indiretamente, corrigem e atualizam informações, reafirmando e ressaltando sua importância nos processos de

mediação implicados nas operações jornalísticas – modificando, assim, a própria prática jornalística enquanto mediação social.

Essa participação foi amplamente divulgada no telejornalismo antes da pandemia no quadro “O Brasil que eu quero”, criado pelo Grupo Globo durante as eleições de 2018, colhendo depoimento de brasileiros sobre o que eles mais desejavam no país. Foram recebidos 50 mil vídeos durante sete meses do projeto e os vídeos enviados pelos telespectadores por meio do portal de notícias G1 foram veiculados nos telejornais da TV Globo.

Figura 10 – Espelho com nota chamando os telespectadores para participação

18. NOTA CHAMA PARTICIPAÇÃO/ TELESPECTADOR		Editar	Fechar
Data: 26/03/2020	Programa: BOM DIA MIRANTE		
Cabeça: 00:14	VT: 00:00	Total: 00:14	
Última alteração: 26/03/2020 05:16	Alterado por: Vilma Santos		
[CABEÇA]		00:14	
[Soares Junior]		00:13	
SE VC TIVER ALGUM FLAGRANTE OU DENÚNCIA, MANDA PRA GENTE.//			
MANDE TAMBÉM VÍDEOS, FOTOS E MENSAGENS CONTANDO COMO ESTÁ SENDO A SUA QUARENTENA, O SEU PERÍODO DE ISOLAMENTO EM CASA.//			
NOSSO WHATSAPP É 9 91 01 60 32.//			
PARTICIPE!//			
GC 119 WHATSAPP MIRANTE:			

Fonte: Anews TV Mirante, 2020.

A cada passagem de bloco, por um período de mais de um ano, muitas fotos e vídeos de telespectadores relatando situações pessoais sobre a pandemia ou outras situações, na maioria das vezes problemas vivenciados pela comunidade ou os chamados “factuais”, acontecimentos de última hora, como acidentes, foram compartilhados ao vivo no programa.

A participação dos telespectadores via WhatsApp cresceu bastante, se tornando um canal importante para recebimento de denúncias que muitas vezes vai ao ar via "participação dos telespectadores" ou até mesmo diante da marcação de uma entrevista presencial, na qual a gente mostra o problema seja ao vivo ou em um VT (CASTRO, 2022, informação verbal⁷⁰).

⁷⁰ Entrevista concedida por Tharcilla Castro. Entrevista VIII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

O material enviado na véspera ou durante o telejornal, era selecionado pela produção para a reprodução no telão durante o programa. Os materiais eram apresentados e comentados pelos âncoras.

Figura 11 – Material enviado pelo público apresentado no telão do BDM



Fonte: Captura de tela, 2020.

Apesar de todo o incentivo à produção colaborativa em áudio e vídeo, Becker (2016) pontua que essa colaboração serve mais como ilustração de matérias do que como conteúdos e formatos que agregam outros ângulos e pontos de vista na transformação dos fatos sociais em notícias:

A maior participação das audiências nem sempre significa que elas se tornam mais ativas, críticas e criativas nos programas televisivos. Se o uso das tecnologias digitais permite maior expressão da população e é um instrumento importante para o ativismo, as ferramentas e tecnologias digitais disponíveis não são sem si suficientes para tornarem as práticas jornalísticas audiovisuais mais diversificadas. (BECKER, 2016, p. 51).

O que se viu durante a pandemia foi um incentivo maior à participação do público e uma resposta positiva com diversos materiais enviados à redação. Embora a Becker (2016) considere que uma maior participação das audiências nem sempre significa que elas se tornam mais ativas, no contexto da pandemia se viu uma audiência mais ativa incorporada no processo produtivo do telejornalismo.

5.10 Quadro exclusivo – Boletim Pandemia de Coronavírus

A pandemia da Covid-19 monopolizou os noticiários em escala mundial e especialmente no primeiro ano o telespectador era abastecido de informações a cada vez que ligava a televisão. Um fenômeno parecido, como a última pandemia registrada no mundo, é datado no ano de 1918, quando todos os continentes foram afetados pela gripe Espanhola e cerca de 500 milhões de pessoas foram infectados. Mas as diferenças entre essas pandemias vão muito além do impacto na saúde mundial e quando pensamos na comunicação o cenário logo nos remete à ausência da televisão no formato atual, com o surgimento do rádio e apenas a circulação de jornais e revistas.

O ineditismo e a tragédia provocada pela pandemia adormeceram outras doenças letais nos noticiários brasileiros e no telejornalismo local não foi diferente. Além do assunto ser abordado nas telerreportagens, em entrevistas ao vivo, com especialistas, o programa Bom Dia Mirante criou um quadro diário, apresentado pelo repórter Elbio Carvalho, que atualizava as informações divulgadas pelas secretarias de estado e municipais, sobre o cenário da Covid-19 no Maranhão e nos municípios do estado. A temática predominante nos telejornais se encaixa na teoria da agenda ou hipótese da agenda-setting. Para Temer (2009, p. 72), essa hipótese defende que “os meios de comunicação de massa não pretendem persuadir, mas apresentam ao público uma lista do que é necessário ter uma opinião e discutir”.

O boletim trazia número de mortes, novos infectados, recuperados, ocupação de leitos nos hospitais da rede pública e privada, e outras informações relacionadas à pandemia. O informativo deixou de ser um quadro fixo no programa, com a apresentação exclusiva de Elbio Carvalho, quando os números começaram a reduzir no estado, após a chamada primeira onda. A exibição continha um telão ao fundo com os números apresentados e, por vezes, dentro do quadro, o apresentador chamava participações ao vivo de repórteres de outras praças com informações sobre a Covid-19 em seus respectivos municípios.

Figura 12 – Elbio Carvalho apresentando o boletim da pandemia



Fonte: Captura de tela, 2020.

Nesse contexto, a rotina dos envolvidos no Bom Dia Mirante era se atentar para tudo que estava acontecendo nos municípios e todos os dias apresentar novas informações sobre a situação enfrentada em cada localidade.

A gente sempre acordava com aquela preocupação de ter que vasculhar os boletins, os sites de monitoramento epidemiológico do estado e município, tudo isso em busca de atualizar o pessoal de casa que nos assiste a respeito da pandemia, quem estava trancado em casa só tinha como saber a magnitude disso tudo através de números e quem repassava isso para o telespectador era a gente (SOUSA, 2022, informação verbal⁷¹).

Desta forma, o telejornalismo assumiu papel de destaque como instrumento de informar a população sobre a pandemia, mesmo com restrições e alterações nas rotinas produtivas dos telejornais com as imposições impostas pelo contexto de crise sanitária. O Bom Dia Mirante, neste cenário, foi peça importante por conta do tempo prologado na programação e por contar na produção com repórteres das diversas regiões do estado.

5.11 O *home office* no telejornalismo

O jornalista Douglas Pinto, repórter da TV Mirante em São Luís, foi o único integrante da equipe de externa do Bom Dia Mirante a experimentar o trabalho em *home office*, uma modalidade de trabalho remoto bastante utilizada nas empresas

⁷¹ Entrevista concedida por André Sousa. Entrevista VI. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

especialmente durante a pandemia, quando o colaborador presta o serviço da própria casa. A medida foi adotada em janeiro de 2022, em comum acordo entre o jornalista e a direção de jornalismo da TV Mirante, que disponibilizou os equipamentos para auxiliar na transmissão, com o uso do celular pessoal de Douglas, conectado à internet.

Figura 13 – Douglas Pinto participando do Bom Dia Mirante direto de sua casa



Fonte: Arquivo pessoal de Douglas Pinto, 2022.

Douglas fez entradas ao vivo, sozinho em casa, da rua do bairro onde reside, o Angelim, em São Luís, usando imagens de apoio gravadas por ele mesmo com o celular, no dia anterior, para ilustrar o problema.

Eu trouxe os equipamentos para casa: tripé, celular, o link ao vivo que foi disponibilizado, então estava só eu, o celular, o microfone e eu entrei no primeiro bloco dando notícias policiais, com os vídeos que a gente tinha. Para mudar um pouco de cenário eu saí de casa e fui para a rua, acabei mostrando um pouco de um buraco, um caminhão de lixo passou na minha rua e por incrível que pareça no outro dia eu mostrei e foi resolvido o problema (PINTO, 2022, informação verbal⁷²).

Percebe-se pela qualidade do material, tanto durante a transmissão ao vivo quanto das imagens usadas como material de apoio, exibidas enquanto o jornalista narrava o fato, com o conhecimento técnico que o jornalista possui para filmar e os recursos utilizados na transmissão, que as imagens são muito semelhantes às de

⁷² Entrevista concedida por Douglas Pinto. Entrevista VII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

uma entrada ao vivo e gravadas por um cinegrafista profissional. No link, Douglas inclusive se permite movimentar na rua, sozinho, com o celular preso à um tripé, pelas suas noções de enquadramento.

Figura 14 – Entrada ao vivo do repórter Douglas Pinto sozinho da rua onde mora



Fonte: Captura de tela, 2022.

Nesta mesma edição do Bom Dia Mirante, do dia 18 de janeiro de 2022, o jornalista Douglas Pinto também faz uma entrada ao vivo narrando situações mostradas pelo cinegrafista que integra a sua equipe de externa. O repórter cinematográfico, junto com o motorista, rodava a cidade capturando imagens em outros bairros enquanto Douglas narrava o assunto, de dentro da própria casa.

Consegui fazer um outro ao vivo entrevistando uma pessoa, eu tinha uma equipe disponível na TV, o motorista e o cinegrafista foram para um bairro, eu fiquei em casa, e enquanto eu fazia um link daqui a minha equipe estava com outra pessoa em outro ponto, o microfone com o morador. Foi uma mudança no telejornalismo, mas o telespectador continuava em casa se sentindo bem informado, com imagens sem prejuízo e quase não percebia que eu estava em casa. A gente sabe que no link o repórter está circulando pela cidade, e eu consegui fazer de casa mostrando diversas situações (DOUGLAS, 2022, informação verbal⁷³).

Essa foi uma mudança que passou a exigir mais conhecimentos e práticas dos telejornalistas, que antes se dedicavam apenas ao texto e as entrevistas com as fontes. As funções e exigências aumentaram, porém o processo de qualificação

⁷³ Entrevista concedida por Douglas Pinto. Entrevista VII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

desse profissional e a retribuição financeira não acompanharam no mesmo ritmo. A prática do videorrepórter já vinha caminhando em algumas emissoras no país, mas percebeu-se que essa prática foi acelerada pela pandemia e vimos protótipos dela no Bom Dia Mirante.

5.12 Afastamentos e perdas

A gravidade da pandemia da Covid-19 rapidamente fez com que os impactos do vírus determinassem mudanças em toda a organização social. No mundo do trabalho, as atividades consideradas essenciais não puderam parar e exigiram a exposição de seus prestadores de serviços. O jornalismo ganhou destaque com o seu papel de informar, mas, em contrapartida, como tantos outros trabalhadores expostos nos mais diversos lugares, muitos jornalistas também foram acometidos pela doença.

Segundo o Portal g1⁷⁴, a Covid-19 foi a terceira maior causa de concessões de benefício por incapacidade temporária no país, ficando atrás apenas de problemas relacionados a coluna e ombro em 2020. Os dados do Ministério do Trabalho apontaram que em 2021 a Covid-19 foi a principal causa de afastamentos do trabalho acima de 15 dias e gerou o maior número de benefícios por incapacidade temporária, antigo auxílio-doença, nos primeiros sete meses do ano.

A transmissão comunitária da Covid-19 no Brasil foi declarada no dia 20 de março de 2020, por meio da Portaria 454 do Ministério da Saúde. Na TV Mirante, os protocolos adotados seguiam as orientações da Organização Mundial de Saúde, com o isolamento de no mínimo 14 dias para quem tivesse a confirmação da Covid-19. A maioria das empresas adotava o protocolo para quem apresentasse os sintomas, antes mesmo da confirmação.

A gente tinha situações diferentes: se você tivesse gripado, algum sintoma, não podia vim até que saísse o resultado e, nessa época, o resultado não era tão rápido. Às vezes você fazia e demorava cinco dias, então essa pessoa tinha que ficar afastada, em casa, até passar os sintomas ou sair o resultado dos exames. Algumas pessoas estavam doentes mesmo, e a OMS dizia que tinha que ficar afastado 14 dias, mas aqui a gente ainda dava mais uma semana,

⁷⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/10/10/covid-19-e-principal-caoa-de-afastamento-do-trabalho-em-2021-e-sequelas-devem-aumentar-concessoes-de-auxilio-doenca.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2022.

então passávamos até 21 dias sem esse funcionário. E tinha aquelas pessoas que estavam com o psicológico abalado ou tinham alguma comorbidade. As pessoas que tinham suspeita, a gente até brincava com o vale Covid, folga Covid, porque as pessoas começavam a tossir ou espirrar e ninguém queria trabalhar ao lado, preferia fazer o trabalho de dois ou três, do que ter uma pessoa suspeita do lado (CUNHA, 2021, informação verbal⁷⁵).

Aos poucos no grupo do WhatsApp do Bom Dia Mirante os jornalistas iam relatando suas infecções pelo vírus e informado seus afastamentos das atividades profissionais por um período determinado. O grupo também foi espaço de ajuda e corrente do bem pela saúde dos colegas.

Figura 15 - Registro de dois integrantes do BDM que testaram positivo para Covid-19

⁷⁵ Entrevista concedida por Eveline Cunha. Entrevista II. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.



Fonte: Captura de tela, 2021.

Na equipe do Bom Dia Mirante, o repórter Douglas Pinto foi diagnosticado com a Covid-19 no primeiro mês da pandemia.

Eu fui contaminado pela Covid-19 logo no início, tive muito contato com as pessoas nas ruas, eu só não estava utilizando máscara na hora da passagem ou ao vivo. Eu fui um dos primeiros pacientes que pegou Covid-19 no Maranhão, no fim de março. Fiz o exame e na época era uma dificuldade muito grande com o material escasso. Fiz em um laboratório particular e tive que pagar do próprio bolso. Naquele período só recebi o resultado uma semana depois. Tinham 270 pacientes confirmados em todo o Maranhão e eu era um desses pacientes (PINTO, 2022, informação verbal⁷⁶).

⁷⁶ Entrevista concedida por Douglas Pinto. Entrevista VII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

O dossiê “Jornalistas vítimas de Covid-19 no Brasil⁷⁷”, produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), por meio de seu Departamento de Saúde, mostrou que, na média, o ano de 2020 registrou 8,5 mortes por mês e, de janeiro a julho de 2021, foram registradas 28,4 mortes por mês, quase uma morte por dia. Uma dessas vítimas teve a voz calada na noite do dia 21 de abril de 2020. O jornalista e radialista Roberto Fernandes, que integrava a equipe do Bom Dia Mirante fazendo a cobertura de assuntos políticos, com um quadro que levava seu nome, no telejornal, morreu em virtude de complicações da Covid-19 depois de quase 30 dias internado. Ele passou a integrar o quadro de colaboradores do Grupo Mirante no ano de 1999. A notícia foi dada pelos apresentadores do Bom Dia Mirante na edição do dia seguinte à sua morte.

Figura 16 – Bom Dia Mirante noticia morte do jornalista Roberto Fernandes



Fonte: Captura de tela, 2020.

O repórter Douglas Pinto relatou sobre o medo que pairava na empresa como um todo após a morte do colega. Mesmo tomando todos os cuidados e seguindo os protocolos, a equipe passou por momentos difíceis e de sustos com os colegas sendo contaminados pelo coronavírus.

Um dia antes eu recebi a notícia do falecimento do nosso colega de trabalho, Roberto Fernandes, alguém da nossa convivência. Imagina o susto que a gente levou, ainda mais ali no mesmo ambiente. Naquele período, 10 pessoas tinham morrido de Covid-19 no Maranhão, inclusive o Roberto Fernandes, e isso causou um pavor, um susto em todos nós na redação, foi um momento muito difícil para todo mundo. Para quem estava com a Covid como eu foi aquela coisa: tá matando muita gente! A gente trabalhou o tempo todo com medo, cumprindo os protocolos, passando álcool nas mãos, usando

⁷⁷ Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/04/DOSSIE-FENAJ-COVID19_MARCO_2021.pdf. Acesso em: 17 abr 2022.

máscara, se mantendo distante das pessoas (PINTO, 2022, informação verbal⁷⁸).

Após dois anos de pandemia de Covid-19, o Relatório⁷⁹ atualizado da FENAJ divulgou que o país é o recordista de mortes de profissionais de imprensa por Covid-19, em todo o mundo, seguido pela Índia, Peru e México. Os dados coletados neste relatório referem-se ao período de abril de 2020 a fevereiro de 2022. Foram registradas 314 mortes, com uma média de 2,2 mortes/dia. O primeiro óbito na categoria foi registrado no dia 13 de abril de 2020, no Rio de Janeiro. É importante destacar que após o início da campanha de vacinação, o número de óbitos caiu expressivamente. Nos dois primeiros meses de 2022 foram registrados 11 casos, contra 42 em igual período do ano anterior.

A jornalista Célia Fontenele, editora e apresentadora do Bom Dia Mirante junto com Soares Júnior, além de perder o amigo Roberto, vivenciou a dor com a morte do pai, que também foi vítima da Covid-19. Foi um período difícil em que ela também precisou se afastar porque já não tinha condições psicológicas de conduzir o maior telejornal da TV Mirante.

Foi o momento mais difícil da minha vida como jornalista até hoje. O Soares estava de férias, eu estava fazendo o Bom Dia com o Adailton e recebi a notícia que meu pai tinha testado positivo. Liguei, perguntei, mas como ele estava em Santa Inês, no auge da segunda onda, em março, dia 10 ele chegou aqui em São Luís. Eu vinha para o trabalho, noticiava, e a gente já sentia porque a gente é sensível à dor das famílias. Ele começou a ficar ruim, eu vinha, mas eu já estava de um jeito que eu não conseguia mais, eu chorava às vezes quando entrava uma matéria, ficava segurando a lágrima, entrava uma matéria maior e eu ficava de olho no Whatsapp, conversando com minha irmã. Eu aguentei uma semana e psicologicamente eu já não tinha mais condições. Eu saí e foi terrível. Dia 29 ele morreu, dia 30 eu estava enterrando meu pai. Na volta a gente tinha o quadro Chame o Psique, a gente conversava com psicólogo e eu comecei a perceber que aquilo foi me fazendo bem. A gente ouve muitos psicólogos sobre perda, dor, medo e eu senti na pele o quão importante é o trabalho que a gente faz. Eu fui muitas vezes alimentada e tive a minha esperança renovada, essa é a sensibilidade nossa dentro do Bom Dia em alguns quadros, trazer profissionais que possam falar de coisas que a gente está vivendo, muita gente não tinha condições de pagar um psicólogo e o Bom Dia

⁷⁸ Entrevista concedida por Douglas Pinto. Entrevista VII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

⁷⁹ Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/03/RELAT%C3%93RIO-FENAJ-COVID_MAR%C3%87O-22.pdf. Acesso em 22 de maio de 2022.

oferece isso para as pessoas (FONTENELE, 2022, informação verbal⁸⁰).

Dos dez jornalistas do Bom Dia Mirante entrevistados nesta pesquisa, apenas o repórter Gil Santos e a produtora Vilma Santos não foram diagnosticados com a Covid-19 no período de análise. Alguns dos jornalistas infectados ainda foram acometidos duas vezes pela doença, resultando em afastamentos por um período maior, somando as duas fases de isolamento necessárias.

O repórter André Sousa descobriu que estava infectado pelo vírus, inclusive, durante a produção de uma reportagem, cumprindo protocolos para ter acesso a um estabelecimento. A realização de teste de Covid-19 era uma exigência para qualquer pessoa de fora, que não integrasse o quadro de funcionários, adentrar nas dependências da Hidrelétrica de Estreito.

Tive Covid duas vezes. Antes de entrar na TV Mirante eu já atuava como repórter em outra emissora e pela segunda vez eu tive em fevereiro deste ano, de 2022. Descobri quando estava gravando uma reportagem. Fui até a Hidrelétrica de Estreito e eles têm o protocolo de fazer testes em todo mundo que entra na usina. Lá eu fui diagnosticado com Covid. Cumpri o isolamento recomendado e no trabalho eu tive medo até certo ponto, porque depois eu percebi que meu trabalho era muito importante e que eu não poderia parar de trabalhar na pandemia. O que a gente teve que fazer foi encarar de frente, deixar o medo de lado e tentar proteger os que estavam ao nosso redor seguindo os protocolos (SOUSA, 2022, informação verbal⁸¹).

A reincidência da doença também foi relatada pela jornalista Thárcilla Castro, que além de ser acometida, em São Luís, teve receio de perder a amiga e colega de trabalho, chefe de redação da TV Mirante, também diagnosticada com a doença em 2021.

Eu tive Covid, por duas vezes, inclusive. E foi bem difícil conviver com o medo que essa doença ainda nos transmite. Um dos maiores medos que tive foi em relação à minha família, afinal de contas eu era a mais exposta da minha casa, já que trabalho fora, mas graças a Deus e com muito cuidado não cheguei a transmitir a nenhum deles no período que tive a doença. Convivi com o medo de perder alguém que é muito importante nessa minha trajetória na TV Mirante,

⁸⁰ Entrevista concedida por Célia Fontenele. Entrevista IV. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021

⁸¹ Entrevista concedida por André Sousa. Entrevista VI. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

que é a nossa chefe de redação, Eveline Cunha, que mesmo com todos cuidados e seguidos os protocolos foi acometida por essa doença, ficou internada por muito tempo, mas que com a graça de Deus e com os cuidados médicos retornou para a sua família e para a sua rotina de trabalho. (CASTRO, 2022, informação verbal⁸²).

Além do jornalista Roberto Fernandes, que integrava o quadro de colaboradores do Bom Dia Mirante e não resistiu às complicações da Covid-19, a chefe de redação, Eveline Cunha, também desenvolveu a forma grave da doença. Ela ficou intubada por uma semana em tratamento contra o coronavírus. Atenta às notícias sobre a pandemia e às estatísticas dos casos graves, principalmente quando havia a necessidade de intubação⁸³ do paciente, ela temeu pela própria vida, mas se entregou ao tratamento.

Desde o começo eu senti aquele amor, aquele carinho dos profissionais comigo e de como na nossa profissão o perigo chega perto da gente e a gente precisa tocar pra frente. Na redação estava todo mundo apreensivo, mas ninguém podia parar de cobrir, de fazer o trabalho. E uma coisa engraçada é que quando o médico disse que eu tinha que ser intubada, eu tinha consciência da estatística, que de cada dez pessoas, oito morriam, mas eu disse, tem que ser? Então faça logo! (CUNHA, 2022, informação verbal⁸⁴).

Depois de deixar o hospital, a chefe de redação aderiu ao trabalho *home office*, por recomendações médicas, para restabelecer a saúde por completo.

O médico pediu pra eu passar um período em casa. Eu passei um mês de *home office*. Saí do hospital no dia 23 de junho, no dia 23 de julho de 2021 eu tomei a vacina e no dia 26 eu voltei a trabalhar. Quando eu cheguei fez fila, todo mundo na redação querendo me abraçar, a gente sabia que não podia, mas com todo cuidado porque ninguém queria abrir mão daquele momento, a gente se confraternizou e fomos tocando. Depois disso, passei a trabalhar direto, rotina normal porque a gente tem sempre aquela preocupação que a gente precisa informar bem.

A partir dos relatos dos integrantes do Bom Dia Mirante e da vivência na redação, foi possível verificar a importância do trabalho jornalístico neste período de

⁸² Entrevista concedida por Tharcilla Castro. Entrevista VIII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

⁸³ A intubação é um procedimento essencial na prática médica indicado quando há Insuficiência respiratória aguda; ventilação ou oxigenação inadequada; proteção de vias aéreas em paciente com rebaixamento de nível de consciência.

⁸⁴ Entrevista concedida por Eveline Cunha. Entrevista II. [dez. 2021]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. São Luís, 2021.

crise sanitária. Mas ao mesmo verificamos o quanto esses profissionais estavam expostos à doença na busca por informações para manter a sociedade bem informada sobre a realidade do Brasil e do mundo. Os desafios e os riscos foram vários. Houve adaptações na rotina produtiva e o trabalho foi se ajustando ao momento que se vivenciava e exigindo dos profissionais novas habilidades para conseguir realizar as atividades básicas do fazer jornalístico.

5.13 Apontamentos da pesquisa

A televisão e o jornalismo já não são os mesmos de uma ou duas décadas atrás. Pensar suas práticas na atualidade é algo bem mais complexo, com as mudanças que também resultam de evoluções e impasses na história das sociedades, como a pandemia da Covid-19, e dos meios que levam a TV e as práticas jornalísticas a se reinventarem. A internet foi colocando em xeque a arena fértil que se apresentava aos repórteres, quando estes sempre se faziam presentes no ambiente da notícia para colher depoimentos com riqueza de detalhes, olhar nos olhos do entrevistado, a olho nu, ouvir histórias ou apenas observar o lugar para compor a sua narrativa, sair da redação e ser testemunha ocular dos acontecimentos.

A rotina de trabalho que se repetia há décadas ganhou novas formas de apuração e foi alterada pelo fluxo de informações on-line, sem a presença física do repórter *in loco* para que a notícia fosse veiculada. De maneira peculiar, preservando a saúde dos profissionais em detrimento da informação, a pandemia mostrou, especialmente no primeiro ano do período de análise desta pesquisa, que é possível produzir notícia sem prejuízo de informação, ainda que a forma de produção seja fortemente alterada e impactada.

Os noticiários televisivos não deixam de fornecer informações e conhecimentos em suas representações dos fatos sociais transformados em notícias ao mesmo tempo que intervêm como atores sociais relevantes na organização do cotidiano da sociedade. A realidade representada e construída nos noticiários televisivos ainda é partilhada por audiências expressivas, formadas por diferentes grupos sociais e as emissoras de televisão cada vez mais exploram novas formas de interação com o público, ampliando as entradas ao vivo, investindo em formatos de

conversação mais flexíveis entre âncoras, repórteres e audiências e numa linguagem cada vez mais coloquial, combinando informação com entretenimento.

Há o incremento das relações com as redes sociais, oferecendo possibilidades de realização de comentários, compartilhamento de mensagens e consulta de vídeos; selecionando pautas e reportagens e acordo com o interesse do cidadão; e, especialmente, abrindo espaços para a participação das audiências como colaboradoras nos noticiários televisivos. Embora esses investimentos nem sempre resultem em diversidade de tratamento das informações, devido à maneira como a produção amadora é utilizada e à posição simbólica que os cidadãos ocupam nessas narrativas, revela-se uma clara tendência de valorização do testemunho nos noticiários televisivos.

Becker (2016) destaca inclusive por meio da atuação dos próprios repórteres, que agora não relatam apenas os fatos, mas as suas próprias experiências, fato observado nesta análise e relatado pelo jornalista Douglas Pinto, que trabalhou durante a pandemia de Covid-19 em *home office* e noticiou problemas vivenciados no bairro em que mora, na capital São Luís, com entradas ao vivo mostrando a realidade vista da janela de sua casa.

O uso do WhatsApp na apuração e principalmente no processo de produção, construção da notícia, é um facilitador, pois permite que o repórter fale com mais pessoas ao mesmo tempo e faça rondas de modo virtual, por meio da investigação de informações que chegam via grupos de WhatsApp. Isso transformou o aplicativo numa das principais ferramentas de mudança do modo de fazer jornalismo nas redações.

Apesar da valorização do vídeo amador, este recurso na produção das reportagens não confere real pluralidade de pontos de vista sobre determinado acontecimento. Nos telejornais locais as mudanças provocadas pelo imediatismo e necessidade de um fluxo maior de informação não resultam em uma relação menos hierarquizada entre os jornalistas e o público porque as audiências ainda não intervêm de maneira decisiva nos modos como as notícias televisivas são construídas na TV.

A inclusão da opinião dos telespectadores e usuários ainda parte da crítica e da editoria do próprio telejornal. De qualquer modo, o crescente uso das tecnologias digitais favorece a ressignificação das narrativas jornalísticas audiovisuais, e o deslocamento do receptor para o lugar de produtor tece novas formas de vínculos

entre esses sujeitos que fazem e consomem notícia. O que nos remete mais uma vez ao pensamento de Becker (2016), ao analisar os modos como as notícias são produzidas, circulam e são consumidas, revelando que tanto a retroalimentação de conteúdos e formatos entre as diferentes mídias quanto as atuais possibilidades de interação das audiências têm assegurado ao noticiário sua expansão como gênero informativo na era da convergência por meio de telas distintas e seu protagonismo nas enunciações dos acontecimentos.

Douglas Pinto resume a fala da maioria dos colegas quando diz que:

[...] o telejornalismo ganhou uma nova forma de trabalhar que mesmo depois da pandemia vai continuar. É lógico que tem uma qualidade maior o trabalho profissional, na cena, na iluminação, plano de câmera, tudo isso a gente vai continuar a fazer para ter um trabalho de qualidade, mas a partir do momento que houver uma impossibilidade de fazer isso, ou na rotina de trabalho, pela pressa, pela urgência de ter o material em mãos, se não for possível fazer produzido como era antes, a gente vai sempre contar com o vídeo que as pessoas mandam, com a entrevista que a gente faz pelo Skype, tudo foi uma mudança implementada agora que vai perdurar (PINTO, 2022, informação verbal⁸⁵).

A experiência serviu tanto para os jornalistas quanto para o cidadão, com o saber compartilhado que já modifica o trabalho colaborativo do telespectador e promete garantir mais qualidade ao produto jornalístico, nessa parceria fortemente praticada na crise sanitária da Covid-19.

Assim que começou a pandemia, não havia uma boa qualidade e alguns vídeos gravados ou transmitidos ao vivo não tinham e ainda não têm uma boa qualidade, no entanto, isso tá começando a melhorar. A gente vai utilizar essas ferramentas com maior frequência e mais qualidade, igual ou muito semelhante àquilo que a gente já faz hoje com as nossas câmeras profissionais que captam imagens com maior qualidade (SANTOS, 2022, informação verbal⁸⁶).

Essa visão também é partilhada pela produtora Thárcilla Castro. Ela acredita que as práticas e rotinas jornalísticas não vão voltar como antes. O trabalho com as tecnologias digitais, segundo a jornalista, deve crescer cada vez mais. Isso coloca

⁸⁵ Entrevista concedida por Douglas Pinto. Entrevista VII. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

⁸⁶ Entrevista concedida por Gil Santos. Entrevista V. [jan. 2022]. Entrevistadora: Tátyna Viana Barbosa. Imperatriz, 2022.

os profissionais da área em um processo de readequação do fazer profissional e o bom proveito dessas novas possibilidades que chegaram para agregar na produção.

O que há de se concordar com todos os entrevistados nesta pesquisa é que o telejornalismo se reinventou e se adaptou ao cenário da pandemia como protagonista e essencial para que informações verdadeiras, que mostravam caminhos alternativos para o fim da pandemia com os cuidados necessários no primeiro momento e à medida que a ciência abria esses caminhos. A pandemia evidenciou o papel do jornalismo profissional como fonte de informação confiável e de combate à *fake news* e, além das pautas que em sua maioria se encaixavam na editoria de saúde, os noticiários de um modo geral, acompanhando as realidades locais, nacional e mundial, cumpriram a sua missão de informar.

As afirmações dos entrevistados nos abrem passagens para novas formas do fazer jornalístico, eficazes em contextos inimagináveis, como a pandemia da Covid-19, e viáveis como alternativas práticas, ainda que seja decretado o fim dela. As rotinas jornalísticas, a exemplo do Bom Dia Mirante, devem ser cada vez mais permeadas pelas tecnologias digitais. O público também deve ser mais incorporado no processo produtivo do telejornalismo, não só enviando materiais, mas se expressando e se envolvendo com os produtos telejornalísticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia desta pesquisa surgiu da minha experiência, enquanto jornalista que atua na televisão há 14 anos, observando mudanças e percebendo cada vez mais a dependência dos profissionais de ferramentas tecnológicas para que a produção da notícia acompanhe o ritmo frenético das informações. Mas coincidiu com um período que, apesar de obscuro, com 686.640 mortes a provocadas pela Covid-19 no Brasil desde o início da pandemia até 5 de outubro de 2022, clareou novas possibilidades em um contexto de muitas adversidades jamais experimentadas pela sociedade.

Os efeitos do isolamento social provocaram, em vários aspectos, impactos profundos principalmente nas rotinas dos indivíduos e das instituições. Mas no primeiro estágio desse cenário inédito, ainda que afetados direta e indiretamente pela pandemia, os jornalistas brasileiros continuaram o seu trabalho e cumpriram um relevante papel na divulgação de informações verdadeiras sobre o Coronavírus, passando a olhar mais para si em busca de saídas para seguir cumprindo o papel de informar. Um dos efeitos percebidos, inicialmente, foi a reaproximação do público com as mídias tradicionais, que operaram como uma das vidraças para o que acontecia no mundo.

Depois de observar e ouvir os relatos de profissionais que continuaram trabalhando para levar informação à população maranhense por meio do telejornal Bom Dia Mirante, em um período de dois anos, foi possível identificar algumas mudanças, sintetizadas a seguir, considerando que já era tradicional, no jornalismo, que o profissional fosse aonde existisse um fato gerador de notícia em busca de informações de forma mais clara e objetiva para levar um tema ou assunto ao alcance do público, atuando na construção social da realidade, mas o acesso a determinados locais tornou-se inviável com a disseminação do vírus SARS-CoV-2.

As entrevistas on-line e realizadas por meio de dispositivos móveis, já presentes nos telejornais, principalmente de veiculação nacional, antes da pandemia, porém, de forma mais tímida, a partir da declaração de transmissão comunitária no Brasil da Covid-19 tornaram-se o principal recurso nesse período, na construção das telerreportagens, substituindo também a presença dos entrevistados no estúdio do Bom Dia Mirante. No caso específico do programa, as entrevistas on-line, ao vivo, por meio do *software* Skype, começaram a ser realizadas por força da pandemia sem qualquer preparação ou familiarização dos profissionais que atuam

nos bastidores, principalmente editores, dependendo do suporte técnico da equipe de engenharia da empresa para que tudo desse certo. Esta é considerada nesta pesquisa uma inovação na rotina produtiva do Bom Dia Mirante, como prática reconfigurada que, mesmo após o período de análise, é continuada em um cenário completamente diferente do que se via há dois anos, antes que começasse a vacinação contra a Covid-19 no Brasil.

A participação do público telespectador por meio do vídeo amador não é uma questão recente. Mas nesse período, o uso de materiais audiovisuais produzidos pelo cidadão, pela fonte jornalística, já bastante comum nos telejornais, no programa Bom Dia Mirante foi muito além do envio espontâneo e voluntário, com a provocação dos apresentadores, produtores e repórteres pelo material colaborativo. O que mudou e foi intensificado na pandemia foi a forma de interação e de participação do público, sua interferência no processo de produção, exercendo muitas vezes a função do repórter cinematográfico e, por vezes, sem o crédito que garante a sua representatividade no processo de construção da notícia.

Esse trabalho colaborativo vem sendo cada vez mais incentivado no telejornalismo pelos suportes tecnológicos. E além de solicitar o material, os profissionais precisaram orientar o entrevistado sobre a melhor forma de produzir aquele vídeo, pois, para muitos, não é algo com que eles estivessem familiarizados. Foi necessário explicar sobre enquadramento, posicionamento do celular, do computador, reforçar a necessidade de um ambiente iluminados, um local sem ruídos. A qualidade de imagem e som, tão relevante para a televisão, ficaram em segundo plano priorizando a informação como algo proeminente. Outra prática que se fortalece, apontada nesta pesquisa, buscando imagens com mais qualidade, ainda que estas sejam feitas por cinegrafistas amadores, a própria audiência.

Com a ascensão do *smartphone* e dos aplicativos de mensagem, o público está cada vez mais próximo do telejornalista pela facilidade do envio de informações e imagens. Mas cabe aqui destacar o que foi enfatizado pelos entrevistados, que o fato de uma pessoa participar do processo de construção da notícia, seja com imagens ou sugestões de pautas, não o torna um produtor de notícias ou um jornalista.

A quebra de hierarquia, com o microfone na mão do entrevistado demonstra também a protrusão de uma convenção, antes institucionalizada nas emissoras de televisão. Repórter e entrevistado na mesma posição, este último agora tem a

liberdade de falar e não ser “cortado” pelo repórter porque também detém a posse de um microfone. A máscara, recomendada a todas as pessoas, independentemente de estarem ou não no exercício da profissão, quando usada pelos jornalistas de televisão em espaços abertos, sem aglomeração ou pessoas próximas, destaca a importância e a responsabilidade social do telejornalista ao reforçar essa prática como protocolo sanitário. Estas novas práticas deram uma nova estética ao telejornal e, especialmente em situações que ameacem a saúde pública, como o de risco de contágio por vírus, podem ser implementadas na rotina produtiva para que o exercício do jornalismo com os repórteres nos locais em que acontecem a notícia e próximo dos entrevistados aconteça de forma mais segura.

Os olhares e ouvidos dos repórteres passaram a ficar mais tempo voltados e atentos para as telas dos dispositivos móveis. A principal ferramenta de comunicação na rotina para as demandas de produção, envio de conteúdo e ajustes técnicos das entradas ao vivo dos repórteres se passa via WhatsApp. Observamos a adoção da prática do home office, cumprindo as necessidades momentâneas no cenário de crise sanitária, por alguns jornalistas do Bom Dia Mirante, intensificando, também, o uso do aplicativo de mensagens para o envio de conteúdo à redação, ou mesmo ao vivo, como aconteceu com a participação do jornalista Douglas Pinto, ao fazer links de casa.

Embora a questão da precarização do jornalismo não tenha sido citada pelos jornalistas, nem era o foco de estudo desta pesquisa, as facilidades e as inovações geradas pelas tecnologias, com o uso frequente do WhatsApp, os jornalistas acabam tendo menos tempo de descanso por causa da ferramenta utilizada fora do expediente de trabalho, já que a carga horária para os jornalistas da TV Mirante de São Luís é de seis horas. No grupo de WhatsApp da redação do Bom Dia Mirante, o programa começa a ser exibido às 6h e os profissionais chegam à redação antes desse horário, portanto as mensagens do dia começam por volta de 5h e quase sempre passam das 22h.

Ainda não chegamos ao fim da pandemia e só após esse período decretado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) será mais fácil precisar quais dessas mudanças, de fato, vão permanecer, deixando de ser uma adaptação temporária diante da necessidade do momento de crise sanitária. O que está sendo reconfigurado na gramática do telejornalismo mostra-se suficientemente eficaz para permanecer? Indo além do recorte temporal de análise feito nesta pesquisa, o Skype

continua sendo um recurso frequente na realização de entrevistas, usado quase que diariamente passado o período mais crítico de contágio e mortes por Covid-19.

O desenvolvimento e avanço tecnológico, as atuações das audiências e o papel sociocultural que a televisão exerce em diferentes contextos também contribuem para as mudanças do meio. Essas complexas e dinâmicas relações, nos sugerem algumas pistas sobre o futuro do telejornalismo, com as aspirações e experiência dos jornalistas entrevistados nesta pesquisa, que visualizam o que deve ficar como prática implementada na pandemia.

Com os depoimentos de jornalistas e suas experiências, além de servir para o registro histórico do que foi vivido pela categoria e de como cada um e cada uma passou por essa experiência, acreditamos que este estudo se faz relevante por compreender as características que foram acrescentadas aos telejornais e suas particularidades de produção que impactam na construção diária da notícia.

A pesquisa pretende contribuir para a história e o ensino do telejornalismo no país demonstrando esse momento que também exige novas competências no telejornalismo regional e, portanto, ser complementada com novos olhares e pesquisas sobre a permanência destas e outras práticas do universo televisivo que venham a ser identificadas nesse período de crise sanitária, ou que possam surgir a partir da pandemia da Covid-19. O fenômeno aqui serve de referência e pode ser apontado como marco histórico na análise de como as rotinas produtivas foram alteradas, em um comparativo do fazer jornalístico do passado e do presente considerando ainda que a pandemia se trata de um processo em andamento.

O telejornalismo se reinventa na apropriação de tecnologias digitais que resultam em uma atualização da linguagem, mais informal do que a que já vinha sendo praticada e com mais improvisos, além de uma interação cada vez maior com a audiência. Se a sociedade vive em constante mudança, o jornalismo, como parte dela, também é impactado pelas novas tecnologias. Mas as mudanças que precisaram ser feitas em um curto espaço de tempo não permitiram que muitos profissionais fossem treinados para o uso de tecnologias como o Skype. Eles tiveram que aprender na prática como manusear a ferramenta utilizada para as entrevistas remotas.

Isso nos leva a destacar a necessidade de preparação e capacitação dos jornalistas, principalmente quanto ao uso de tecnologias, tendo em vista que elas não se dissociam mais deste campo e os investimentos e atualizações de *softwares*

e outros instrumentos tecnológicos são constantes. A pesquisa mostrou ainda que a TV Mirante, afiliada à Rede Globo, com o telejornalismo de caráter regional, demorou a utilizar esses recursos tecnológicos, adotando-os de forma abrupta diante da necessidade do momento.

Tomando por base a própria Rede Globo e a orientação para as afiliadas seguirem o mesmo padrão, a emissora se mostrou desatualizada quanto ao aparato tecnológico antes disponibilizado na rotina produtiva do Bom Dia Mirante, pois o *software* só passou a ser utilizado para as entrevistas ao vivo e on-line após a orientação do distanciamento social, para minimizar os riscos de contágio do coronavírus. Uma prática que já era comum em telejornais nacional, como Jornal Nacional.

Por fim, ressaltamos que esta pesquisa não tem o intuito de esgotar este assunto, mas de trazer um registro histórico e uma visão de dentro da empresa sobre as mudanças que ocorreram com o surgimento da pandemia do novo coronavírus. Esta pesquisa é um ponto inicial para outras reflexões sobre a os usos das tecnologias no contexto telejornalístico regional, as novas habilidades e exigências impostas aos profissionais de TV, bem como as alterações na rotina produtiva por conta de uma crise sanitária sem precedentes. Esperamos que esta contribuição possa estimular novos estudos e análises de cunho comparativo com outras realidades e emissoras. Ou pesquisas que se voltem para um olhar etnográfico das práticas jornalísticas no contexto do telejornalismo e das tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, S. (2016). **Territórios do Jornalismo**: Geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis: Vozes. Editora PUC-Rio.
- ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ALVES, M. **O percurso do amador para integrar o “mundo do telejornalista”**: uma análise dos vídeos colaborativos que participam da notícia televisiva. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- ATLAS DE COBERTURA REDE GLOBO (Maranhão). **Área de cobertura**. Maranhão, 2020.
- BARBEIRO, H.; LIMA, P. **Manual de Telejornalismo**: os segredos da notícia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.
- BARDOEL, J.; DEUZE, M. 'Network journalism': Converging competencies of old and new media professionals. **Australian Journalism Review**, v. 23 , n. 3, p. 91-103, dez. 2001.
- BARROS, A.; DUARTE, J. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- BARSOTTI, A. **Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas**: o jornalista on-line como mobilizador de audiência. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- BAZI, R. E. R. (2001). **TV Regional: Trajetórias e perspectivas**. Campinas: Alínea.
- BECKER, B. **Televisão e Telejornalismo**: Transições. São Paulo: Estação da Letras e Cores, 2016.
- BRANDÃO, N. G. **O Espetáculo das Notícias**: a televisão generalista e a abertura dos telejornais. Lisboa: Editorial Notícias, 2010.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BUENO, T. Mapeamento como método de Interpretação. *In*: ITAÚ CULUTRAL. **Mapeamento dos programas de treinamento em Comunicação em 2012**: relação necessária academia e mercado. São Paulo: Itaú Cultural, 2012. p. 98-100.
- BUENO, T.; DUTRA, C. R. E. O Papel das Redes Sociais na Rotina Produtiva das Empresas Jornalísticas de Imperatriz. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 15., 2013. **Anais [...]**. Mossoró: Intercom, 2013. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0248-1.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2020.

BUENO, Thaísa Cristina; REINO, Lucas Santhiago Arraes. **Ciberjornalismo em dispositivos móveis**: uma análise da conjuntura brasileira. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 5, n. 10, 2018. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/15741>. Acesso em: 29 out. 2021.

BRUNS, A. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 119–140. 2011.

CABRAL, E. D. T. Entre o local e o global: estratégias dos conglomerados de mídia no Brasil. **Eptic**, Aracaju, v. 18, n. 3, p. 76-94, 2016.

CABRAL, Á. M. A edição não linear digital e a construção da notícia no telejornalismo contemporâneo. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2009, Natal. **Anais [...]**. Natal: Intercom, 2009. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-1148-1.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2020.

CANAVILHAS, J. Del gatekeeping al gatewatching: el papel de las redes sociales en el nuevo ecosistema mediático. *In*: IRIGARAY, F.; CEBALLOS, D.; MANNA, M. (org.). **Periodismo Digital**: convergencia, redes y móviles. Rosario: Laborde Libros Editor, 2011.

COELHO, T. F. Twitter: como uma nova mídia modificou a rotina produtiva de jornalistas em Teresina. *In*: PEREIRA, S. (org.). **Actas do 1º Congresso Nacional Literacia, Media e Cidadania**. Braga: Lasics, 2011. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/lmc/article/view/487/458>. Acesso em: 28 out. 2021.

COSTA, R. B. **Sistema Mirante de Comunicações**: elementos para uma trajetória crítica do grupo. 2008. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2008.

DANTAS, S. (2018). **O que há de regional na programação do Jornal Hoje?** Representatividade do Nordeste na mídia nacional (Trabalho de Conclusão de curso). Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Imperatriz, MA, Brasil.

DEUZE, M. What is Multimedia Journalism? **Journalism Studies**, v. 5, p. 139-152, 2004.

DUARTE, E. B. Telejornais, balanço de suas perspectivas atuais. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 29., 2020, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: Compós, 2020. Disponível em:

http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_ZAOJACJY17ICH5QOGQNN_30_8251_11_02_2020_13_58_46.pdf. Acesso em: 27 nov. 2020.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62- 83.

FERREIRA, F. **O papel factual nos processos de agendamento e enquadramento no telejornal**. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

FERREIRA, P. A.. **Whatsapp, Extra?** O uso de novas tecnologias no jornalismo impresso. 2014. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FIGARO, R. *et al.* Como trabalham os comunicadores na pandemia da Covid-19? **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**. v. 3, p. 1-39, 2020.

FILGUEIRAS, I. O bom jornalismo contra a desinformação. *In*: FILGUEIRAS, I.; RIBEIRO, R.; PINHEIRO, H. (org.). **Jornalismo em tempos de pós-verdade**. 1 ed. Fortaleza: Dummar, 2018.

FILHO, C. M. Fake news: o buraco é muito mais em baixo. *In*: Figueira, J.; Santos, S. (org.). **As fake news e nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARCIA, L. R.; DUARTE, E., **Infodemia**: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. Brasília: Epidemiologia e Serviços da Saúde, 2020.

GIEBER, W. Across the Desk: A Study of 16 Telegraph Editors. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 33, n. 4, p. 423-432, 1956.

GILMOR, D. **We, the media**. Lisbon: Editorial Presence, 2004.

GUZZONI, J. (2001). A comunidade na TV: uma análise sobre a regionalização da notícia e o processo de participação popular. Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil, 24.

HERREROS, M. C. **Información Televisiva**: mediaciones, contenidos, expresión y programación. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. Tradução Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H; GREEN, J; FORD, S. **Cultura da Conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

- KURTH, E. (2006). Representação das emissoras regionais na grade nacional de programação das redes de televisão. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, 3(1), 91-98. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2245/1947>. doi: <https://doi.org/10.5007/%25x>
- LAGE, N. **Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record Editora, 2001.
- LAGE, N. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- LEMOS, A. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. **Razón e Palabra**, México, n. 41, 2004.
- MAFFESOLI, M. (2003). **A comunicação sem fim** (teoria pós-moderna da comunicação). Revista Famecos, 10(20), 13-20. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3198/2463> doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2003.20.3198>
- MARCONDES FILHO, C. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Morderna, 1988.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação dos dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARTINS, E. Convergência e narrativa transmídia no jornalismo: transformações nas práticas e no perfil dos profissionais. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 184-203, 2015.
- MATTOS, S. **História da Televisão Brasileira**: uma visão econômica social e política. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MATTOS, S. (2012). **A Diversidade e o Regionalismo na Televisão Brasileira**. Bibliocom, 4(1), 18-28. Recuperado de <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/view/1196/1116>
- MESQUITA, G. B. **Intervenho, logo existo**: a audiência potente e as novas relações no jornalismo. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 14 ed., São Paulo: Cultrix, 2005.
- MCNELLY, J. T. Intermediary communicators in the international flow of news. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, v 36, n. 1, p. 23-26, 1959.

MÉDOLA, A. S. L. D. Televisão digital brasileira e os novos processos de produção de conteúdos: os desafios para o comunicador. **E-Compós**, v. 12, n. 3, p. 1-13, 2009.

MEIRELES, I. L. P.; COELHO, T. F. O uso do WhatsApp nas rotinas produtivas do Portal O Tempo. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 8., 2014, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Abciber, 2016. P. 1-12. Disponível em: https://abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/tamires_ferreira_coelho_181.pdf. Acesso em: 30 jul. 2020.

MINAYO, M. C.; DESLANDS, S. F. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MUSSE, C. F.; PERNISA, M. B. Telejornalismo: novos formatos no cenário de crise da TV aberta. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-12, 2011.

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV**. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PEREIRA, F. H.; NEVES, L. M. A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. **Intexto**, Porto Alegre, n. 29, p. 35-50, 2013.

PERUZZO, C. Observação participante. *In*: Duarte, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, Atlas, 2005. p. 125-145.

PERUZZO, C. M. K. (2005). **Mídia regional e local**: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*, 26(43), 67-84. Recuperado de <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/CSO/article/view/8637/6170> doi: <http://dx.doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v26n43p67-84>

REZENDE, G. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SECRETARIA DE SAÚDE monitora um caso suspeito do coronavírus no Maranhão. 2020. Disponível em: <https://www.saude.ma.gov.br/destaques/secretaria-de-saude-monitora-um-caso-suspeito-do-coronavirus-covid-19-no-maranhao/>. Acesso em: 23 out. 2020.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Combook, 2011.

SHOEMAKER, P. J.; VOS, T. P. **Teoria do gatekeeping**: seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, E. M. Fases do Jornalismo: uma proposta epistemológica. *In*: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. (Org.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. p. 19-36.

SILVA, A. M.; ALVES, Y. M. Telejornalismo expandido nas mídias sociais: o SporTV na cobertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. **Temática**, v. 13, n. 09, p. 124-138, João Pessoa, 2017.

SILVA, E. G. da; BEZERRA, E. P. Dispositivos móveis como potencializadores da televisão digital interativa: desafios e usos da segunda tela no telejornalismo. **Revista Geminis**, v. 4, n. 1, 2013, p. 127 – 144.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, 2005. p. 95-107.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. *In*: SILVA, G. *et al.* (Org.). **Críticos de Noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014. p. 51-69.

SIMÕES, C. F. (2011). **TV a cabo, TV aberta e regionalização da televisão brasileira nos anos 90**. Revista Eptic, 8(3), 129-151. Recuperado de <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/270>.

SIQUEIRA, E. **Para compreender o mundo digital**. São Paulo: Globo, 2008.

SIQUEIRA, F. C. de; VIZEU, A. Jornalismo em transformação: as escolhas dos formatos de notícias na TV. *In*: VIZEU, A. *et al.* **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 53-76.

SIQUEIRA, F. C. **O efeito de participação do real representado e o surgimento de um novo valor-notícia**: o flagrante único de coprodução no telejornalismo. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SIQUEIRA, F. C.; MONTEIRO, P. **Jornalismo em tempos de pandemia**: Reconfigurações na TV e na Internet. João Pessoa: UFPB, 2020.

SOARES, T.; ONOFRE, R. L. Telejornalismo e WhatsApp: construindo a notícia. **Âncora – Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 3, n. 2, p. 68-106, 2016.

SODRÉ, M. **A Narração do Fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, M. **O facto salto**: do factóide às fake news. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2019.

SOUZA, J. C. A. de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

SKYPE. **O que é Skype?** Disponível em: <https://support.skype.com/pt/faq/FA6/o-que-e-skype>. Acesso em: 22 dez. 2020.

TEMER, A. C. R. P. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. *In*: VIZEU, A.; PORCELLO, F; COUTINHO, I. (Org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010, p.101-126.

THIOLLENT. M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

THIOLLENT, M. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. *In*: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 82-103.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1990.

TELLAROLI, T.; LIMA, A. C. Telejornalismo na era da convergência: a participação do público pelo Whatsapp no “Bom Dia Ms” de Campo Grande, MS. **Contracampo**, Niterói, v. 38, n.3, p. 80-93, 2020.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

TRAQUINA, N. **O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

VIZEU, A. E. Jornalismo e representações sociais: algumas considerações. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 30, 2006.

VIZEU, A. E.; CORREIA, J. C. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. *In*: VIZEU, A. E. **A Sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 11-28.

VIZEU, A. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 5 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

VIZEU, A. E.; CERQUEIRA, L. “O lugar de referência” do telejornalismo local: o papel dos saberes, dos dispositivos didáticos e da temporalidade. *In*: COUTINHO, I.; EMERIM, C. **Telejornalismo Local: Teorias e Conceitos**. Florianópolis: Insular, 2019. p. 41-60.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

WHATSAPP. **Sobre o WhatsApp**. 2022. Disponível em:
<https://www.whatsapp.com/about>. Acesso em: 22 jan. 2022.

WHITE, D. M. The “Gatekeeper”: A Case Study In the Selection of News. *In*:
DEXTER, L. A.; WHITE, D. M. (Org.). **People, Society and Mass Communications**.
London, 1964.

ZANOTTI, C. A. Jornalismo colaborativo, gêneros jornalísticos e critérios de
noticiabilidade. **Revista Comunicação Midiática**, v. 5, n. 1, p. 28-41, 2010.

APÊNDICE A

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Identificadores

- Nome:
- Profissão:
- Área de formação:
- Idade (em anos completos):
- Atual atividade profissional:

Perguntas

1. Descreva qual a sua função e as atividades que desempenha na rotina produtiva do Bom Dia Mirante.
2. Como a pandemia da Covid-19 afetou a sua rotina, como profissional que trabalha no Bom Dia Mirante?
3. Quais as principais ferramentas tecnológicas utilizadas em sua rotina de trabalho? Alguma ferramenta nova foi incorporada durante a pandemia da Covid-19 ou passou a ser mais utilizada nesse período?
4. Em sua opinião, quais as principais mudanças na emissora, especialmente na rotina produtiva do Bom Dia Mirante, desde o início da pandemia?
5. Pensando no processo de construção da notícia, começando pela sugestão de pauta, apuração, relacionamento entre as praças, canal interativo com a audiência, qual o papel do WhatsApp como ferramenta utilizada na rotina produtiva do Bom Dia Mirante?
6. O Bom Dia Mirante tem um número de WhatsApp específico disponibilizado para o telespectador. Como funciona a checagem e seleção do que pode virar notícia no telejornal? A maioria das informações é aproveitada na produção de conteúdo?
7. Quais os critérios para a utilização de fotos e vídeos enviados pelo telespectador tanto em reportagens quanto nas chamadas ao vivo, durante os links?

8. Qual a importância da integração do telejornal com outras praças, no que se refere à construção do telejornal, e como a tecnologia auxilia nesse processo?
9. Existe uma orientação pela atualização tecnológica dos profissionais de jornalismo que compõe a equipe do telejornal?
10. No atual cenário de ampla circulação de informações e de *fake news*, como lidar com o desafio de informar um telespectador que têm acesso rápido a informações em outras plataformas?
11. Que mudanças na rotina produtiva a pandemia trouxe e você acredita que elas devem perdurar, ditar uma nova forma de fazer jornalismo, ou logo tudo volta a ser como era antes?
12. Por fim, gostaria de relatar algo importante, com base no tema da entrevista, que não foi colocado?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A presente pesquisa, sob o título “RECONFIGURAÇÕES DE PRÁTICAS NO TELEJORNALISMO DO MARANHÃO NA PANDEMIA DA COVID-19” está sendo realizada em 2021, no âmbito do Mestrado em Comunicação, da UFMA – Campus Imperatriz, sob a orientação da professora doutora Letícia Conceição Martins Cardoso, e terá, como procedimento metodológico pesquisa de campo com entrevistas individuais. Em linhas gerais, a pesquisa pretende entender as transformações e as práticas na rotina produtiva da TV Mirante, durante a pandemia da Covid-19.

O resultado do estudo será apresentado como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Maranhão. Em concordância com o pesquisador, o entrevistado autoriza a gravação do depoimento em áudio e/ou vídeo e, posteriormente, a publicação do conteúdo. Fica assegurada ao entrevistado a possibilidade de manter contato com o pesquisador responsável pelos dados, para esclarecimentos necessários. Para isso, os dados para contato são:

Tátyna Viana Barbosa, residente na rua Topázio, Quadra 14, Casa 14, Residencial Por do Sol, Bairro Santa Inês, em Imperatriz – Maranhão, CEP email: tatyna@miranteimperatriz.com.br

Desse modo, o entrevistado subscreve o formulário abaixo autorizando o uso de seus relatos no referido trabalho acadêmico.

Eu, _____, Carteira de
 identidade nº _____, endereço
 _____,

telefone _____, venho, por meio deste, comprovar minha participação voluntária na pesquisa realizada pela mestrande Tátyna Viana Barbosa, da Universidade Federal do Maranhão, intitulada. Estou ciente de que me submeterei a responder as entrevistas de maneira voluntária e verídica, no que tange a finalidade

desta pesquisa. Estou ciente, também, que posso deixar de responder qualquer pergunta sem que nenhuma implicação recaia sobre mim, além de concordar, para fins científicos, com a utilização das informações obtidas nesse estudo.

Assinatura

Cidade

Data: